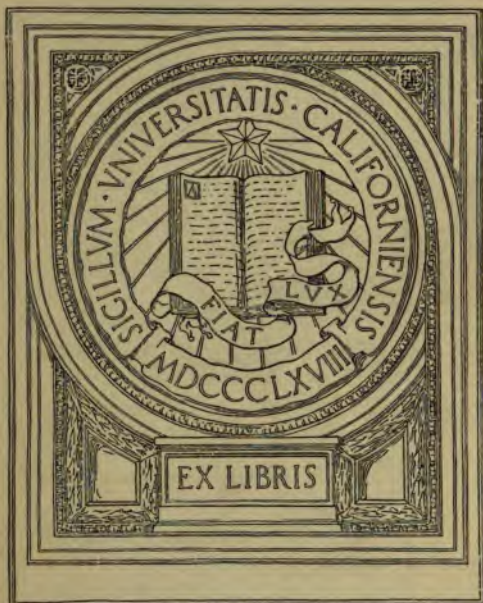
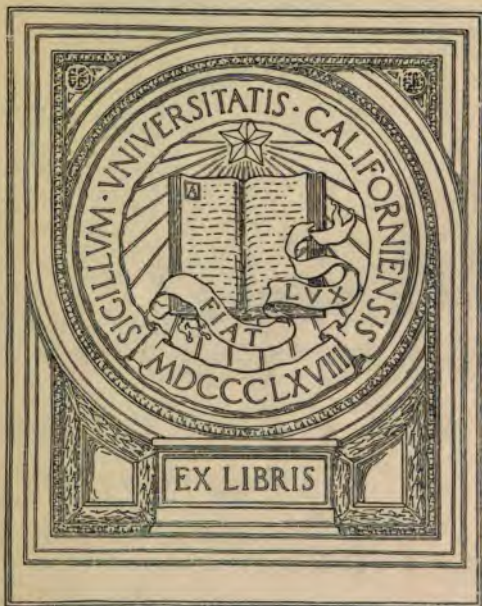
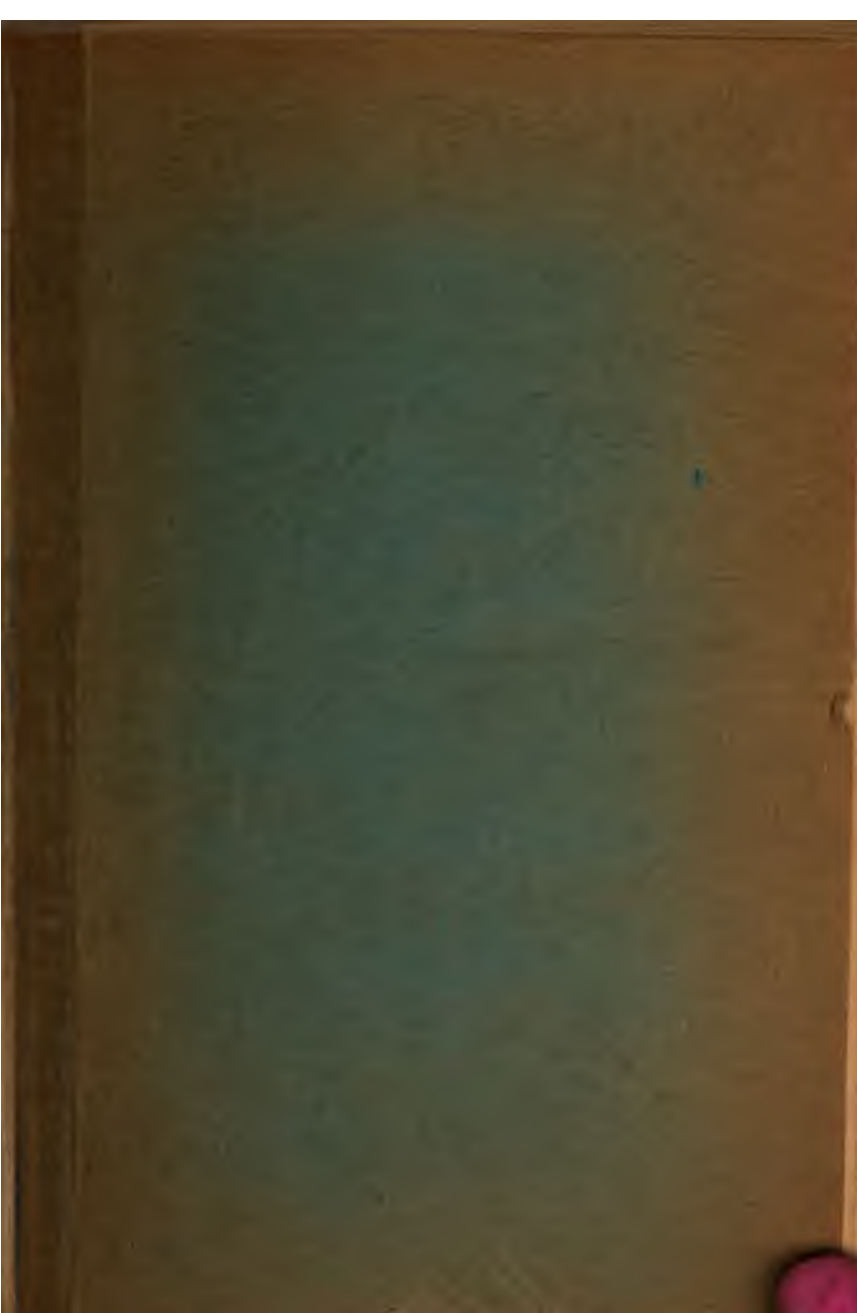
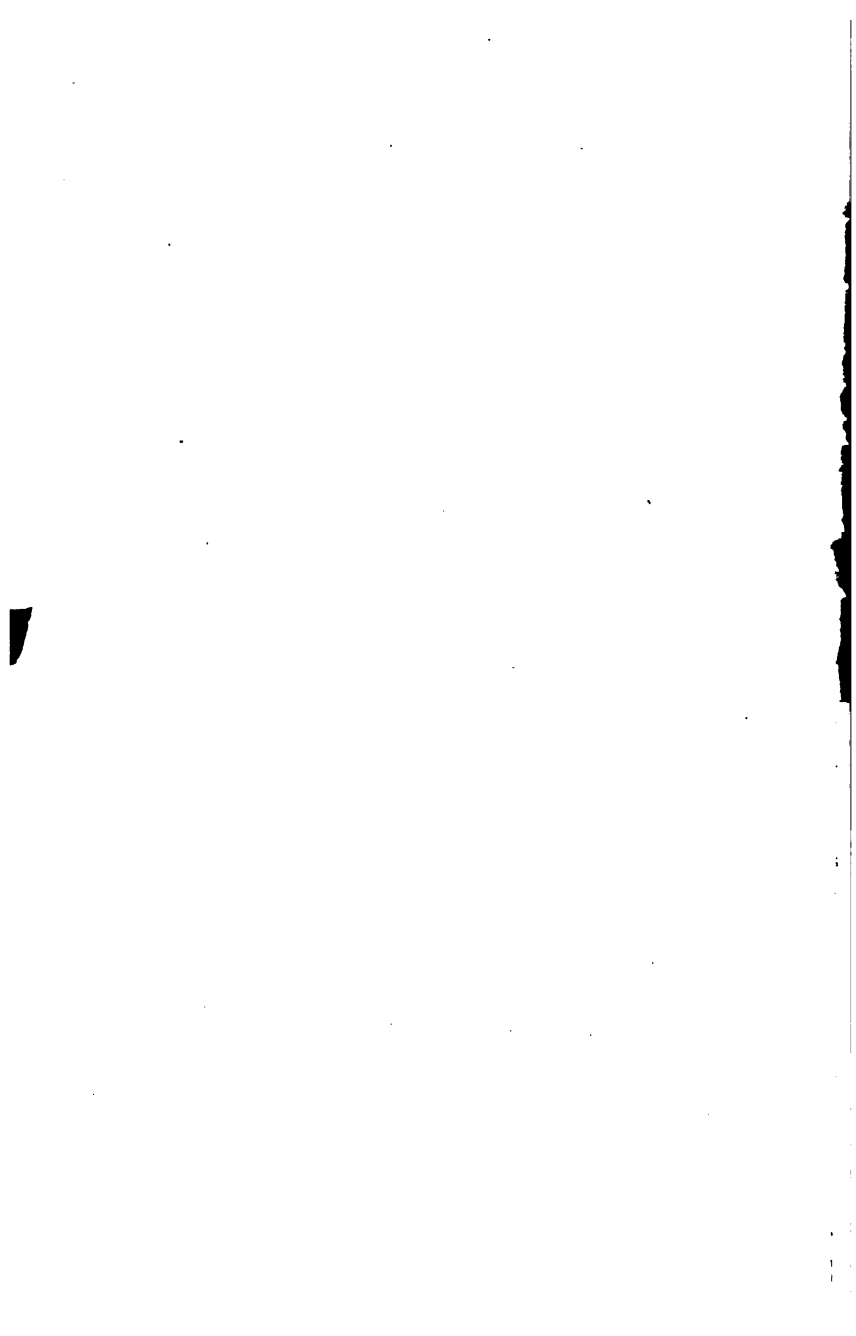
UC-NRLF
$B 119 427
COLLECÇÃO DOS AUTORES CELEBRES
DA
LITTERATURA BRASILEIRA
MELLO MORAES FILHO
SERENATAS
E SARÁUS
LIVRARIA GARNIER
RIO DE JANEIRO

SERENATAS E SARÁUS

SERENATAS

E SARÁUS

COLLECÇÃO DE AUTOS POPULARES,
LUNDÚS, RECITATIVOS, MODINHAS, DUETOS, SERENATAS,
BARCAROLAS E OUTRAS PRODUCÇÕES
ESPECIALMENTE BRASILEIRAS
ANTIGAS E MODERNAS

Com uma explicativa dos assumptos de cada volume

POR

MELLO MORAES FILHO

II

RECITATIVOS — DIALOGOS E MONOLOGOS — CANÇONETAS
SCENAS DRAMATICAS — SCENAS COMICAS

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71-73, RUA DO OUVIDOR, 71-73 | 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
RIO DE JANEIRO | PARIS

1902

PREFACIO

Corria o anno de 1856.

Precedido de bonito nome intellectual e de familia, chegára ao Rio de Janeiro um rapaz distinctissimo que, a principio folhetinista do « Correio Mercantil », entrou depois para o theatro, sendo a arte dramatica o motivo constante de suas preoccupações. Chamava-se elle — Luiz Candido Furtado Coelho.

Não só actor como poeta, dramaturgo e musico, esse escolhido artista e homem de lettras consagrára desde logo á scena o melhor do seu talento, já tornando-se notavel nas interpretações dos mais difficultosos papeis da escola realista, já offerecendo ao publico producções de lavra propria, como autor dramatico e como compositor de musicas adaptadas em sua maior parte a varias peças.

A esta feição de sua mentalidade, deve a musica, no Brasil, os *recitativos*, por isso que o primeiro que se passou da scena para os salões foi o intitulado *Elisa*, poesia de Bulhão Pato, a qual o festejado actor logrou popularisar, escrevendo, para esses bellos versos, o

inspirado acompanhamento que os tornou, desde a primeira exhibição, correntes em todo o paiz.

E por tal fórma influiram na nossa musica as recitações ao piano, que muitissimas foram as poesias que appareceram em seguida, com o mesmo rythmo e para igual fim, e variadissimos tambem os trechos musicaes propositalmente escriptos e rythmados a acompanhamentos; estes e aquellas, entretanto, revelando suas immediatas procedencias.

Como scintillações brilhantes d'aquelle fóco, os applausos jámais lhes escassearam, persistindo, porém, como typo litterario e musical, o

Era no outono quando a imagem tua...

que, não obstante a evolução dos nossos cantares, se ouve ainda, especialmente no Norte, declamado ao piano, ou ao violão, com a musica primitiva.

Tamanha foi a aceitação, repetimos, que do 2º volume da « *Cantora Brasileira* », comprehendendo apenas *recitativos*, foram estes aproveitados em sua maioria pelo editor das *Serenatas e Saráus*, como indispensaveis á sua collectanea de trovares.

O mesmo que se dera com a *Elisa* de Bulhão Pato e musica de Furtado Coelho, vêmos presentemente reproduzido com as cançonetas, tangos, monologos, trechos de operetas, de magicas, de revistas, originaes ou imitadas por Augusto de Castro, França Junior, Arthur Azevedo, Machado de Assis, Vasques, Garrido, Acacio Antunes, Bartholomeu Magalhães, Reis, Moreira Sampaio, e outros; frag-

mentos esses que, uma vez victoriados no palco, trasladaram-se para os salões, onde são apreciados com as toadas geralmente sabidas de cór, não obstante grande numero de edições impressas por ahi se encontrarem á venda nos estabelecimentos especiaes.

Não resistindo a essa tentação que nos veio directamente da França, excellentes compositores nossos, taes como Henrique Mesquita, Arthur Napoleão, Francisca Gonzaga, Costa junior, Cavalíer, Francisco Braga, Capitani, etc., escreveram para identicas producções inspiradas *partituras* e trechos, que até esta data constituem verdadeiro deleite em nossas reuniões familiares.

Incluindo excerptos poeticos dos primeiros, o senhor H. Garnier não só preenche sensivel lacuna, como tambem introduz no seu livro mais um elemento seguro de vulgarisação e successo.

Na ausencia completa de theatro em que se acha esta capital, porém como uma invocação de sombras quando se está no vácuo, velhos amadores da arte e certa mocidade que ainda possue idéaes, procuram alentar uma flamma quasi extincta, fazendo resurgir em modestos theatrinhos de arrabaldes e em acanhados palcos de habitações particulares, pequenas comedias e scenas comicas, como uma revivescencia das passadas e gloriosas noites do theatro fluminense.

Compilar o que, no genero, e n'esse proposito existe, formando um livro, seria emprehendimento difficil, e sem interesse aos intuitos desta obra.

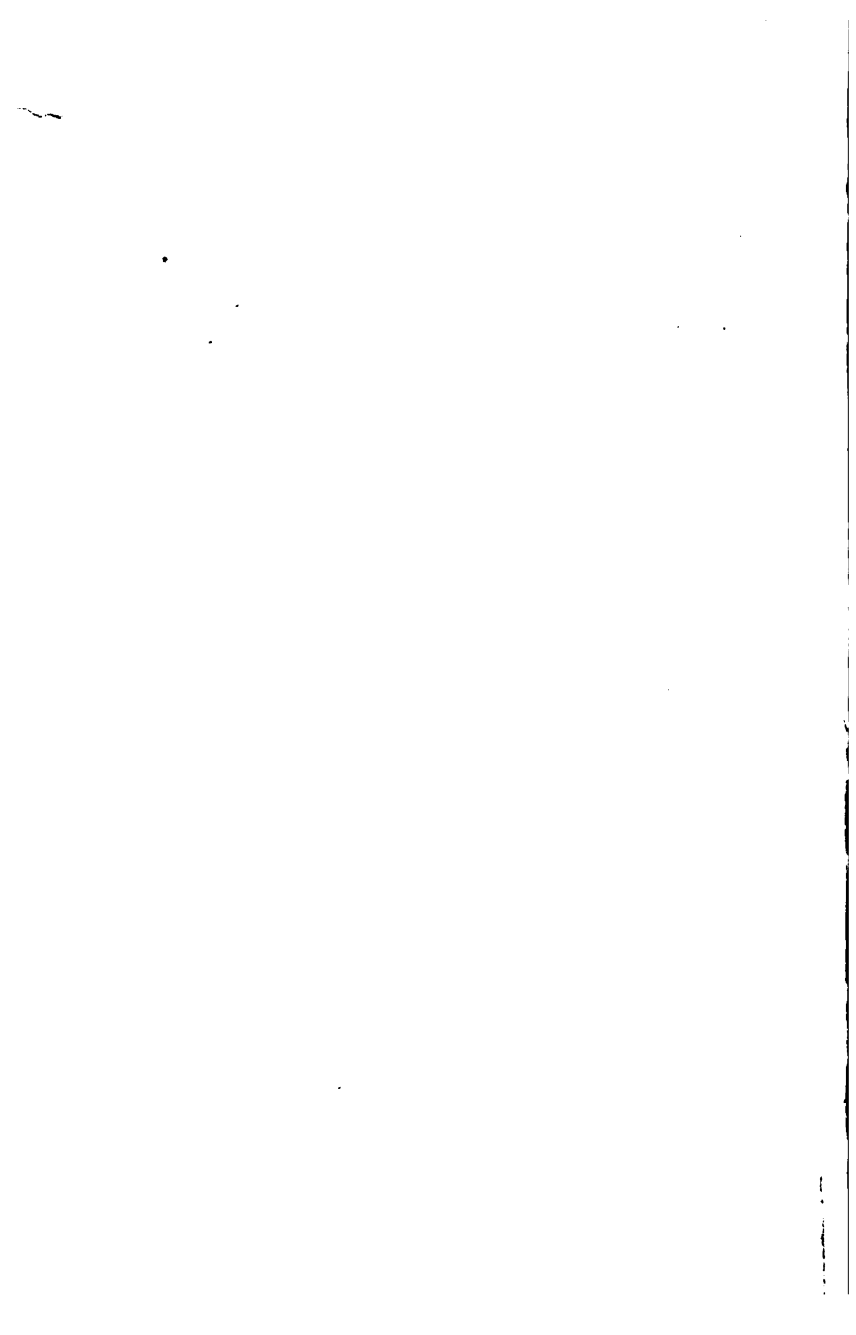
Assim, enfeixando no volume apenas algumas composições que se tornaram, e são realmente populares entre nós, o benemerito editor entendeu satisfazer a uma necessidade palpitante, pois as edições d'esses trabalhos acham-se em geral esgotadas, não diminuindo entretanto a sua procura nas livrarias onde fervorosos amadores as buscam com persistente avidez.

Os antigos recitativos, scenas comicas, e os modernos tangos, monologos, cançonetas, versos de magicas e de revistas, que se vão lêr, definem dois periodos dentro dos quaes gyram varias fórmas poeticas e musicaes das nossas diversões e cantares.

O gosto da escolha e o conhecido dos assumptos destacam-se em fulgurante relevo no caracter popular da actual edição.

MELLO MORAES FILHO.

PRIMEIRA PARTE

RECITATIVOS

SERENATAS E SARÁUS

BRANCA ROSA

(L. GUIMARÃES JUNIOR)

Pendendo a fronte virginal, formosa,
Tremendo toda de infantil receio,
Ella deixou em minhas mãos a rosa,
A branca rosa que adornou-lhe o seio.

E disse, emquanto o peito seu gemia,
Partido em ancias de amargura e dôr :
— « Se desprezares meu amor um dia,
Respeita ao menos esta pobre flôr. »

Daquella noite de emoções e festa,
Daquelle instante de virgineo enleio,
Só esta morta e secca flôr me resta,
A branca rosa que adornou-lhe o seio.

Quando minh'alma na feral voragem
Do mundo luta em delirante anceio,
Sabeis acaso quem me dá coragem ?
A branca rosa que adornou-lhe o seio.

E quando ás vezes minha boca anciosa
Beija a — lembrança — que me faz chorar,
Sinto entre as folhas da finada rosa
Um labio ardente os labios meus beijar.

E d'entre as cinzas da corolla fria
Sahe um gemido de amargura e dôr :
— « Se desprezares meu amor um dia
Respeita ao menos esta pobre flôr. »

Por ella esqueço o labutar profundo :
Por ella o facho da esperança ateio :
E' mais que a vida e vale mais que o mundo
A branca rosa que adornou-te o seio!

Oh! murcha rosa, cada vez mais bella,
Que tanta força e tanta luz me dás,
Tiveste o berço no regaço della
E a sepultura junto ao meu terás!

Assim, se Deus arrebatar-me á vida
Dizendo ao Anjo ceifador : — colhei-o!
Plantae na terra que me dér guarida
A branca rosa que adornou-lhe o seio!

PERDAO

(F. H. NOVAES)

Perdão, Elvira, se um momento, louco,
Eu pude um pouco duvidar de ti!
Perdão, Elvira!... Não duvido... creio...
Longe o receio que a sonhar senti!...

Ah! sim... foi sonho... que sonhei desperto,
Vem, sonho incerto, perturbar-me assim,
Quando, eu te vendo, para mim és tudo
E, inerte e mudo, nem eu sei de mim.

Então contemplo teu mimoso vulto,
Presto-lhe o culto de um ardente amor;
E emfim, se acórdo... se na vida scismo...
Caio no abysmo da mais negra dôr!

Foi d'esse enleio n'um ditoso instante,
Que eu, delirante (nem pensava então!)
Absorto a vêr-te por te vêr perdido,
Fiz-te um pedido... tu disseste : — Não!...

Justo castigo!... com razão condemnas!...
N'um — sim — apenas, prometteste amar;
E labios de anjos como os teus, Elvira,
Nunca a mentira poderá manchar!

Disseste; « Eu amo-te, » e essa voz sonora,
Doce, inda agora, nos ouvidos meus,
Tinha a harmonia d'uma voz divina,
Que ao mundo ensina viva crença em Deus!

Disse-te, louco: — Minha Elvira, jura!...
E essa alma pura vi soltar-se em ais,
Cego eu não via no feliz momento
Que um juramento não valia mais!

Ah! não, não jures!... que eu não quero tanto,
Dil-o este pranto, que o remorso traz,
Eu sei que um voto que fizeste um dia,
Dar-me devia venturosa paz!...

Eu creio!... Eu creio nesse amor ardente,
Por ti, sómente, saberei soffrer...
Se um dia a sorte me roubar o gozo,
Longe, saudoso saberei morrer!

PERDÃO

(SALASAR SANCHES)

Perdôa, oh virgem, se te amei sonhando,
Se, despertando, mendiguei-te um riso ;
Perdôa, oh virgem, se nos meus amores,
Bem como as flôres desmaiei conciso...

Perdôa, oh! deusa, se aos meus delirios,
A' luz dos cyrios profanei-te o pejo ;
Perdôa, oh! deusa, se n'um louco anceio
Beijei-te o seio, suppliquei-te um beijo!

Perdôa, oh! santa, se por ti, convulsa,
No peito pulsa destemida veia ;
Perdôa, oh! santa, quanto mais s'inflamma
De amor a chamma, mais voraz se ateia!

Perdôa, archanjo, se te fui ousado,
Em ter fallado n'esse amor tão cedo ;
Perdôa, archanjo — por tuas virgens c'rôas,
Se me perdôas — guardarei segredo!

Perdão, senhora! — teus olhares serios
Só tem mysterios, que me causam damno;
Perdão, senhora! se me vires triste,
A dôr consiste n'um fatal engano.

Deixa, donzella, reparar meu erro,
N'este desterro derramar meu pranto;
Deixa que ao menos em queixosa endeixa,
Lamente a queixa, que me opprime tanto.

Consente, virgem, que na pyra ardente
Eu vá demente me queimar em vida,
Então na tumba, já depois de morto,
Terei conforto da tyranna lida!

E lá, sósinho, passarei contente,
Eternamente esquecerei o mundo;
Meu pobre peito de te amar cançado,
Lá sem cuidado dormirá profundo!...

E eu só te peço que me vás um dia
Na lousa fria desfolhar-me um cravo,
E lá, meu anjo — murmurar curvado: —
« Morreu! coitado, de meu peito escravo!...

POBRE CRIANÇA

(C. DE ABREU)

Pobre criança que te affliges tanto
Porque sou triste e se chorar me vês,
E que borrifas com teu doce pranto
Meus pobres hymnos sem calor, talvez...

Deus te abençôe, cherubim formoso,
Branca açucena que o paul brotou!
Teu pranto é gotta de celeste gozo
Na ulcera funda que ninguem curou.

Pallido e mudo e do caminho em meio
Sentei-me á sombra soffredor e só!
Do choro a baga humedeceu-me o seio,
Da estrada a gente me cobriu de pó!

Meus tristes cantos comecei chorando,
Santas endeixas, doloridos ais...
E a turba andava! Só de vez em quando
Languido rosto se volvia atraz!

1.

E louca a turba que passou sorrindo
Julgava um hymno o que eu chamava um ai!
Alguem murmura :—Como o canto é lindo!—
Sorriu-se um pouco e caminhando vai!

Bemdito sejas, cherubim de amores,
Branca açucena que o paul brotou!
Teu pranto é gotta que mitiga as dôres
De ulcera funda que ninguem curou!

Ha na minh'alma alguma cousa vaga,
Desejos, ancias, que explicar não sei :
Talvez — desejos d'algum lindo lago,
—Ancias — d'um mundo com que já sonhei...

E eu soffro, oh anjo, na cruel vigilia
O pensamento inda redobra a dôr,
E passa linda do meu sonho a filha
Soltas as tranças a morrer de amor!

E louco a sigo por desertos mares,
Por doces veigas, por um céo de azul ;
Pouso com ella nos gentis palmares,
A' beira d'aguas nos vergeis do sul!...

E a virgem foge... e a visão se perde
Por outros climas n'outro céo de luz ;
E eu — desperto do meu sonho verde —
Acordo e choro carregando a cruz!

Pobre poeta! na manhã da vida
Nem flôres tenho, nem prazer tambem!

— Rôto mendigo que não tem guarida —
Timido espreito quando a noite vem!

Bemdito sejas, cherubim de amores,
Branca açucena que o paul brotou!
Teu doce pranto me acalenta as dôres,
Da ulcera funda que ninguem curou!

A minha vida era areal despido
De relva e flôr, e na estação louçã!
Tu foste o lirio que nasceu, querido,
Entre a neblina de gentil manhã.

Em ondas mortas meu batel dormia,
Chorava o panno á viração subtil,
Mas veio o vento no correr do dia
E, leve, o bote resvalou no anil.

Eu era a flôr do escalavrado galho
Que a tempestade no passar quebrou;
Tu foste a gotta do bemdito orvalho
E a flôr pendida a reviver tornou.

Teu rosto puro restitue-me a calma,
Ergue-me as crenças, que já vejo em pé;
E teus olhares me derramam n'alma
Doces consolos e orações da fé.

Não serei triste; de te ouvir a fala
Tremo e palpito como treme o mar;
E a nota doce que teu labio exhala
Virá sentida ao coração parar.

Suspenso e mudo no mais casto enlevo
Direi meus hymnos c'os suspiros teus,
E a ti, meu anjo a quem a vida devo
Hei de adorar-te como adoro a Deus!

NOCTURNO

(LOBO DA COSTA)

Pois bem, sonhemos ; vai a noite em meio!
Da serenata a melodia expira...
Deita a cabeça no meu frio seio,
Hei de embalar-te a suspirar na lyra.

A lua esconde-se a tremer saudosa
Qual branca onda no areal do céo ;
E sopra o vento... Que luar de rosa!
E o mar resona... que dormir sem véo!

Magica fada de meus sonhos! Graça!
Como és divina a meditar tristonha!
Quem te ouve as falas... suspirando passa,
Quem vêr-te passa a imaginar que sonha.

Oh! quando a neve de teus cilios castos
Chove nas chammas de um gracioso olhar,
— Rolam poemas a teus pés, de rastos,
Beijam-se as flôres... e sorri-se o mar!

Se tu souberas que fulgor transpira,
Do teu roupão no transparente véo!
Se tu souberas com que sons da lyra
Em quanto dormes te conduzo ao céo!

Oh! despertáras... despertáras rindo,
Abrindo os seios aos accordes meus :
Pomba nevada, que a tremer dormindo,
O arrulo ensaia da mansão de Deus!

Pois bem, sonhemos ; não despertes, dorme,
Que a noite rola no infinito azul;
— Aqui, debate-se um tormento enorme,
Além — suspira a viração do sul...

Como os nevoeiros que fluctuam lentos.
Sobre as escarpas de funereo abrigo,
— Os teus cabellos voarão aos ventos,
Os teus suspiros ficarão comigo.

E quando um beijo te fugir da bocca,
Qual da crysalida transparente insecto,
— Hei de saciar-me desta sêde louca...
Hei de afogar-me em teu cabello preto!

Não tenhas medo. A venenosa abelha
Da sociedade não trará baldões ;
Aqui apenas o luar se espelha,
E o mar suspira juvenis canções...

Dorme aos accordes de minh'arpa rude...
— Dous anjos vélam da entrevista a flôr ;
Um, que em tu'alma se chamou : Virtude!
Outro em meu peito que se chama : Amor!

HEBRÉA

(CASTRO ALVES)

Pomba d'esperança sobre um mar de escolhos!
Lirio do valle oriental, brilhante!
Estrella Vesper do pastor errante!
Ramo de murta a rescender cheirosa!...

Tu és, ó filha de Israel formosa...
Tu és, ó linda, seductora Hebréa...
Pallida rosa da infeliz Judéa
Sem ter o orvalho, que do céo deriva!

Porque descoras, quando a tarde esquiva
Mira-se triste sobre o azul das vagas?
Serão saudades das infindas plagas,
Onde a oliveira no Jordão se inclina?

A terra santa do oriente immenso?
E as caravanas no deserto extenso?
E os pegureiros da palmeira á sombra?!...
E os pegureiros da palmeira á sombra?!...

Sim, fôra bello na relvosa alfombra,
Junto da fonte, onde Rachel gemera,
Viver comtigo qual Jacob vivera
Guiando escravo teu feliz rebanho...

Depois nas aguas de cheiroso banho
— Como Suzana a estremecer de frio —
Fitar-te, ó flôr do Babylonio rio,
Fitar-te a medo no salgueiro occulto...

Vem pois!... Comtigo no deserto inculto
Fugindo ás iras de Saul embora,
David eu fôra, se Michol tu fôras,
Vibrando na harpa do propheta o canto...

Não vês?... Do seio me gotteja o pranto
Qual da torrente do Cedron deserto...
Como lutara o patriarcha incerto
Lutei, meu anjo, mas cahi vencido.

Eu sou o lothus para o chão pendido,
Vem ser o orvalho, oriental brilhante!
Ai! guia o passo ao viajor perdido,
Estrella Vesper do pastor errante!...

PORQUE ME FITAS?

Porque me fitas esses olhos languidos?
Porque interrogas a minh'alma assim?
Não vês que soffro, que padeço tanto,
Que de ti fujo por fugir de mim?...

Ave cançada de pairar no espaço,
Buscas a sombra?... Que fallaz miragem!
Ai, não te illudas! porque em vez de oásis,
Talvez encontres a fatal voragem!...

Vir de tão longe procurrar na terra
Um ramo verde para ao sol pousar!
Oh, volve prompta...não te arrisques...treme.
Não é um lago o que tu vês... é o mar!

Tens tu coragem de affrontar as ondas
Que além se alteiam em feroz tropel;
E á tempestade confiar affronta
De teu destino o festival batel?

Se tens, escuta : — Caminhemos juntos,
Embora eu sinta vacillar-me o pé ;
Serás o facho dispersando as trevas,
Em que eu já via abandonar-me a fé!

Estreito abraço nos enlace as vidas,
Presas, bem presas pelo gozo e a dôr ;
Quando tu gemas, gemerei comtigo,
Quando sorrires, sorrirei de amor!

Iremos ambos aos confins do mundo
Pedir ao ermo a solidão e a paz ;
Vogar á tarde na lagôa amena,
Cantar dos astros ao luzir fugaz!

DÁ-ME UM SORRISO

(RODRIGUES PROENÇA)

Porque me foges? teu despreso mata,
Maltrata o seio que se abrasa em chamma,
Com teu rigor, foge-me a razão,
E o coração mais a mais se inflamma.

E se de longe, para mim sorrindo,
Além fugindo, teu zombar conheço,
Tratos do inferno me acabrunham alma,
E da vida a calma a teu amor off'reço!

Nas lindas pregas deste teu vestido,
Vejo tolhido meu prazer futuro,
Ah! não te volvas, quero vêr teu rosto,
Dá-me um só gosto no teu riso puro.

Ah! não me fujas, vem ser minha um dia,
Sacra magia para mim desprende,
Vem ser o anjo a me guiar na vida,
Louca, perdida, que só a ti me prende!

Olha o meu peito succumbindo á dôr,
Lê santo amor nos meus rubros olhos,
Lança-me — boa, — n'um caminho liso,
Dá-me o p'raiso n'um trilhar de abrolhos.

Eis-me curvado para beijar-te as plantas,
Pois me supplantas n'um penar tão forte ;
Move estes labios dôce — sim, — me dando,
Cedo mudando minha féra sorte.

Dá-me um só gesto, te darei a vida,
Louca perdida, que só a ti me prende,
Junta-te ao seio de um fervente amar,
Sente o pulsar que de si desprende.

Dar-te-hei um beijo, morrerei contente,
Crente da vida que em ti bebi!
Embora eu morto sem calor na arteria
Torpe materia — pensarei em ti! —

REMORSOS

(BARROS ALBUQUERQUE)

Possa meu pranto perpassar a lousa
Onde repousa um coração trahido ;
Possam remorsos que minh'alma sente
Ferir a mente do mortal descrido.

Mas elle dorme neste chão gelado
Já descançado do fervor da lida ;
Eu, a perjura, sem pensar na sorte,
Doei-lhe a morte no festim da vida !

E hoje choro sem achar alento,
Um só momento no soffrer tyranno ;
Busco nas trevas mitigar as dôres,
Crueis fervores do passado ufano !...

Oh brisa amiga, que passais gemendo,
Eu vou morrendo sem achar abrigo ;
Vem, companheira, que te peço ainda,
Na dôr infinda te unir comigo.

Agora quero recostar meu peito,
Todo desfeito, de chorar magoado ;
Quero na lousa occultar meu pranto,
Meu triste canto — concluir meu fado.

Não quero a vida que passei sorrindo,
Quando fruindo — desprezei amores ;
Quero na campa descançar da lida,
Da quadra infida de fingidas flôres!...

Adeus, oh mundo, fui cruel bastante,
Hoje constante eu serei na morte ;
Fingidos sonhos, para sempre adeus,
Suspiros meus — vou buscar a sorte!...

Morreu chorando, no alvor da vida,
A mulher fingida, sem gozar amores ;
Louca sentindo os remorsos n'alma,
Buscou a palma de mirradas flôres!...

PRANTOS DA NOITE

(SILVINO VIDAL)

Prantos da noite, rorejae-me a fronte !
Raios d'aurora, desprendei mais luz !
Da natureza as emoções mais fundas,
Quero sentil-as abraçado á cruz !

Seja este canto o derradeiro threno
Que a minha lyra consagrar-te vem ;
E o muito affecto que te deu meu peito
Com elle possa perecer tambem !

Foi breve a historia desse amor infausto...
Paginas d'alma que atiraste ao vento!
Deixa-as embora... recordal-as hei-de,
Ah! sempre, sempre n'um cruel lamento!

Vestal, um dia consagrei-te o fogo
De um templo augusto que este amor ergueu;
Rompeste os votos contrahidos d'alma,
E a pyra intensa crepitou... morreu!

Morreu!...Qu'importa!... no exhaurido peito,
Não mais um culto t'erguerei, ai, não!
Se um astro tomba da cerulea téla,
Não mais deslumbra seu gentil clarão!

Hoje só resta uma lembrança amarga
Dos idos tempos de encantado amor;
Em que meu sêr a divagar seu termo,
Voava aos mundos d'eternal fulgor!

Geladas cinzas que meu pranto orvalha,
Restam ao peito que pulsou por ti;
Rosas fanadas, illusões perdidas,
E o vacuo immenso que deixaste aqui!

Ah! borboleta, nos affectos — vária,
Corre, inda é tempo, nos vergeis de amor;
Mas ai, não roces sobre um chão d'espinhos
As debeis azas de nitente alvor!

Corre, esvoaça nos rosaes olentes,
Por entre as flôres, desbrochando a flux!
As auras possam perfumar-te os sonhos,
E possa a aurora te inundar de luz!

Amei-te muito! Nos meus sonhos grandes
Teu vulto airoso a resvalar passou;
Foi como idéa de mentido gozo,
Que essa alma enferma a delirar sonhou!

Sonhou, não sonha, que uma nuvem negra
Veio de todo assombrear meu céo;
Cerrou-se a noite, — escuridão profunda,
Véla-me a fronte um funerario véo!

A PENSATIVA

(GUALBERTO PEÇANHA)

Qual Magdalena sobre a cruz pendida,
Vi-a embebida nos scismares seus ;
Talvez pensasse em amores idos,
Ou ais sentidos enviasse á Deus.

Eu vi-a triste, qual marmorea imagem
Exposta á aragem de uma noite bella ;
Tendo as madeixas de côr negra — soltas —
Nellas envoltas — virginal capella.

Vi-a tão triste, qual a rôla, quando
No ramo brando entoar vai queixas ;
Daquella alma, pela dôr magoada,
Ella — coitada — desprendia endeixas.

Tinha no rosto a pallidez patente,
Era fervente seu orar de virgem,
— Talvez nas preces perguntasse á Deus
Dos males seus a primitiva origem...

Tão pensativa! e na flôr da idade!
A inf'licidade ella tem por norte;
Em vez de affectos lhe guardarem n'alma,
Deram-lhe a palma de sinistra sorte.

Busca prazeres innocentes, virgem,
Qu'essa vertigem passará veloz;
Procura o templo, e com fervor — no altar,
Vai segredar com o Senhor — a sós.

A ORAÇÃO DA INFANCIA

(ACHILLES VAREJÃO)

Quando a criança mal soletra a vida
No psalmo escripto pela mão divina,
Guarda em memoria uma oração querida,
Que o amor materno ao coração ensina.

E' phrase doce, que não cresta o labio,
E' melodia que a innocencia embala ;
Diz mais que o livro que escrevesse um sabio,
Diz mais que o aroma que da flôr se exhala.

Tem da ternura o abcedario inteiro,
Da voz dos anjos o sonoro enleio,
Ninguem no mundo a traduzio primeiro,
Nem mesmo a ave em virginal gorgeio!

A meiga brisa que roçou nas aguas,
Vai repetil-a na amplidão dos céos,
Sómente a entende quem não soffre magoas,
Ou tem nos filhos um condão de Deus!

E's pai, tu sabes quanto amor exprime
Essa oração que a minha mãi ouvi ;
Se é muito simples, é p'ra mim sublime,
Do que o futuro só encontrou em ti.

SOLITARIA E TRISTE

(FAGUNDES VARELLA)

Quando ao sol posto, solitaria e triste
Vagas á beira do sombrio mar,
E sobre as franjas do horizonte roseo
Scismando elevas um sentido olhar ;

Quando teu vulto se desenha airoso
Da tarde estiva na serena luz,
E o manso vento te movendo as saias
Cobre de affagos teus pésinhos nús ;

Quando teus labios seductores, bellos,
Quaes finas conchas de punicia côr,
Bebem os sopros que das ondas correm
Pejando os seios de amoroso ardor ;

Quando as estrellas — infantil cardume —
Que a noite emballa no ceruleo véo,
Ao vivo brilho de teus olhos negros,
Tremem ciosas na amplidão do céo ;

Rude poeta, dos sertões amigo,
Genio indomavel como os euros são,
De teus encantos no feitiço preso
Luto sem forças, me debato em vão!

Mudo, offegante, nos sarçaes occulto,
Nem me atrevendo a respirar sequer,
Qual dos desertos o caimão faminto
Miro-te as fórmas sensuaes, mulher!

Um fluido estranho, que escravisa e doma,
Teu vulto exhala e me encadeia então!
Se me cuspiras n'esse instante ao rosto,
Eu te beijára, suspirando, a mão!

Eu bemdisséra teus divinos labios!
Eu bemdisséra teu desdem talvez!
E me curvára como um cão rasteiro,
Lambendo humilde teus mimosos pés!

DEIXA-ME!

(FAGUNDES VARELLA)

Quando cançado da vigilia insana
Declino a fronte n'um dormir profundo,
Porque teu nome vem ferir-me o ouvido,
Lembrar-me o tempo que passei no mundo?

Porque teu vulto se levanta airoso,
Tremendo em ancias de volupia infinda?
E ás fórmas nuas, e offegante o seio,
No meu retiro vens tentar-me ainda?

Porque me falas de venturas longas,
Porque me apontas um porvir de amores?
E lume pedes á fogueira extincta,
Doces perfumes á pollutas flôres?

Não basta ainda essa existencias escura,
Pagina treda que a teus pés compuz?
Nem essas fundas, perenaes angustias,
Dias sem crenças e serões sem luz?

Não basta o quadro de meus verdes annos
Manchado e roto, abandonado ao pó ?
Nem este exilio, do rumor no centro,
Onde pranteio desprezado e só ?

Ah ! não me lembres do passado as scenas,
Nem essa jura desprendida a êsmo !
Guardaste a tua ? a quantos outros, dize,
A quantos outros não fizeste o mesmo ?

A quantos outros, inda os labios quentes
De ardentes beijos que eu te dera então,
Não apertaste no teu niveo seio
Entre promessas de eternal paixão ?

Oh ! fui um doido que segui teus passos,
Que dei-te em versos da belleza a palma :
Mas tudo foi-se e esse passado negro
Porque sem pena me despertas n'alma ?

Deixa-me agora repousar tranquillo,
Deixa-me agora dormitar em paz,
E com teus risos de infernal encanto,
Em meu retiro, não me tentes mais !

AMOR E MEDO

(CASIMIRO DE ABREU)

I

Quando eu te fujo e me desvio cauto
Da luz, do fogo que te cerca, oh! bella,
Comtigo dizes, suspirando amores :
—«Meu Deus !que gelo, que frieza aquella ? !»

Como te enganas? meu amor é chamma
Que se alimenta no voraz segredo,
E, se te fujo é que te adoro louco...
E's bella — eu moço ; tens amor — eu medo !...

Tenho medo de mim, de ti, de tudo,
Da luz, da sombra, do silencio ou vozes,
Das folhas seccas, do chorar das fontes,
Das horas longas a correr velozes.

O véo da noite me atormenta em dôres,
A luz da aurora me entumesce os seios,

E ao vento fresco do cahir das tardes
Eu me estremeço de crueis receios.

E' que esse vento que na varzea — ao longe,
Do colmo o fumo caprichoso ondêa,
Soprando um dia tornaria incendio
A chamma viva que teu riso atêa!

Ai! se abrazado crepitasse o cedro,
Cedendo ao raio que a tormenta envia,
Diz : — que seria da plantinha humilde
Que á sombra delle tão feliz crescia?

A labareda que se enrosca ao tronco
Torrára a planta qual queimára o galho,
E a pobre nunca reviver pudéra
Chovesse embora paternal orvalho!

II

Ai! se eu te visse no calor da sesta,
A mão tremendo no calor das tuas,
Amarrotado o teu vestido branco,
Soltos cabellos nas espaduas nuas!...

Ai! se eu te visse, Magdalena pura,
Sobre o velludo reclinada a meio,
Olhos cerrados na volupia doce,
Os braços frouxos — palpitante o seio!...

Ai! se eu te visse em languidez sublime,
Na face as rosas virginaes do pejo,

Tremula a fala a protestar baixinho...
Vermelha a boca, soluçando um beijo!...

Diz : — que seria da pureza d'anjo,
Das vestes alvas, do candor das azas?
— Tu te queimáras, a pizar descalça,
— Criança louca, — sobre um chão de brazas!

No fogo vivo eu me abrazára inteiro!
Ebrio e sedento na fugaz vertigem
Vil, machucára com meu dedo impuro
As pobres flôres da grinalda virgem!

Vampiro infame, eu sorveria em beijos
Toda a innocencia que teu labio encerra,
E tu serias no lascivo abraço
Anjo enlodado nos paúes da terra.

Depois... desperta no febril delirio,
— Olhos pisados — como um vão lamento,
Tu perguntáras : — qu'é da minha c'rôa?...
Eu te diria : — desfolhou-a o vento!...

Oh! não me chames coração de gelo!
Bem vês ; trahi-me no fatal segredo,
Se de ti fujo é que te adoro e muito,
E's bella—eu moço tens amor,—eu medo!...

A MORTA

(OCTAVIANO HUDSON)

Quando relembro as emoções sentidas,
As phrases meigas desses labios santos,
Ai, de meus olhos vão cahindo, oh morta,
Por estas faces copiosos prantos!

Ai, sim, te sigo — coração criança,
Filha mimosa dos jardins dos céos,
A nevoa errante que nublou-te os dias,
Tambem enubla de tristeza os meus!

Morta, isolada na veloz carreira,
Quando sonhavas um viver florido!...
Dorme, criança, no teu berço eterno,
Que eu velo á sombra d'um amor perdido!

A' noite as aves se recolhem tristes,
As estrellinhas não scintillam mais,
Só me responde a solidão immensa
No pranto, oh morta, dos meus tristes ais!

PRANTO DE VIRGEM

(CASIMIRO DE ABREU)

Quando tu choras, meu amor, teu rosto
Brilha formoso com mais doce encanto,
E as leves sombras d'infantil desgosto
Tornam mais bello o crystallino pranto.

Oh! nessa idade de paixão lasciva,
Como o prazer é o chorar preciso,
Mas breve passa, qual a chuva estiva,
E quasi ao pranto se mistura o riso.

E' doce o pranto de gentil donzella,
E' sempre bello quando a virgem chora :
Similha a rosa pudibunda e bella,
Toda banhada do orvalhar da aurora.

Da noute o pranto, que tão pouco dura,
Brilha nas folhas como um rir celeste,
E a mesma gotta, transparente e pura,
Treme na relva que a campina veste.

Depois o sol, como sultão brilhante,
De luz inunda o seu gentil serralho,
E ás flôres todas — venturoso amante —
Cioso aspira o matutino orvalho.

Assim, se choras, inda és mais formosa,
Brilha teu rosto com mais doce encanto :
Serei o sol e tu serás a rosa...
Chora, meu anjo, beberei teu pranto!

MURMURIOS

(EZEQUIEL FREIRE)

Quando tu scismas, se em teu rosto pallido
Transluz o enleio que o sonhar vem dar-te,
Loucas as brisas te murmuram tremulas :
« Quem póde ver-te sem querer amar-te? »

Mas, se com medo d'essa phrase insolita,
Fronte inundada de gentis pallôres,
Tremes, os sylphos te segredam timidos :
« Quem pôde amar-te sem morrer de amores? »

Sei que se aninham em teus labios rubidos
Filtros d'um gozo que jamais provei;
Sei que encontrára nos teus seios lubricos
O berço quente que perdido amei.

Ai! se eu pudera, n'um desmaio languido,
Beijar-te a curva da lasciva espalda,
E sob a nuvem dos cabellos humidos
Velar a fronte que o delirio escalda;

Ouvir-te as fallas nos gentis idylios
— Baixos os cilios por não ver-te assi —,
Rindo ás promessas d'um sonhar tão placido,
Mas com receio d'acordar sem ti.

Sorris?... não sabes que vertigem subita
Póde ferir teu coração ditoso,
E despertar-te dos sonhares candidos,
Presa do anhelo que acenou-te um gozo?

Embalde foges ao fervor d'esse osculo
Que um dia — em sonhos — abrasou teu seio;
Tens medo? embora; volverás mais soffrega,
Submissa, escrava d'esse ignoto anceio.

E a lava occulta no sudario algido
Mais viva ainda surgirá n'uma hora;
E as crenças todas voltarão mais fulgidas,
As lindas crenças que tiveste outr'ora.

E como ás vezes do arenoso cômoro
Ao vir do orvalho reverdecem flôres,
Bebendo seiva d'essa dôr nas lagrimas
Virão mais bellos teus gentis amores.

Mas quando as lufas da procella frémita
Teu lyrio d'alma emmurchecer no ardor,
Dá-me, eu t'o peço, na crestada pétala
A paga humilde d'um finado amor.

E do meu peito no sacrario turbido
— Ermo dos gozos que o viver reparte —

Lerás a phrase que sorpresa ouviste :
« Quem póde ver-te sem querer amar-te?... »

Não rias, louca! se este effecto indomito
Prendeu-me aos élos d'um grilhão de dôres :
Queimei-me ao fogo de teu morno halito,
Não pude amar-te sem morrer de amores!

O TEU SORRISO

(M. LEITÃO)

Quando um sorriso nos teus labios erra,
Flacidos, puros, desvendando arcanos,
Do peito a magoa o coração desterra
E dá-te os hymnos dos mais bellos annos!

A um teu sorriso reviver pareço!
Baldo de crenças, novas crenças cobro!
Ao contemplal-o, que soffri me esqueço...
Que sonhos lindos no porvir desdobro!?

Quando um sorriso nos teus labios paira,
Niveos, mimosos, transpirando amores,
A mente em fogo a delirar desvaira
Entregue ás scismas d'eternaes fulgores!

Um teu sorriso me seduz, me inspira!
Preza é minh'alma de teus labios bellos!
Quem déra, ai, n'elles — seductora pyra —
Do amor a chamma me abrazar em zelos?

Tens no sorriso d'illusões um modo,
Mago quebranto que enfeitiça e prende!
Livre do peso de um descrer profundo
Só de teus labios meu viver depende!

Dá-me teus risos, que minh'alma agora,
Fruindo a dita de um viver tranquillo,
Bemdiz do riso que teu labio enflóra,
Bemdiz teus labios — do sorrir asylo!

Creio em teus labios!... Se no ardor da crença
Vejo o futuro deslisar-se lindo,
Sonhos de gloria de grandeza immensa,
Tudo deixára p'ra te vêr sorrindo!

Sorri, que o tempo — no passar veloce —
Jámais t'envolva no tristonho manto!
Que nunca, ai, nunca, um sentimento atroce
Possa dos labios te offuscar o encanto!

CANTO DO ORPHÃO

(JULIO DA GAMA)

Quem junge ao carro do descrêr a sorte
Por não ter norte que seguir ou luz ;
Se não tem écho n'algum peito amigo
Só acha abrigo n'uma lousa e cruz !

Quem goza a vida toda aroma e flôres
Sem ter nem dôres, nem da sorte o fel,
Não tendo amigo é seu viver deserto,
Como coberto do fatal burel !

Carece a vida de materia e d'alma,
Carece a calma — nem prazer, nem dôr ;
Carece o homem ter um puro amigo
Como de abrigo quando morto fôr !

E' doce a magoa fazer écho, é doce
Como se fosse n'outro peito irmão ;
Consola mesmo, no chorar, quem chora,
Quem nos deplora no consolo — em vão !

Alegre exalta junto a nós quem sente
Quanto na mente nos escalda a fé ;
Quem ri comnosco, quando rindo estamos,
Quando gozamos — vêr gozar ao pé.

Quem junge ao carro do descrer a sorte
Por não ter n'este que seguir a luz :
Se não tem écho n'algum peito amigo
Só acha abrigo n'uma lousa e cruz!

QUERO FUGIR-TE

(FURTADO COELHO)

Quero fugir-te, mas não posso, ó virgem,
Pois sou captivo de um poder sublime ;
Quero fugir-te, mas fatal vertigem
Me dobra o corpo como a brisa ao vime.

Do Eden de amor és meu vedado pomo,
Ninguem no mundo minha dôr compr'ende!
Quero fugir-te, quero sim ; mas como?
Se um teu sorriso me seduz, me prende!

Para enganar-me, digo muitas vezes
Que és má, que és feia, que é loucura amar-te ;
Então deliro e bebo até ás fézes
A taça amarga que o soffrer reparte.

Quero fugir-te, na floresta vago,
Colho uma rosa, teu retrato é n'ella ;
Contemplo o céo, e lá teu rosto mago
Inda admiro em cada nivea estrella.

Se mais te fujo, mais a ti me prendo!
Não ha ausencia que de ti me ausente;
Se os olhos gozam quando t'estou vendo,
Em ti não vendo gozo-te na mente.

Tu és o iman que me attrahe á vida;
Qual mariposa em teu olhar me abrazo;
Quero fugir-te — que impotente lida!
Da minha sombra fugir posso acaso?

Fugir não posso; não se foge á sina,
Não foge o corpo quando é presa a idéa;
Sou teu escravo — sobre mim domina,
Eis os meus pulsos — lança-me a cadêa.

ROSAS BRANCAS

(FELICIANO LEITÃO)

Rosas da vida que cedeis perfumes
Aos olhos — lumes, á paixão — amores,
Ao peito — crenças, ás manhãs o brilho,
Ao moço — o trilho de eternaes fulgores;

Estrella d'alma no luzir constante,
Jámais distante do solar florido,
Astro sem manchas que a sorrir percorre
Céo que não morre no existir querido;

Quero-vos linda na modestia santa
Que tanto encanta o coração poeta!
Quero-vos simples nos jardins, nas salas,
Nos risos, falas, na paixão discreta!

Quero-vos, anjo de alvacentas pennas,
Deusa terrena da virtude emblema,
Quero-vos meiga, jovial, sincera,
Qual primavera que a velhice extrema!

Assim vos quero e na esperança vivo,
Livre — captivo, na descrença — crendo;
Festivo e triste, leviano e sério,
Sob o mysterio que vos fui dizendo!

Demais já disse!... Fui além, confesso!...
Perdão vos peço! Sois bondosa, eu sei!
Ha n'isso crime? não cedeis desculpa?
Foi vossa a culpa, só por vós pequei.

RISOS E FLÔRES

(FELICIANO LEITÃO)

Risos e flôres, o sonhar, a vida,
Luz desprendida da manhã celeste,
Idyllio, anhelos, seductora imagem,
Sob a roupagem que a pureza veste.

Calma e festiva, no voar dos annos,
Noites sem damnos, sem receio ou medo,
Manhã cedendo apaixonados hymnos
Aos matutinos, juvenis segredos.

Eis da ventura a desprezada hora,
Nota sonora que tão cedo esvae-se!
Morte ao passado a juventude assigna,
Feliz, maligna no passar, que vae-se!...

Ai, mocidade! que feliz passeias
Pelas ameias das muralhas d'alma!
Cedo te olvidas dos extinctos dias,
Das harmonias que o presente empalma!

Assim te quero, no viver travessa,
Na luta espessa de um sorrir constante!
Teu horisonte de eternal alvura
Mostra a ventura da razão brilhante!

Assim te quero, rosas brancas, lindas,
Almas não findas em queixosa endeixa!
São teus espinhos, teu perfume e glorias,
Santas victorias, que um sorriso enfeixa!

Assim te quero, no florir da vida
Luz desprendida da manhã celeste!
Aos cantos, falas, seductora imagem,
Sob a roupagem que a pureza veste!

ROMAGEM

(EZEQUIEL FREIRE)

Romeiro errante no deserto intérmino,
Sigo a miragem, que minh'alma adora,
E o olhar cançado de buscar-te embalde,
E vou caminho da extensão dos páramos.

Langue e desmaia por te ver, senhora,
Rasgando as vagas do areal sem fim,
— Soltas as velas ao batel da esp'rança,
— Firme na crença de te achar por fim.

Da vida o encanto se desmancha em magoas
E a dôr enluta o coração sem ti,
— Dá-me um carinho p'ra que eu viva ainda,
— Mostra-me o Eden, feiticeira huri.

Não vês? — Da selva o sabiá deserta,
Das lindas veigas o matiz descora,
E os mesmos lutos, que levára o occaso,
Voltam de novo quando volta a aurora.

No bosque aos gelos do hyernal bafejo
Calam gorgeios de gentis cantores ;
As flôres — fogem dos jardins viuvos,
E o aroma — esvae-se no fanar das flôres.

Do lar silente, que te espera ainda,
Foge um sorriso, que morava alli...
E os olhos tristes que o penar sombrêa
Choram, querida, sem cessar — por ti.

E vae minh'alma, na eternal romagem,
Seguindo a imagem que avistou nos céos ;
Tem um pharol — a claridão dos astros,
Um guia — a esperança — uma esperança em
[Deus.

. . . .

Além, sósinho o sabiá das veigas
Soluça a nota da canção de dôres,
— E as flôres fogem dos jardins viuvos,
— E o aroma esvae-se no fanar das flôres.

E o sol se enroupa no explendor d'aurora
E vae do occaso se abysmar nos véos ;
Só eu — perdido na eternal romagem —
Sigo-te, imagem, que avistei nos céos.

MINHAS CRENÇAS

(V. DE CARVALHO)

São minhas crenças sepulchraes delirios,
Lirios fanados pelo pó da estrada,
Rosas mirradas ao romper da aurora,
Ora dispersas por atroz nortada .

São da pureza no acordar da infancia,
Ancia de virgem... esvaido sonho,
Do templo annoso na fendida nave
Ave da noite — de piar medonho.

São — alta noite — dos tufões quebrado
Brado de morte em convulsivo anceio :
Ai, pobre esp'rança de cruel saudade,
Ha de o sepulchro congelar-te o seio.

São seccas folhas de queimado arbusto,
Busto de archanjo do Edén tombado ;
São das tormentas ao bramir horrendas
Rendas de espumas sobre o mar irado.

Qual do Sahara caminheiro errante
Ante as montanhas de areaes erguidas,
Exhausto imploro da existencia o termo,
Ermo de tantas illusões perdidas...

Se attento ao longe do passado o extremo,
Tremo do abysmo que engolfou-me os annos!
Busco a ventura, do sonhar desperto,
Perto do termo de lethaes enganos.

Mas... se de virgem seductora e linda
Inda escutassem n'um sorrir meus cantos,
Se ainda visse sobre as brancas vestes
Estes meus versos se orvalhando em prantos;

Ai, se dos olhos, qual ardente estrella,
Ella quizesse me outorgar favores,
Crenças bebia nos gentis sorrisos,
Risos bebêra desse céo de amores!

É ELLA !

(A. CASTRO)

Se ás vezes triste meditando passo
Nas longas horas de uma noite bella,
Em vendo a lua lá no denso espaço,
Então exclamo com prazer — é ella!

Se lá nos bosques, me sorrindo as flôres,
Uma divizo, d'entre as mais singelas;
Nos attractivos em que leio amores
Ainda eu digo com prazer — é ella!

No terno canto que além se escuta,
Da pobre freira na prisão da cella,
Duvido e creio no final da luta,
A mesma idéa vem dizer-me — é ella.

Quando nos mares a gentil barquinha
Toda garbosa vai correndo á vela,
Nessa fugida que alli faz sósinha
Ainda eu juro que por Deus — é ella!

Na mesma estrella que no céo diviso,
Brilhante, pura, reflectindo bella ;
Em suas faces, traduzindo um riso,
Protesto affirmo, ainda mais — é ella !

Por mais que busque distracções da vida,
Atroz lembrança minha mente gela,
Quer nos prazeres, na cruenta lida,
Que mais me inspira, bem conheço — é ella !

No mar, na terra, lá no céo, nas flôres,
Por toda a parte minha mente véla,
Se em tudo eu leio divinaes amores,
E' porque tudo vem dizer-me — é ella !

SE É CRIME

(FERREIRA NEVES)

Se é crime amar-se de um olhar altivo
O sempre divo, soberano encanto ;
Se é crime, ás vezes, do viver na aurora,
Que a luz se adora se viver n'um canto ;

Se é crime aos santos se queimar incenso,
E preito immenso se render ao bello ;
De um rosto ao ver-se na celeste alvura
Da formosura divinal modelo ;

Se é crime, e grande, de uns cabellos pretos,
Longos, replectos do melhor perfume,
De alguma noite sem luar formoso
Ver-se o luctuoso espantador negrume ;

Se é crime do anjo se adorar no riso
Do paraiso a esplendidez sublime ;
Se o confessar-se que mereces hymnos,
Poemas dinos constitue um crime ;

Eis-me a teus olhos como um réo confesso...
Dá-me, te peço, um exemplar castigo!
Mas em tua vida festival, risonha,
Ao menos sonha alguma vez comigo.

PERFUMES

(RAMOS DA COSTA)

Sentes?... é noite! nos vergeis sombrios
Os sylphos brincam soluçando amores!
Cobrem o lago nevoeiros frios,
Desce o lampyrio a namorar as flôres!

As borboletas mais se escondem bellas
Nos seios quentes das cecens mimosas!
E Deus semeia um turbilhão de estrellas,
E a brisa espalha um turbilhão de rosas!

O mar sacode os vagalhões na praia,
O céo se mostra de esplendores cheio ;
E a virgem pura dos sertões desmaia,
Geme a viola no mais santo enleio.

E, como o fumo dos thurib'los santos,
Rola no espaço virginal cantiga!
— Correm-me aos olhos encantados prantos,
— Enche-me o peito uma esperança amiga.

E' noite!... é a hora das visões douradas,
Das serenatas ao luar dos beijos!
— Chora a velhice as illusões passadas!
— Ri-se a criança aos maternaes bafejos!

E como é doce a viração que fala
Por entre as palmas do coqueiro esguio!
Quanto perfume a larangeira exhala!
Que sons divinos rumoreja o rio!

Oh! meiga filha dos meus sonhos vagos,
Vem, que eu te espero, vem ouvir meus hym-
Quero beber os teus olhares magos, [nos!
Beijar sedento esses teus pés divinos.

E' noite!... a estrella que propende á terra
Nos ares deixa luminoso traço...
Ouves! — é um hymno que desprende a serra,
Foi doudo insecto que zumbio no espaço!

Vem, que eu preciso de em teus seios quentes
Dormir... sonhar... e me perder de amores!
Oh! como chora o firmamento!... sentes!
— Bemdito o orvalho, que dá vida ás flôres!

Bemdito o espasmo, que teu ser domina,
Minha alma enleia, teu pudor revela!
— Quero teus beijos, vaporosa endina,
— Dá-me teus raios, peregrina estrella.

E como o fumo dos thurib'los santos,
Aos céos remonte virginal cantiga!
Corram-me aos olhos encantados prantos,
Encha-me o peito uma esperança amiga!

A VIRTUDE

(PEREIRA DA SILVA)

Sentimento moral de que se veste
A alma celeste que o pudor abriga,
Tu, musa, dá-lhe que em cadente metro
Mimoso plectro me inspirar consiga.

Anjo, que a luz de mil estrellas roubas
Quando me arroubas com a luz dos olhos,
Quem dá-te a chamma que me queima a vida,
— Véla perdida n'este mar de abrolhos?

Virgem, que rosas em botão retratas
Quando arrebatas o pudor de Deus,
Quem dá-te as côres com as quaes teu rosto
Mata o composto dos desejos meus!

Filha, que choras a materna morte,
Perdido norte da ventura cedo,
Se a fome vences, fenecendo casta,
Que mão te affasta do peccado tredo?

Mulher, que o riso tanto a custo estendes
Quando pretendes derramar perfumes,
Quem dá-te a prenda, quem te faz deidade,
Que a castidade toda em ti resumes!

Mãe, que o filhinho no regaço estreitas
Ao qual enfeitas de bordada veste,
Quem dá-te os olhos de innocencia pura,
Quem a candura que á tua alma déste?

Velho, que firmas os trementes passos,
Tardios, lassos, no bordão querido,
Se o inverno pede cuidadoso empenho,
Quem sopra o lenho se te vê tranzido?

E tu, que gemes no espinhoso leito,
Se o fraco peito enregelar sentires,
Que nó segura-te a familia em torno,
Do caldo morno quem te off'rece o pires?

E tu, Olnarcia, que o amor esqueces,
Quando padeces pela cruz que abraças,
Quem póde dar-te o triste luto e a morte,
Tão dura sorte, por tão brandas graças?

Só a virtude, que é celeste prenda,
A doce off'renda que de Deus herdaste;
Só a virtude, que tua alma rege,
Que não protege o coração que amaste.

Só a virtude que te fez tão bella,
A ti, donzella dos amores santos...

Se um dia os perdes no florir da idade,
Ai! da saudade dê-te Deus os prantos!...

Só a virtude que tu tanto adoras,
Anjo, que choras por meu pranto triste;
Mas vae e morre; — para mim, que peno,
Fica o veneno que no peito existe.

Fica a saudade, que no peito augmenta
A dôr cruenta de te vêr partir;
Socia na magoa, viverá constante
No seio amante que não tem porvir.

ESCUTA

(P. DE CALAZANS)

Se para amar-te fôr mister martyrio,
Com que delirio saberei soffrer!
Se d'altas glorias fôr mister a palma
Talvez minh'alma possa além colher!...

Quebrar cadêas, conquistar um nome
Que não consome o perpassar das éras;
Arcar com as furias de iracundos nortes,
Soffrer mil mortes sem morrer devéras;

Nas proprias carnes apertar cilicios,
Nos sacrificios ter sereno o rosto;
Pisar descalço sobre espinhos duros,
Com pés seguros, com signaes de gosto;

Longe da patria, no paiz mais feio,
Do tedio em meio por te amar irei;
Viver embora sob a zona ardente,
E alli contente por te amar serei!

4.

E se a ser amado, fôr mister o insenso
Que sóbe denso dos salões aos tectos,
Serei altivo, — não irei de rastos
Com labios castos mendigar affectos!

E se me odeias por não ir ás salas
Dizer-te as falas de mendaz paixão,
E aos olhos de outrem, profanando extremos
Dizer-te : — amemos — e apertar-te a mão...

Me odeia e muito, que eu não sou da farça
Que o mal disfarça, que simula e ri;
Me odeia e sempre, que eu não desço ao nivel
Do pó terrivel que se arrasta ahi.

Dá-me teu odio, pois, não quero, escuta,
Beber cicuta — procurando mel;
Dá-me teu odio, mas em grau subido,
Embora ungido de amargoso fel!

Dá-me o teu odio por fatal sentença!
A indifferença me será peior;
Que um sentimento por mim tenhas n'alma,
Dá-me essa palma de soffrer melhor.

LAGRIMAS DO PASSADO

(PEDRO LUIZ)

Serena estrella, no meo céo não viste?
Pallida e triste foi morrer além;
Aqui findou-se meu extremo gozo,
E' já forçoso que eu me vá tambem.

Amei-te muito! Foi paixão sincera...
Na primavera nosso amor nasceu;
Chegamos hoje ao derradeiro lance
D'esse romance que me enloqueceu!

Não tenhas medo do meu ar sombrio;
Antes do estio chegará meu fim;
Eu já não tremo no fatal delirio...
Foi o martyrio que deixou-me assim!

O bardo é triste no florir da idade,
Pranto e saudade foram seus laureis...
Que tem que o bardo, que viveu sem flôres,
Chore os amores e te caia aos pés?!...

Um dia, virgem, na fatal romagem,
Sem ter coragem de seguir — parei;
Foi junto ás ondas, que corriam mansas,
Que de esperanças eu então chorei!...

Vinha de climas em que o céo não fala,
Nem mesmo embala a viração a flôr,
Nunca tivéra lá do sol de Maio
Languido raio que lhe désse amor!

Cantei n'um pranto... a mocidade, a vida...
Então querida, m'estendeste a mão:
Disseste: — Poeta, tua voz suspira,
Vibra na lyra virginal canção. —

Tremi, fitei-te na fulgente areia,
Linda sereia — junto a mim, de pé...
Não venhas, disse, me falar nest'hora,
Minh'alma chora — já não tenho fé!

Meu Deus, perdi-me!... Como estavas linda!
Vejo-te ainda como então te vi;
Morena, pallida, — n'um sorrir divino
O meu destino foi entregue a ti!

Pergunta á nuvem para onde vôa,
Quando reboa um furacão veloz!...
Mas não perguntes onde fui perdido
Por ter ouvido tua meiga voz.

A nuvem bella não succumbe á morte;
Do sul ao norte o firmamento é seu;

Magoas de poeta quem poderá vêl-as?
Nem as estrellas e... — nem tu, nem eu!. .

O teu vestido acompanhei demente
Na febre ardente — soluçando a rir!
Teos olhos negros me disseram : — ama —
E ardi na chamma, sem poder fugir.

N'esses olhares renovei a vida,
A fé perdida n'essa immensa dôr!
Cheio de magoas reviver senti-me
Na fé sublime d'um celeste amor.

Quando á janella do salão chegavas
E ahi folgavas sem de mim ter dó;
Nunca me viste, como n'um degredo,
Sobre o lagedo taciturno — e só?...

Foi-se o delirio que eu julgava eterno;
Vivo no inferno, meu destino o quiz;
Minh'alma dorme, não se agita inquieta,
— Quem era um poeta para ser feliz?!

ELVIRA

(J. FERREIRA NEVES)

Serenos threnos de alaúde rude
Da juventude, venho aqui depôr :
Sonhando, amando teus encantos santos,
Virgem, meus cantos, pedem só — amor.

Formosas rosas, n'esse rosto, posto
Ha só por gôsto da natura a mão ;
Teu seio cheio de ternura pura
Tem na brancura natural condão.

Não minto. Sinto que minh'alma a palma
Sonha da calma n'esse teu sorrir...
Tristonhos sonhos do futuro, eu juro,
Teu riso puro poderá banir !

Florida, a vida se tornára, e cara,
Se posto avára fosses tu no amar :
De amôres, dôres, não carpira a lyra,
Se alento, Elvira, me quizesses dar !

Divinos hymnos, — são lamentos lentos,
Soltára aos centos teu fiel cantor,
Se anhelos bellos, perfumosos gozos,
Dias ditosos, lhe trouxesse amor!

Meu peito, leito de amarguras duras,
De crenças puras se nutrira um dia,
Se Elvira dira a meus amenos threnos
Sequer ao menos que valor daria!

O MINHO

(SEBASTIÃO PEREIRA DA CUNHA)

Solo d'enlevos, onde a vida abraça,
Com terna graça, o castanheiro em flôr!
Abre-me o seio, em que um vergel se apinha,
O' patria minha de encantado amor!

Quero cantar-te, como a rôla ausente,
Canta, plangente, os africanos céos:
Como ella aspira ao seu distante ninho,
Aspiro, ó Minho, os attractivos teus.

Amo os teus campos com perfumes varios,
Verdes sacrarios de um constante abril;
Amo os teus montes, colossaes na altura,
E a luz, tão pura, do teu céo d'anil.

Veias de prata, em teu fecundo seio,
Passam-te, em meio, rios não caudaes;
E d'entre as flôres, que o teu chão guarnecem,
Cidades crescem que não têm rivaes.

Braga, a princeza de remota éra,
Virtude austera ainda conserva e a fé;
E eleva ás nuvens, em padrões de gloria,
A nobre historia, de que herdeira é.

Assenta o throno de entrançado arbusto
No monte augusto do seu BOM JESUS,
E tem por c'rôa de opulencia tanta,
A Virgem Santa do Sameiro, e a Cruz.

Amares vejo os laranjaes flôridos,
Vastos, vestidos com doirado véo;
E sôlta as tranças, de verdura infinda,
Na espadua linda, ás virações do céo.

E' Guimarães uma fidalga idosa,
Rica e orgulhosa, em seus gentis maineis,
Que diz ao mundo, em derredor disperso,
Eu fui o berço do maior dos reis.

Caminha, ó joven marinheira bella,
Em pé na ourella do espumoso mar,
Monção, envolta nas senis muralhas,
Conta as batalhas, que logrou ganhar.

Villa dos Arcos que a sorrir desatas
D'entre cascatas, que delicias dão,
Barcellos, lirio, adormecido em sombras
Sobre as alfombras do virente chão...

Pinha de flôres, que a frescura anima,
Ponte de Lima, que ideal tu és!

Finges o cysne, a retratar a face
N'agua, que nasce, e que te corre aos pés.

Vianna... foge ao incessante beijo,
Que o Lima vejo a lhe tentar depôr ;
E da montanha na materna encosta,
Lá se recosta com gentil pudor.

Eu sou suspeito, porque sou teu filho,
E assim teu brilho não direi jamais ;
Que o diga quem, ao respirar-te os ares,
Te entrou nos lares e passou teu cáes.

Solo d'enlevos, onde a vida abraça,
Com terna graça, o castanheiro em flôr !
Abre-me o seio, em que um vergel se apinha,
O' patria minha de encantado amor.

* * *

(M. L.)

Sonhos, amores, illusões desfeitas,
Crenças anhelos já não sinto mais!
O peito exangue na descrença immerso
Lamenta as flôres que não vê — jamais!

E quanto brilho lobrigava ao longe?...
Quanta esperança n'um futuro lindo!
Hoje me vejo sobre um lar de espinhos
No qual outr'ora perpassei sorrindo!

Ah! se pudesse me esquecer do mundo,
Viver tranquillo n'um retiro ameno,
Sentir a brisa bafejar meu rosto,
Ouvir a lympha — no passar sereno;

Ah! se pudesse — na mimosa relva,
Sentado á sombra de gentil mangueira,
Saudar á lua no surgir das nuvens,
Seguir a estrella na veloz carreira;

Ah! se pudesse n'um cantar de amores
Chamar a virgem que me faz descrente,
E reclinado no seu collo... a medo
Ouvir as vozes de seu peito crente;

Eu dera a vida juvenil que gozo,
Toda a existencia que meu sêr encerra,
E sobraçando com transporte a lousa,
Feliz, dictoso deixaria a terra!

Sonhos, amores, illusões desfeitas,
Crenças, anhelos já não sinto mais,
O peito exangue na descrença immerso
Lamenta os gozos que não vê — jamais!

FLÔRES D'ALGIBEIRA

(MANOEL ROUSSADO)

Sterlinas libras que dominam bellas,
Ai! amarellas, de tão linda côr;
Têm attractivos, e são convincentes,
São eloquentes expressões de amor.

A meiga libra sobre nós derrama
Lucida chamma, sem o ardor que mata;
Têl-a no bolso é dos mortaes a gloria,
Pois a victoria com primor retrata.

Que amenidade, se nas algibeiras
Tinem fagueiras, alentando as fibras;
No céo na terra, se ventura ha n'ella,
Na face bella se achará das libras.

Filhas do ouro, bem como o ouro puras,
De mil venturas corretoras bellas,
Se a sorte grande me sahisse um dia,
Ai! que folia me não davam ellas!

Se desgraçado pelo amor trahido,
Já tens sentidò pela vida o tédio,
Ai! não te matas, comprarás cautelas,
Nas amarellas, acharás remedio.

Pobre viuva, em soluçar dorido,
Vendo estendido seu marido morto,
Embora a dôr lhe despadece as fibras,
Herdando libras logo tem conforto.

Lá quando a morte resfriar meu couro,
Cubram-me d'ouro meu gelado collo,
Na tumba escura já eu seja, embora;
Saltando fóra, dansarei um sólo.

SAUDADE

(J. RIBEIRO)

Te lembras, virgem, dessa tarde triste,
Em que pediste que eu pensasse em ti?
Que dôr profunda trespassou minh'alma!...
Ventura... calma, tudo então perdi!

A noite veio, — desdobrou seu manto,
Correu-me o pranto, bem contel-o quiz!
Parti... deixei-te! — que terrivel hora?!
— Não mais agora me has de vêr feliz!

Eu só quizera que pudesse o vento
Meu pensamento junto a ti levar;
Então verias como eu não t'esqueço,
Como padeço e como eu sei te amar!

As lindas tardes... as manhãs serenas
Recorda apenas minha voz sentida,
Sem que renasçam tão fagueiros dias
E as alegrias da passada vida!

Eu canto ás vezes o que a dôr inspira,
Ao som da lyrà que tanger não sei;
Lamento a sorte que me opprime tanto,
Recorda quanto de prazer gozei!

P'ra mim a terra, por não vêr-te perto,
E' qual deserto sempre escuro e feio!
Pois é, donzella, meu viver no mundo
Abysmo fundo de pezares cheio.

Ah! para os males que soffrendo vivo,
Um lenitivo só na terra existe:
— E' te lembrares que eu aqui, distante,
A cada instante por ti chamo triste.

TIVE UMA AMADA

Teve uma amada, que era mesmo um anjo,
Foi um arranjo que encontrei na roça :
Não era elle como as da cidade,
Mas sim deidade! Que bonita moça!

A pallidez, que cobre as cidadôas
Não tinha, boas!... era bem vermelha;
Cintura larga, forte pé, bom braço,
Tinha um cachaço! E que vivez d'abelha!

Pela manhã, lá quando surge a aurora,
Saltava fóra a conduzir o gado,
De saia curta de grosseiras meias,
Meu Deus! que peias, e me lançava olhado!

Assim que a vi logo senti no peito
Bater-me a eito o coração tocado;
Pisquei-lhe os olhos, atirei-lhe beijos,
Vi-me em desejos bem enrabixado!

5.

Todos os dias hia eu em procura
Da formosura, que me consolava!
Era uma festa cheia de alegria!
Ella sorria quando me avistava.

Fiz-lhe um soneto, foi buscal-o ao Pindo.
Soneto lindo e de perfeita lavra;
Li-o uma tarde, e ella em vez de ouvir
Desatou a rir, e não pescou palavra.

Porém bem longe de me dar de taboa,
Não quiz que a magoa me levasse á cova :
Deu-me um sopapo, foi em ar de graça,
Foi por chalaça, foi por moda nova.

Em vez de prantos e suspiros ternos,
De ais eternos, qu'ouve um namorado,
Dava-me ella pencas de bananas,
Caldo de cannas, amendoim torrado!

Tomei coragem, quiz ir adiante,
E á bella amante por mostrar desejos
Uma manhã, que a encontrei dormindo
Cheguei sorrindo e lhe dei dous beijos.

Mas desta vez a pudibunda amada,
Que tão corada me matava fomes,
Brigou comigo e me chamou de peste
Fugio-me leste, e me chingou de nomes.

A TRANSVIADA

(ED. VILLAS-BOAS)

Trajando galas, nos encantos bella,
Caminha ella, sem saudal-a alguem;
Passeia em carros, no theatro ostenta
Tudo o qu'inventa, que lhe fique bem!

Porém qual flôr, que no calor da festa,
As pet'las cresta, p'ra depois murchar;
Ou mariposa, que a voar s'inflamma,
Em torno á chamma, que buscou beijar;

Assim foi ella : essa vil mundana,
Na orgia insana se atirou — perdeu!
Foi mariposa, que queimando as azas,
Do ardor das brasas nunca mais s'ergueu!

E essa infame desprezando o esposo,
Qu'eterno gozo lhe faria ter,
Prestes se atira — que fatal loucura!
Na vida impura, que lhe dá prazer!

Amou-a elle, como amar no mundo
Jámais profundo póde amar alguem!
D'extremos tantos deslembrou-se ingrata,
Que o affecto a mata, no alcouce — além !

Tudo mais nobre que sentio seu peito
Lá jaz desfeito por atróz affan!
Matou-lhe as crenças infernaes orgias,
Noites sombrias, que não têm manhã!

Hoje apontada pelo audaz cynismo,
Mede o abysmo, quer fugir-lhe em vão!
Que a turba aponta-lhe uma bolsa infame.
E em face brame — já não ha perdão!

Marcou-a o mundo com fatal sinete!
Esse ferrete, — que tão negro é!
E em represalia, — já mulher perdida,
Vive uma vida — sem moral — sem fé!

Maldiz o mundo, que a supporta ainda :
Se é bella ou linda, tem vassallos seus!
Mas não se lembra, — desgraçada errante,
Da fulminante maldição de Deus!...

Qual aguia altiva de voar cançada,
Mais apressada na descida vae;
Assim aquella, que perdeu a calma,
Corpo sem alma na miseria cahe!

Mulher perdida, do que servem galas,
Ou meigas fallas, que fingidas são?

Se d'esses olhos em que affectas calma,
Lê-se a tu'alma que só diz traição?!

Que valem sedas, deslumbrantes modas,
Mercadas todas com tão vil moeda?...
Vendes o corpo p'ra comprar enfeites
Gozar deleites que a moral te veda!

Desenfreada nas paixões insanas,
As vis mundanas atirar-se vão;
Todo seu ouro gastam em coquetice,
E na velhice, nem sequer p'ra pão!...

Altivos paços habitar pretendem,
Ellas que vendem seu fingido amor;
Rubras se mostram, virginaes, fugaces,
Mas nessas faces já não ha pudor!

Cynicas vivem, na miseria morrem!
Nem as soccorrem bemfazeja mão!...
Impenitentes ao sepulchro baixam
E lá nem acham, uma cruz no chão!

NUNCA

(GRATULINO COELHO)

Tudo é mentira! Se no mundo ha risos,
Sempre em meus olhos borbulharam prantos;
Se ha luz na vida, se prazer na gloria,
Nunca meus labios desprenderam cantos.

Mimosas crenças em botão morreram,
Nunca a esperança perfumou minh'alma,
E os doces sonhos de um feliz futuro
Nunca mostraram da ventura a palma.

Nunca meus olhos encararam sombra,
Que as vezes triste me beijou no leito ;
Sempre o delirio nos vai-vens da vida,
Nunca o prazer a orvalhar-me o peito.

Nunca o sorriso de virgineos labios,
Aura de amores me inundou o seio ;
Nunca uma queixa modulada á medo
Tornou-me louco n'um suave enleio.

Embora ás vezes supplicante implore
Vagando a esmo ao destino um fim ;
Sempre o desgosto me cavando a morte,
Nunca o repouso junto a cruz alfim.

Eu vivo e morro tacteando as trevas,
Verde esperança procurando em vão ;
Sempre, a agonia a me bradar : avante!
Nunca o cypreste da feral mansão.

Sempre uma luta incessante, infinda,
Sempre provanças e um viver sem luz ;
Sempre um desejo a fugir-me... uma ancia,
Nunca a donzella que meu sêr seduz.

E nunca, nunca, esperanças, sonhos,
Nunca o sorriso no correr da vida ;
Sempre o veneno de mortaes enganos,
No abrir das flôres a illusão perdida!

. . . .

Tudo é mentira! Se no mundo ha risos,
Sempre em meus olhos borbulharam prantos,
Se ha luz na vida, se prazer na gloria,
Nunca meus labios desprenderam cantos.

JULIETA

(ALMEIDA E SILVA)

Tu és a estrella fulgurante e bella
Da noite immensa desta vida incerta;
E's dos meus sonhos, a visão bemdita,
De encantos divos e de luz coberta.

E então do peito no segredo eu guardo
Teu nome santo — festival reliquia;
Teu rosto meigo me acompanha sempre,
Anjo bemdito que ao poeta guia.

Vejo-te ás vezes e meu amor se augmenta,
Mais este fogo me consome a alma,
Soffro martyrios, os espinhos crescem
Desta existencia na myrrada palma.

Amo-te muito! minhas mãos nas tuas
Tremem tocando n'uma chamma ardendo,
Se os olhos fito nos teus olhos negros,
Digo um poema que só eu compr'endo!

Anjo formoso que eu adoro á medo,
Id'lo bemdito ao meu culto santo ;
Um pensamento para mim que soffro,
Dar-te-hei a vida, meu amor, meu pranto.

E quando inerte repousar p'ra sempre
Na campa fria que o viver consome,
Passa em meus sonhos festival, sorrindo,
E eu morto mesmo bemdirei teu nome.

A ALZIRA

(CELSO DE MAGALHÃES)

Tu és a folha embalsamada e casta
Do branco lyrio que se abrindo vem,
Ramo medroso que da mão se affasta,
Apenas esta lhe tocado tem.

Tu és a nota avelludada e languida
Do canto mago da gentil sereia,
Criança ingenua, em cuja face candida
Nem o vestigio de um pezar sombreia.

Tu és o cheiro que exhalar costuma
De manhanzinha, o laranjal em flôr,
Tu és o som do voejar da pluma ;
Porém no peito não possues amor.

— Menina — a vida entre folguedos passas,
E vês, bem limpo, o horizonte além,
Mas não te lembras qu'essas tuas graças
Um dia podem fascinar alguem ?

A rôla mansa a tiritar de frio,
Procura abrigo no sedoso ninho :
Nesse teu collo de setim macio
Cede agasalho ao teu cantor mesquinho.

Da flôr agreste o aromado calice
Recebe orvalho que a manhã lhe dá :
Porque não deixas que em teu labio tremulo
A sêde ardente mitigar eu vá?

Porque não sabes o martyrio infindo
Que o seio occulta, quando sente amor,
E' que teu labio quando está sorrindo,
Só manda risos á avesinha e á flôr.

Folga criança, emquanto o lago é limpido ;
Pódes vogar no teu batel de luz :
Porém receia o arrebentar do incendio,
Do peito em ondas, borbulhando em flux.

TU E EU

(ROZENDO MONIZ)

Tu és a fonte a deslisar-se limpida,
Eu sou o arbusto a mirar-se n'agua ;
Tu és o espelho das manhãs pulchérrimas,
Eu sou a noite em que se espelha a magua.

Tu és o lyrio que embellece os cómoros,
Eu sou o goivo que entristece as almas ;
Eu só floresço onde ha saudade e lagrimas,
Tu mais floris onde ha mais riso e palmas.

Eu sou o inverno que desnuda as arvores,
Tu, primavera que as leziras veste ;
Tu dás mais vida ao peregrino aligero,
Eu mais enluto o sepulchral cypreste!

Eu sou dos ermos voador notivago,
Tu és calhandra que aviventa os ermos ;
Eu vôo, sempre interrompendo jubilos,
Tu revigoras com teu canto enfermos.

Eu sou do rio a correntesa soffrega,
Tu da caudal o procurado leito ;
Tu és a calma a triumphar dos impetos,
Eu corro e luto p'ra me vêr sujeito !

Tu és o alvo de olhos mil tão cupidos,
Eu sou o cego que não quer mais vêl-os ;
Tu és a rocha aos vagalhães incólume,
Eu Prometheu a me finar de anhelos.

Tu és mais livre que o condor da America,
Eu sou o escravo que as algemas beija ;
Tu és ás brisas a plumagem morbida,
Eu sou o labio que arrufar-te almeija !

Tu és a praia em que mil vagas quebram-se,
Eu sou a onda que a teus pés se dobra ;
Tu és da gloria a mais certeira bússola,
Eu sou o nauta que, sem ti, sossobra !

Tu és a lua a despontar esplendida,
Eu sempre sou aos raios teus penumbra ;
Só de um olhar me reconheço automato,
Tu és o olhar que os olhos meus deslumbra.

Tu és a rosa de melifluo calice,
Eu sou a abelha de teu mel sequiosa ;
Tu só me feres, se te affago as pétalas,
Eu te não deixo, encantadora rosa.

Eu sou da lyra o renascido Tàntalo,
Tu és a musa caprichosa e linda ;

Crente sou eu, que só adoro um idolo,
Idolo és tu — de adoração infinda! —

Tu, que és a flôr, deixa-me ser teu zephiro,
Eu e tu, anjo, um só viver formemos ;
Tu és o aroma, eu sou o olfacto — aspiro-te,
Eu sou o amor, tu és a graça — amemos!

ROSA

(CANDIDO PASSOS)

Tu és a luz que a natureza adora,
Brilhante aurora de purpureo véo ;
Tu és querida e tão singela Rosa
A flôr mimosa que baixou do céo.

Luz — não me fujas, teu fulgor me enleva,
Rasga-me a treva deste peito meu...
Flôr — não sejas tão cruel, esquiva,
Deixa qu'eu viva do perfume teu.

Formosa fada dos gentis archanjos,
Mulher, dos anjos a mais bella huri ;
Tu és o sylpho de paineis risonhos,
Que outr'ora em sonhos de prazer eu vi.

Fada — soccorre a quem te preza, quando
Aos pés, chorando, te implorando cahe...
Sylpho divino — mais um canto inspira
Do bardo á lyra, que estalando vai.

Tu és o ente que distante ou perto
Um brilho certo ao coração me traz ;
Tu és, do mundo, soberana crença,
A gloria immensa, qu'eu desejo mais.

Ente querido — não me dês por sorte,
Oh! nunca a morte, no desprezo teu...
Crença — me anima, e tu serás, minh'alma,
O louro, a palma do futuro meu.

NOIVADO DO SEPULCHRO

(SOARES DE PASSOS)

Vai alta a lua! na mansão da morte
Já meia noite com vagar soou;
Que paz tranquilla! dos vae-vens da sorte
Só tem descanso quem alli baixou.

Que paz tranquilla!... mas eis longe, ao longe
Funerea campa com fragor rangeu;
Branco fantasma, semelhando um monge,
D'entre os sepulchros a cabeça ergueu.

Ergueu-se, ergueu-se!... na amplidão celeste,
Campeia a lua com sinistra luz;
O vento geme no feral cypreste,
O mocho pia na marmorea cruz.

Ergueu-se, ergueu-se! com sombrio espanto
Olhou em roda... não achou ninguem...
Por entre as campas, arrastando o manto,
Com lentos passos caminhou além.

Chegando perto de uma cruz alçada,
Que entre os cyprestes alvejava ao fim,
Parou, sentou-se, e com a voz magoada
Os échos tristes acordou assim :

« Mulher formosa que adorei na vida,
« E que na tumba não cessei d'amar,
« Porque atraiçôas, desleal, mentida,
« O amor eterno que te ouvi jurar?

« Amor! engano que na campa finda,
« Que a morte despe da illusão fallaz :
« Quem d'entre os vivos se lembrára ainda
« Do pobre morto que na terra jaz?

« Abandonado neste chão repousa
« Ha já tres dias e não vens aqui...
« Ai quão pesada me tem sido a lousa
« Sobre este peito que bateu por ti!

« Ai quão pesada me tem sido! » e em meio,
A fronte exhausta lhe pendeu na mão,
E entre soluços arrancou do seio
Fundo suspiro de cruel paixão.

« Talvez que, rindo dos protestos nossos,
« Gozes com outro de infernal prazer;
« O olvido, o olvido, cobrirá meus ossos
« Na fria terra sem vingança ter! »

— « Oh! nunca, nunca!» De saudade infinda,
Responde um echo suspirando além...

« Oh nunca, nunca! » repitio ainda
Formosa virgem que em seus braços tem.

Cobrem-lhe as fórmas divinaes, airosas,
Longas roupagens de nevada côr;
Singela c'roa de virgineas rosas
Lhe cerca a fronte, de mortal pallor.

« Não, não perdeste meu amor jurado:
« Vês este peito? reina a morte aqui...
« E já sem forças, ai de mim, gelado,
« Mas inda pulsa com amor por ti.

« Feliz que pude acompanhar-te ao fundo
« Da sepultura, succumbindo á dôr:
« Deixei a vida... que importava o mundo
« O mundo em trevas sem a luz do amor?

« Saudosa, ao longe vês no céo a lua?
— « Oh, vejo sim... recordação fatal!
— « Foi á luz della que jurei ser tua,
« Durante a vida, e na mansão final.

« Oh vem! se nunca te cingi ao peito,
« Hoje o sepulchro nos reune em fim...
« Quero o repouso do teu frio leito,
« Quero-te unido para sempre a mim! »

E ao som dos pios do cantor funereo
E á luz da lua de sinistro alvor,
Junto ao cruzeiro, sepulchral mysterio
Foi celebrado, de infeliz amor.

Quando risonho despontava o dia,
Já deste drama nada havia então,
Mais que uma tumba funeral vazia,
Quebrada a lousa por ignota mão.

A UMA NOIVA

(M. L.)

Vae teu caminho! Não trepides... segue!...
Marca da fronte a virginal capella,
Nem vês, criança, que o vendaval se ergue...
— Ai, da existencia na fatal procella?!...

Fugir á patria, abandonar teus lares,
Deixar um seio carinhoso, amigo;
E percorrendo a vastidão dos mares
Em sólo estranho procurar abrigo;

Surda aos clamores d'extremado affecto
E ás santas queixas de uma mãi querida,
Ah! nem tu'alma vacillou ao aspecto
Da triste sorte que t'espera em vida!?

Qu'importa?... E's noiva!... No almejado en-
Te crês ditosa do consorte ao lado! [lace
De um extremo a outro t'encontrando em
Não, não lastimes teu viver passado!... [face,

Vae teu caminho! — Não trepides... segue!
Qu'importam sonhos da virginea idade,
Se além aos gozos do existir entregue
Sequer da quadra sentirás saudade?!...

Mas, ah! se um dia, no volver dos annos,
Do teu futuro desdobrado o manto,
— Victima incauta de fataes enganos —
Sintas a face humedecida ao pranto;

Tão só... no exilio... — de teu lar distante,
N'alma a incerteza, vacillante e triste;
Sem ter dos teus no labutar constante
A voz amiga — em que o consolo existe; —

Então, criança, saberás, ai, tarde...
Que melhor fôra conservar-te virgem;
De vãs chimeras não fazer alarde
Curvando a fronte na mendaz vertigem!

Se então voltares... no teu lar querido,
Onde te aguarda o fraternal conchego
Dos teus no extremo, — a tua dôr o olvido
Procura d'alma o perennal socego.

MULHERES E FLÔRES

(CICERO PONTES)

Aos hymnos da briza que vem susurrante
Da noite o sudario da aurora apartar,
Dissipam-se as brumas e a luz cambiante
Na face da terra se vem retratar!

Dourada cortina n'um chão de turquezas
Além resplandece no cimo dos montes,
E a relva mimosa nas lindas devezas
Se cobre de per'las que saltam das fontes.

Grinaldas de raios s'escapam dos ares,
De gratos aromas transborda a floresta :
E um doce concerto nos verdes palmares
Ao mundo desperta nos hymnos de festa.

E tudo floresce no mar de folhagem
Que vive, que avulta nas vivas campinas :
E o astro dos astros na sua passagem
De louros esmaltes adorna as collinas.

Nas fachas olentes palpitam as flôres
E as folhas nevadas desprendem a luz,
Mostrando nas fórmas, nas graças, nas côres
Um quadro pomposo que os olhos seduz.

E aos échos sonoros assim despertados,
Os campos enchendo de terna alegria,
São virgens dormidas nas longas noitadas
Que aos beijos acordam dos raios do dia!

São nymphas aéreas, formosas donzellas
Que á noite se velam nos ricos sendaes;
Azues borboletas que gyram singelas
Ao canto das aves, aos sons matinaes.

De orvalho e perfume formaram-se as flôres,
Fez Deus as mulheres de luz e poesia;
Em umas realçam fragantes vapores,
Resumem as outras — belleza e harmonia.

Na terra as mulheres são astros brilhantes
Dos sonhos a crença mais pura e sagrada:
São lindos poemas, são anjos errantes
Que a vida perfumam com dedos de fada.

E tudo que brilha, que fala de amores,
Que graças revela do sol á pureza,
Repete sorrindo: — Mulheres e flôres!
Excelsa homenagem prestando á belleza.

A VIRGEM DA NOITE

(AUGUSTO ZALUAR)

A virgem da noite no azul transparente
Do lago tremente reflecte o perfil,
E o manto d'estrellas sorrindo desata
Em ondas de prata no ether subtil!

A terra abrazada palpita em desejos!
Nas selvas os beijos s'escutam de amor :
As auras travessas brincando nas ramas
Abraçam em chammas o collo da flôr!

Trepidam regatos por entre a verdura
De branda espessura, em doce gemer;
Em vago, amoroso, celeste abandono,
Parece que o somno convida o prazer!

A mystica sombra dos bosques frondosos
Nos campos saudosos phantasmas produz!
Eterna, incessante, suave harmonia
Nos diz — poesia — nos raios da luz!

Que noite! E que immensa, profunda tristeza
Do céo na pureza, nos astros, no ar!
Saudade infinita, que as almas devora
Sentimos n'esta hora, pungir, abrazar!

Poeta, silencio! Curvemos a fronte
Ao vivo horizonte de ignoto arrebol!
No seio da noite fecundo estremece
E surge, apparece em breve outro sol!

Extatico e mudo, adoro e contemplo!
Nas áras do templo me prostro ante Deus!
Mas tu, cujos cantos o genio illumina,
Na harpa divina remonta-te aos céos!

EU TENHO CIUMES

Eu tenho ciumes dos negros cabellos,
Que presos ás tranças me chamam a ti;
Nos anjos formosos, perdidos na terra,
Tão lindos, tão bellos ainda não vi!

Eu tenho ciumes dos olhos ardentes,
Que chammas avivam no meu coração!
Nos ternos lampejos de timido fogo
Fascimam, seduzem de vivos que são!

Eu tenho ciumes da boca innocente,
Dos dentes tão alvos, do brando falar,
Dos meigos sorrisos que brincam nos labios,
Que outrem não póde, não sabe imitar!

Eu tenho ciumes das faces rosadas,
Do collo que brilha, que jura ser meu;
Do leito em que dormes: — eu tenho ciumes
Dos sonhos de virgem, de tudo que é teu.

SONHO E REALIDADE

(RIBEIRO JUNIOR)

Eu vi-a brincando na arêa de prata
Que a praia se esmalta ao niveo luar,
As louras madeixas nos hombros cahidas
Ao vento perdidas em doce brincar!

Seu collo lhe arfava tão brando e sereno
Qual som tão ameno d'um canto de dôr,
Suspiros soltavam seus labios trementes,
Que olhos dormentes... que sonhos d'amor!

Seu rosto era bello!...que fada...que houri!...
Que amores senti ao vel-a a pensar;
Vagando na praia seu canto soltava,
Seu canto parava... e eu a vi a chorar!

Tu choras, ó virgem?... que sentes no peito?
Ai! vejo desfeito teu canto de amor!
Não queiras, ó virgem, que eu ouça teu canto,
Tão cheio de pranto de magoas e dôr.

. . . .

Sonhei-a! — que louco! pensava na virgem
Que déra-me origem p'ra um canto tristonho...
A nuvem risonha desfez-se mentindo,
Mostrando sorrindo a realidade do sonho.

TRISTEZA

(SOARES DE PASSOS)

Extingue-se o anno, são findos os dias
Que os valles encheram de provida luz ;
O inverno c'roado de nevoas sombrias
Seus pallidos gelos á terra conduz.

O rio em torrentes inunda as campinas,
As veigas perderam seu floréo matiz ;
Pesada tristeza reveste as collinas,
E as selvas que ha pouco sorriam gentis.

Em tudo a meus olhos avulta uma imagem
De triste abandono, de mystica dôr :
Apraz-me este lucto que veste a paizagem,
Apraz-me esta scena d'extincto verdor.

Como estas campinas, outr'ora florentes,
Meus dias formosos floriram tambem,
Como ellas agora meus dias cadentes
Despidos de galas só lucto contém.

Quão rico d'encantos o tempo corria!
Que triste o presente, quão pobre ficou!
Só resta a saudade, qual vaga harmonia
Que uma harpa nocturna de longe soltou.

Mas essa que vale perdida a esperança?
Que vale um passado que já não é meu?
A flôr desbotada que importa a lembrança
Da aurora suave que aromas lhe deu?

Um dia outra quadra mais bella e mais pura
Virá de boninas ornar os vergeis;
Mas vós, ó meus tempos d'amor e ventura,
Sois findos p'ra sempre, jámais voltareis.

Sondando o futuro minha alma conhece,
Que os ermos do mundo já rosas não tem;
Já tudo declina, já tudo fenece,
O sol da ventura e a espr'ança tambem.

Té mesmo em meu peito vacilla agitada
A chamma da vida perdendo o calor,
Meus dias declinam qual luz desmaiada
Que doura as montanhas com tibio fulgor.

Se tudo, ah! se tudo findou no passado,
Se as trevas se estendem nos céos do porvir,
Que esperas, minha alma? do livro do fado
São negras as folhas; só resta partir.

Ao longe, quem sabe? sulcando as alturas,
Jardins mais formosos verás na amplidão,

De flôres eternas, d'eternas verduras
Que os gelos da terra jámais seccarão.

Temendo os rigores do outomno vizinho,
As aves adejam buscando outros céos;
Tu és, ó minha alma, qual ave sem ninho,
— Procura outros climas, rasgando os teus
[véos!

ANDORINHAS

(JULIO DINIZ)

Fugi, andorinhas, em mais longes plagas
Buscae outras praias, florestas e céo ;
Que é triste o bramido que soltam as vagas,
E um vento presago nos bosques gemeu.

Fugi, namoradas das flôres e estrellas,
Olhae : estes campos sem flôres estão,
E cedo os espaços, á voz das procellas,
Sinistros, cerrados, sem luz ficarão.

Fugi, apressai-vos, alados viajantes,
Em bandos ligeiros os mares cruzae,
Por outros paizes, por selvas distantes,
Mil flôres e aroma, mais luz procurae.

Deixae estes montes de neve c'roados,
As selvas despidas e as folhas sem côr,
As grossas torrentes e os troncos quebrados
E os valles cobertos de denso vapor.

E quando mais tarde, na verde campina
As rosas voltarem com viço a florir,
E as serras, despidas de intensa neblina,
Virentes, formosas se virem surgir ;

E quando deslisem na praia arenosa
Mais lentas, mais brandas, as vagas do mar
E das larangeiras de copa frondosa
Cahirem as flôres no chão do pomar ;

E quando fugirem informes, pesadas,
As nuvens sombrias que se erguem do sul,
Correndo dispersas e em flocos rasgadas
Nos plainos immensos de um limpido azul ;

Voltae ; nova quadra de amores vos chama,
Dos climas distantes p'ra estes partir ;
Então tudo é vida, já tudo se inflamma,
Ha luz, ha perfumes, faltaes vós aqui !

Voltae, que de novo serão florescentes
As selvas, os prados, o monte, os vergeis ;
Quietas as brisas, as aguas dormentes
Nos lagos tranquillos de novo vereis.

Só eu que vos sigo com vistas saudosas
Ao vosso desterro dos mares além,
Já quando no prado brotarem as rosas,
Talvez não reviva co'as rosas tambem.

Ai, não, não revivo, que o vento do outomno
Gemendo angustiado nas brenhas do val,

Convida-me ao leito do placido somno
E as nenias entôa do meu funeral.

Eu morro! Na chamma do sol que declina
Bem sinto o presagio d'um proximo fim;
Se um dia voltardes á nossa collina,
O' doces amigas! lembrai-vos de mim.

D'aquella, que, triste, vagando no olmedo
O adeus da partida vos veio dizer:
Quem sabe das campas o occulto segredo?
Talvez vossos cantos eu possa entender.

Talvez que, ao ouvir-vos a queixa sentida
Quebrando das noites a triste mudez,
A' sombra dos cedros da escura avenida
Acorde, a escutar-vos ainda uma vez.

O GIGANTE DE PEDRA

(GONÇALVES DIAS)

Gigante orgulhoso de fero semblante,
N'um leito de pedra lá jaz a dormir!
Em duro granito repousa o gigante,
Que os raios sómente poderam fundir.

Dormido atalaia no serro empinado
Devera cuidoso, sanhudo velar;
O raio passando o deixou fulminado,
E a aurora, que surge, não ha de acordar!

Co'os braços no peito, cruzados, nervosos,
Mais alto que as nuvens, o céo a encarar,
Seu corpo se estende por montes fragosos,
Seus pés sobranceiros se elevam do mar!

De lavas ardentes seus membros fundidos
Avultam immensos: só Deus poderá
Rebelde lançal-o dos montes erguidos,
Curvados ao peso que sobre lhe 'stá.

E o céo, e as estrellas, e os astros fulgentes
São velas, são tochas, são vivos brandões,
E o branco sudario são nevoas algentes,
E o crepe que o cobre são negros bulcões.

Da noite, que surge, no manto fagueiro
Quiz Deus que se erguesse, de junto a seus pés,
A cruz sempre viva do sul no cruzeiro
Deitada nos braços do eterno Moysés.

Perfumam-no odores que as flôres exhalam,
Bafejam-no carmes d'um hymno d'amor
Dos homens, dos brutos, das nuvens que esta-
[lam,
Dos ventos que rugem do mar em furor.

E lá na montanha, deitado dormindo
Campeia o gigante, — nem póde acordar!
Cruzados os braços de ferro fundido,
A fronte nas nuvens, os pés sobre o mar!

CIUME

(JORGE CUSSEN)

Mais longa e mais crua que um velho remorso
Que ao crime acompanha, me punge uma dôr :
Qual serpe que os membros nos tolhe—parti-
[dos
Me enluta os sentidos — me prostra o ardor!

Pudéra ser sonho! — Pudéra — illudido
Me crer esquecido sem tibia razão!
Pudéra o martyrio que o peito me inunda
Causar só profunda — cruenta illusão!

Mas não! minha mente, p'ra sempre desperta,
Ficções não debuxa — chimeras não vê
No espaço pendidas — co'as azas escuras
Nublando as venturas — quebrar minha fé.

Ciume! — brazeiro que as chammas acende
De um fogo donoso, se—ausentes—penamos ;
Ardente golfada de lava aquecida
Que lavra embebida nos sonhos que alçamos.

Ciume! — agonia, tortura apurada
Que os brios nos tolhe : — tu és o meu mal!
Quizera expellir-te, julgar-te chiméra,
Fugir-te quizera : mas qu'rer o que val?

Se — triste — te vejo, scismando — formosa,
Co'os olhos que adoro fitados no céo,
Saudosa te creio de um outro — ditoso
Mais ledo e gracioso — mais crido do qu'eu!

E eu sinto ciume — lethal soffrimento
Me rouba o repouso, me extingue o prazer ;
— Amar como eu amo — sem ter alegria,
E em lenta agonia — morrendo — viver!

Assim, por piedade, se queres provar-me
Que tenho em tu'alma distincto logar,
Não desfarço á flamma que aquece minh'alma,
Sem paz e sem calma — *zelosa* — a penar.

As flôres nem olhes que as vistas te prendem,
Nem fiques um'hora — pensado — sem mim,
Se — Julia — tu queres que eu possa—ditoso
Louvar-me, orgulhoso, de amar tanto assim.

Não ouças protestos que aos pés te rojarem,
Nem échos — nem restos de afouto louvor;
— A mim só escuta, que dei-te minh'alma,
E peço-te a palma — pedindo-te amor!

NEVOAS

(F. VARELLA)

Na hora em que as nevoas se estendem nos ares
Que choram nos mares as ondas azues,
E a lua cercada de pallida chamma
Na selva derrama seu pranto de luz.

Eu vi... maravilha! Prodigio ineffavel!
Um vulto adoravel, primor dos primores,
Sorrindo ás estrellas, no céo resvalando,
Nas vagas boiando de tenues vapores!

Nos membros divinos, mais alvos que a neve,
Que os astros, de leve, clareiam formosos,
Nas tranças douradas, nos labios risonhos
Os genios e os sonhos brincavam medrosos!

Princeza das nevoas! Milagre das sombras!
Das roseas alfombras, dos paços sidéreos,
Acaso rolaste, dos anjos nos braços,
Dos vastos espaços aos mantos ethereos?

Os prantos do inverno congelam-te a fronte,
Os combros do monte se cobrem de brumas,
E quêdas repousas n'um mar de neblina
Qual perola fina n'um leito de espumas!

Nas nuas espaduas, dos astros algentes,
O sôpro não sentes raivoso passar?
Não vês que se esvaem miragens tão bellas,
A luz das estrellas não vês se apagar?

Ai! vem que nas nuvens te mata o desejo
De um fervido beijo gozares em vão!
Os astros sem alma se cançam de olhar-te,
Nem podem amar-te, celeste visão!

E as auras passavam, e as nevoas tremiam;
E os genios corriam no espaço a cantar;
Mas ella dormia, gentil, peregrina,
Qual pallida ondina nas aguas do mar!

Estatua sublime, mas triste, sem vida,
Sem voz envolvida no hiberneo sudario,
Verás, se me ouvires, trocado por flôres,
Por palmas de amores teu véo mortuario!

Ah! vem, vem minh'alma! Teus louros cabel-
[los,
Teus braços tão bellos, teus seios tão lindos,
Eu quero aquecel-os no peito incendido...
Contar-te ao ouvido meus sonhos infindos!

Assim eu falava, nos amplos desertos,
Seguindo os incertos lampejos da luz,

Na hora em que as nevoas se estendem nos [ares,
E choram nos mares as ondas azues.

As brisas d'aurora ligeiras corriam,
As flôres sorriam nas verdes campinas,
Ergueram-se as aves do vento á bafagem,
E a pallida imagem desfez-se em — neblinas!

SOMBRAS

(THEOPHILO DIAS)

Na hora em que as nuvens dormitam no espaço
Do céo no regaço de fulgido alvor,
E a lua cançada seus raios esfria
Na rêde sombria dos ramos em flôr :

Eu vi ! nem foi sonho de fórmas sem vida
Que a mente illudida, por acaso, gerou,
Nem anjo, nem fada de nitidas plumas,
Que em carro de brumas na terra passou.

Eu vi ! reclinado n'um berço de rosas,
De folhas cheirosas, á luz do luar,
Um corpo formoso de humana estatura
Que area figura pudera invejar !

Nos hombros de jaspe cahindo em novellos
Um laço os cabellos de manso prendia ;
D'uma harpa nas cordas seus dedos passavam
E os ares pejavam de ignota harmonia.

A brisa esflorando seus labios a medo,
Lhe ouvia um segredo d'incognito amor,
E a lua banhava tremente e mortiça
Na frouxa enrediça dos ramos em flôr.

Oh! filha das sombras, nas sombras nascida,
Que endeixa sentida murmuras aos ventos?
Na dôr que te punge meu peito s'embebe,
Minh'alma recebe teus doces lamentos!

Se amarga tristeza seus dias invade,
Se vens de saudades nos ermos carpir,
Não sabes? as brisas, os astros, as flôres,
Tristezas de amores não pódem sentir!

Eu fujo do mundo que o genio degrada,
Se o ermo te agrada, m'encanta a solidão ;
Nos ermos se sentem, á sombra dos lyrios,
Melhor os delirios de accessa paixão.

Oh! vem! peregrina visão de meus sonhos,
Teus olhos tristonhos, teus labios sem côr,
Eu quero animal-os n'um beijo tão leve
Que a forma de neve não turve o pallor.

Encanto das selvas! Que rir merencorio!
Teio seio marmoreo tirita de frio!
Meu Deus! que eu não possa morrer suspi-
De vida inundando teu peito vasio! [rando,

E a noite era linda e os echos dormiam
E os astros tremiam do espaço no alvôr,

E a lua brilhava dormente e calada
Na trança doirada dos ramos em flôr.

E á diva das noites a fronte saudosa
Cobrio-se medrosa de nuvens azues,
A luz das estrellas turbou-se n'alfombra
E a filha da sombra... desfez-se na luz!

NAO CREIAS, MEU ANJO

Não creias, meu anjo, no mundo, na vida,
Nos risos, nas falas, nos homens, no amor;
O mundo te illude, e a vida n'um sonho
S'esvae, s'evapora no aroma da flôr!

Não creias, meu anjo, nos doces sorrisos,
Nas falas ardentes que accendem paixão;
A's vezes n'um riso se occulta o veneno
Que em falas ardentes nos mata a razão.

Não creias nos homens, no amor que fingido
Te arrasta a um abysmo maior do que elle é;
Se perdes, meu anjo, dos anjos a essencia,
Nas sombras do abysmo não tornas a fé.

No altar do teu seio contemplo a virtude
Que acerca a tua alma de encanto e de luz;
Que mysticas flôres te adornam a fronte,
Que arroubo, meu anjo, que ao céo te conduz!

As glorias do mundo, da vida, dos risos,
Das falas, dos homens, do amor, o que são?
Saudades e prantos, e dôr e angustias,
Em brilhos falazes, em doce illusão!

Não creias, meu anjo, senão na virtude
Que enche tua alma de encanto e primor,
Não creias no mundo, na vida, nos risos,
Nas falas, nos homens, não creias no amor.

O LAÇO DE FITA

(CASTRO ALVES)

Não sabes, creança? 'stou louco de amores...
Prendi meus affectos, formosa Pepita,
Mas onde? No templo, no espaço, nas nevoas?!
Não rias, prendi-me
N'um laço de fita.

Na selva sombria de tuas madeixas,
Nos negros cabellos da moça bonita!
Fingindo a serpente qu'enlaça a folhagem,
Formoso enroscava-se
O laço de fita.

Meu ser, que voava nas luzes da festa,
Qual passaro bravo, que os ares agita,
Eu vi de repente captivo, submisso
Rolar prisioneiro
N'um laço de fita.

E agora enleiada na tenue cadeia
Debalde minh'alma se embate, se irrita...

O braço, que rompe cadeias de ferro,
Não quebra teus élos
O' laço de fita.

Meus Deus! As phalenas têm azas de opala,
Os astros se libram na plaga infinita,
Os anjos repousam nas pennas brilhantes...
Mas tu... tens por azas
Um laço de fita.

A' pouco voavas na celere valsa,
Na valsa que anceia, que estúa e palpita.
Porque é que tremeste! Não eram meus labios,
Beijava-te apenas...
Teu laço de fita.

Mas ai! findo o baile, despindo os adornos,
N'alcova onde a vela ciosa... crepita,
Talvez da cadeia libertes as tranças,
Mas eu... fico preso
No laço de fita.

Pois bem! Quando um dia na sombra do valle
Abrirem-me a cova... formosa Pepita!
Ao menos arranca meus louros da fronte,
E dá-me por c'rôa...
Teu laço de fita.

O MENDIGO

(SOARES DE PASSOS)

Nas torres soberbas da grande cidade,
O sol desmaiando não tarda a morrer ;
Recrescem as sombras : que importa? A vai-
[dade
No manto das sombras envolve o prazer.

E o velho, entretanto, lá sobe a montanha,
Caminha, caminha, no cimo parou :
Em frigidas gottas o rosto lhe banha
Suor copioso, que á terra baixou.

Quiz antes da morte, nas serras distantes
Fitar inda os olhos cançados da luz ;
A aldeia da infamia saudar por instantes,
Depois satisfeito depôr sua cruz.

Olhou, e um suspiro de vaga saudade
Juntou a seus prantos em funda mudez ;
Depois, ao volver-se, topando a cidade,
Que em ebrio tumulto folgava a seus pés :

« Mal hajas, cidade, que ao pobre faminto
« O pão da desgraça negaste cruel!
« Mal hajas, mal hajas, que a terra do extincto
« Talvez lhe negáras, a tumba infiel! »

E exhausto e sem forças cahio de joelhos,
E a fronte cançada firmou no bordão :
Passados instantes, os olhos vermelhos
Ao céo levantava, dizendo : perdão :

Cahiam-lhe soltas no collo vergado
As longas madeixas em brancos anneis ;
Que nobre semblante de rugas sulcado,
Sulcado dos annos, e magoas crueis!

« Perdão para as vozes que solta a desgraça!
« Perdão para o triste, perdão, ó meu Deus!
« Bem hajas, que aos labios lhe roubas a taça
« De fel e amarguras, abrindo-lhe os céos.

« Já filhos não tenho, levou-m'os a guerra ;
« Esposa não tenho, finou-se de dôr ;
« Amigos não vejo na face da terra :
« Que faço eu no mundo? Bem hajas, Senhor!

« A's portas do rico bati sem alento,
« Eu rico n'outr'ora, mendigo por fim :
« O rico, sem alma negou-me o sustento,
« Aquelles que amava fugiram de mim.

« Vaguei pelo mundo, nas faces mirradas
« Colhendo os insultos que ao pobre se dão ;

« Sem pão, sem abrigo, por noites geladas
« Pousei minha fronte nas lageas do chão.

« Que vezes a morte chamei sem alento,
« Cançado dos annos, e fomes, e dôr!
« A morte não veio : soffri meu tormento...
« Só hoje me ouviste : bem hajas, Senhor!

« Os homens e o mundo negaram-me os braços
« Mas tu me recolhes, tu me abres os teus...
« Minha alma te busca, desprende-a dos laços.
« Perdão para todos, perdão, ó meu Deus!

E um ai derradeiro soltou d'anciedade,
Cahindo por terra nas urzes do chão :
Ao longe, no seio da grande cidade,
Brilhava das festas nocturno clarão.

O JANOTA

(JOÃO PEÇANHA)

Ando na moda p'ra agradar as bellas,
Que nas janellas ao passar eu vejo;
Tornar-me dellas, do terreiro um gallo,
(Verdade falo) é o que mais desejo.

Por isso uso as derradeiras modas,
Quaesquer ou todas que Pariz nos dá;
Julgam chalaça o que digo? Então,
Muita attenção... Vão ouvindo lá :

Calça na moda, á balão chamada,
Mui bem talhada por franceza mão,
Alva camisa de cambraia fina,
Linda botina de fino tacão.

Chapéo mui fino, de castor patente,
Cabello rente a duque de Saxe;
Collete ornado de botões brilhantes,
Pois dos tunantes é a moda, é praxe.

Gravata chic de uma côr mimosa,
Tendo uma per'la por meu alfinete;
Luvas, bengala, *mexican* bem feita
Tornam perfeita minha toillete.

Com primoroso pince-nez de gosto
Se fito o rosto de qualquer menina,
Ella ao principio quer mostrar-se esquiva,
Depois... Captiva cahe no laço... E' sina!

E qual a moça que ao me ver tão chic
Presa não fique pelo beiço! Eim?
Só desejando que eu com tom faceiro
Diga primeiro: Quer casar, meu bem?

As proprias velhas, sazonados pomos,
Chupados gomos de um fructo azedo,
Dizem que anhelam me adorar tambem,
Eu com desdem, digo então: E' cedo!

Permittam ellas que este amor rejeite,
Amas de leite não preciso, juro,
Sem que tenha rijos dentes, sei.
Jamais gostei de mastigar pão duro.

Folgada vida mui alegre passo,
Se bem que escasso seja o cobre... Ora!
Se ella me adora!... E, com preferencia,
Pela apparencia que só vem de fóra!

Como deixar de idolatrar as bellas,
Se eu sou dellas um fiel debuxo?
Mesmo esbagado, sim senhor, que quer?
Pois a mulher o que quer ver é luxo...

A DESVENTURA

RECITATIVO

VATE.

Visão querida de meus roseos sonhos,
Oh diz-me agora uma verdade... sim ;
Quando meu corpo descançar na tumba,
Responde, ingrata, o que farás por mim?...

ELLA.

Respondo... escuta... me erguerei contente,
Dizendo a todos que morreu um louco ;
E sobre a campa que encobrir teus restos,
Sinceros risos soltarei?... Não pouco.

VATE.

Peito cruento, consciencia ferréa,
Ah! que remorsos sentirás então!
Há de a saudade magoar-te ess'alma,
Has de queixar-te mais será em vão.

ELLA.

Tenho entendido, que seu pobre cerebro,
Pela poesia se tornou doente,

Sonha impossiveis, irrisões, tolices,
E nem se lembra que aborrece a gente.

VATE.

Oh! quando eu vi-te, que serena tarde!
O céo mostrava radiantes côres;
As larangeiras, ao soprar da briza,
No chão deixavam suas brancas flôres.

ELLA.

A mim que importa, que o senhor me viesse,
Fure seus olhos para não ver ninguem;
Oh! seja ingrato para mim sem pena,
Porque ingrata lhe serei tambem.

VATE.

Rola maviosa dos vergeis da terra,
Porque te mostras para mim cruel?...
Se tens a fórma de rôlinha branca,
Meiga rolinha, quem te deu o fel?...

ELLA.

Se eu sou rolinha deixe que eu seja,
Não mate a rola meu cruel senhor;
E' para outro, deixe estar, descance,
Meu doce arrullo de constante amor.

VATE.

Candida estrella deste céo que eu sonho,
Dá-me o reflexo de teu raio... sim;
Clareia a vida de teu joven bardo,
Que seus tormentos chegarão ao fim.

ELLA.

Forte loucura, tenho dito, basta,
Meu Deus valei-me, que maldito dia;
Anjos dizei-me se aturar eu devo,
Estes assomos de infernal poesia?...

VATE.

Flôr adorada dos jardins d'amores,
Dá-me um pouquinho deste amor tão puro;
Inda que humilde junto a ti, prostrado,
Hei-de adorar-te por ti mesmo juro.

ELLA.

Forte loucura, tenha dito, basta,
De taes ideias, meu senhor, prescinda;
Morra se lhe apráz, o que me importa isso,
Ao vel-o morto me rirei ainda.

VATE.

Rola maviosa dos vergeis da terra,
Porque te mostras para mim cruel?...
Peito de rola nunca fél esconde,
Meiga rolinha quem te deu o fél?...

Quando amanhã ao descambar da tarde,
Um grito ouvires de pungente horror;
E um só suspiro misturar-se ao grito,
Fui eu rolinha que morri de amor.

A ELISA

(LUIZ PALMEIRIM)

Lembras-te, Elisa, d'essa noite pavida
Que a vez primeira nos juntou o amor,
E ao longe os uivos do oceano em colera
Teu peito encheram de infantil pavor?

Lembras-te, Elisa, d'essa noite magica
Em que escondidas n'um profundo céo,
Mal se atreviam as estrellas candidas
Das nuvens densas a romper o véo?

Lembras-te, Elisa? Tuas faces pallidas
Tinham perdido o natural carmim;
E de susto, e de amor, tuas mãos gelidas
Entre as minhas aperto e beijo emfim!

Que noite aquella! De meus olhos avidos
O sacro fogo da vivaz paixão,
Buscava occulto, venenoso aspide,
Sugar da rosa o virginal botão!

Então meus olhos se alongavam cupidos
Buscando o termo de um sonhar febril,
Pelos teus hombros que em contornos lubricos
Minh'alma enchiam de desejos mil!

E nos meus braços, de ternura prodigos,
Te cinjo o corpo, te conchego a mim;
Eu não falava, mas ás mudas supplicas
Tu respondias quanta vez : — Pois sim?

Com mão afoita desatando a tunica
Que as fórmas raras te encobria então,
Lembras-te, Elisa, das palavras pudicas
Que me disseste sem dizer o não?

Que noite aquella! No silencio tetrico
Das mudas trevas, meu amor feliz
Ouvia altivo tuas juras timidas
Dizer palavras que a paixão só diz.

Teus negros olhos, que baixavas languidos
Eram suaves promettendo amar;
Bem como as ondas da torrente limpida
Que vai saudosa fenecer no mar.

Então, Elisa, meus desejos fervidos
Deixava á solta desvairar sem fim,
E tu apenas perguntavas tremula :
« Dize, não mintas, não te agrado assim? »

E recostada no meu hombro, a estatua
Eras, Elisa, da mulher ideal

Que eu tinha visto nos meus sonhos credulos
Envolta sempre no avaro sendal.

Com beijos mil já nos teus seios cumplices
Que de venturas n'uma só gozei!
Nas tuas roxas, desbotadas palpebras
Que indicios certos do prazer achei!

Lembras-te, Elisa, com que ardente jubilo
Teu corpo airoso contra o meu cingi?
E como os olhos pela núa espadua
De ver-lhe a alvura, de cegar temi!

Que noite aquella! Tuas tranças d'ebano
Ha pouco presas em gentis festões,
Agora soltas pela face angelica
Vinham, lascivas, avivar paixões!

Preso em teus braços me ficára um seculo,
Suppondo-o sempre no correr veloz,
Ouvindo, Elisa, tuas juras candidas
Ao som cadente d'essa meiga voz!

E com ferventes, delirantes osculos,
Eu em teus labios de vivaz rubim,
Pagava aos centos, com desejo indomito,
Um só dos beijos que me deste em mim!

DESANIMO

(FAGUNDES VARELLA)

Nem um astro de luz ao longe brilha
A meus olhos na densa escuridão ;
Na dubia estrada que minh'alma trilha
Corre da morte o glacial tufão.

Sombra cansada no soffrer perdida,
Eu vou em busca de um sereno abrigo :
Gastei meus prantos ; mas, deixando a vida,
Sei que meus males dormirão comigo.

Sei que esta idéa que me abrasa a mente,
Que minhas noites de amargor tempera,
Se apagará na quietação algente
Da fria louza que meu corpo espera.

Falaz miragem, enganadora luz,
Que a noite vagas de viver nos ermos ;
Falsa esperança que o mortal conduz
Do desengano ás solidões sem termos ;

Para onde foste com teus loucos sonhos,
Fataes chimeras com que a vida enlevas
E me abandonas em paúes medonhos,
Gelado e nú, a tiritar nas trevas?

Morrer!... no seio rebentar de todo,
Sentir da vida o complicado nó
Gèlar-se aos poucos ; repousar no lodo,
E embreve tempo desfazer-se em pó!...

Morrer!... um mundo conhecido, embora
Amargo e negro, abandonar sem medo
Por uma noite que não tem aurora,
Por um deserto pavoroso e tredo!...

Morrer!... já rota abandonar á sorte
A veste escura de uma vida eivada!
E nu ao dorso do corsel da morte
Vertiginoso galopar ao nada!...

Oh! se eu ao menos encontrar pudesse
Nas cinzas frias de meu peito morto
Tenue centelha, que soprando erguesse,
E a meu tormento désse algum conforto!...

Se nos desertos que buscou-me a dôr,
Mares de pranto que minh'alma chora
Brotar fizessem solitaria flôr,
Fria, pendida, definhada embora!...

Vejamos pois... a pesquizar talvez
Cabana encontre na soidão deixada,

Onde me aqueça da cruel friez,
Onde repouse da feral jornada.

Vejamos pois... a Poesia é bella,
Da musa o reino grandioso e santo,
O céo e os astros se alimentam della,
E a voz dos anjos não é mais que um canto.

Eia cantemos... Maldição do inferno!...
A pobre musa se cobrio de pó!
E o rijo sopro de gelado inverno
As doces cordas rebentou sem dó!

Na luta infrene meu engenho ardente
Cobrio-se aos poucos de pezado véo,
Como o diamante na caudal torrente,
Como a estrellinha no turvado céo.

Oh! se eu ao menos encontrar pudesse
Nos tristes ermos deste ingrato mundo
Formosa imagem, que minh'alma erguesse
A's santas aras de um amor profundo!...

Mas ai! refugios eu procuro em vão!
Coração de mulher é como um lago,
Recebe as todas impressões que dão,
Mas nenhuma conserva; é sempre vago!

Falaz miragem, enganadora luz,
Que á noite vagas do viver nos ermos;
Falsa esperança que o mortal conduz
Do desengano ás solidões sem termos;

Para onde foste com teus loucos sonhos,
Fataes chimeras com que a vida enlevas,
E me abandonas em paúes medonhos,
Meu pobre leito mendigando ás trevas?

Oh!... Esta idéa que me róe na mente,
Que minhas noites de amargor tempera,
Só terá fim na quietação algente
Da fria louza que meu corpo espera!...

SONHA

(J. M. MACEDO)

Sonha, donzella, a mocidade é bella,
P'ra quem só teve desde o berço flôres ;
A vida é triste para mim, coitado,
Que vivo cheio de cruentas dôres !

Sonha, não penses no cantor perdido,
Amante e crente do candôr dos lyrios ;
Sonha, não queiras partilhar comigo,
Do mundo falso seus crueis martyrios.

Sonha, não olhes a impureza d'alma
De um poeta que te amou com ancia ;
Atira ao fogo esses loucos cantos
De quem na orgia mareou a infancia.

Sonha, que os anjos sonharão comtigo,
A virgem pura guardará teus cantos ;
Mas não maldigas n'esse sonho puro
A quem da lyra arrancou só prantos.

Sonha, não chores por me vêr perdido,
Louco, descrendo da cruenta sorte ;
Não queiras vêr-me navegando afouto
Por sobre as vagas da tremenda morte.

Sonha, que o pobre chorará sósinho,
Sorvendo a taça d'amargosa lida ;
E quando a morte me riscar do mundo,
Mesmo cadaver — te amarei, querida.

Sonha, não penses, é loucura a vida,
E' falso e negro teu viver dourado ;
Só não é falso o poema immenso
Que sobre a campa deixarei gravado!

JOVITA

(GREGORIO CHRISTINO DA SILVA)

A bella, valente, guerreira *Jovita,*
O pasmo hoje excita com seu proceder;
Quem é que diria que um peito tão fragil
Teria a coragem d'aquella mulher?!

Deixando a familia, deixando seus lares,
Da guerra os azares vai ella arrostar!
Não quer (que coragem!) servir d'enfermeira,
Quer, sim, ser guerreira p'ra *muitos* matar!

Jovita não teme pisar os espinhos
De horriveis caminhos co'a planta mimosa;
Não teme trocar esse clima do Norte
P'lo frio tão forte da plaga arenosa.

Que exemplo sublime! Que facto gigante
Se dá n'este instante no nosso Brazil!
O mundo hoje pasma, todo elle s'inclina,
Porque a mão divina nos guia o fuzil.

Permitte, heroina, que o bardo obscuro
Te augure um futuro risonho, feliz ;
Que voltes da guerra coberta de gloria,
Que illustres a historia do nosso paiz.

O CANTO DO DESCRIDO

(J. DE ARAUJO E SILVA)

Que vale a vida para o desgraçado,
Soffrendo o fado, sem allivio achar?
Antes na campa esse somno duro
Que prematuro póde a morte dar.

Só entre os mortos o socego impéra
Que sorte austera tão cruel negou ;
Ante os cyprestes e os chorões crescidos
Morrem gemidos que essa dôr levou.

Ahi, na lousa do martyrio a palma,
Em santa calma que o pezar gerou!
Quando da vida a cadêa dura
Que a desventura lhe prender deixou.

Ninguem derrame sobre o triste, o pranto
Que nunca um canto de prazer soltou!
Que o véo da morte, — essa noite escura,
Da sepultura o seu mal findou!

Quando da lua o clarão divino
Vier benigno lhe trazer a luz,
O sacro emblema mostrará brilhante
De insinuante — respeitosa cruz...

VEM... MORENA !...

(GUALBERTO PEÇANHA)

Oh! vem, morena, que te chama o bardo,
Humilde escravo de teu mago olhar ;
Quero em teu seio reclinar a fronte,
Quero em teu seio adormecer — sonhar.

Vem, serás minha, minha só, morena,
Por quem no mundo existirei de amores,
Serás a imagem a me dourar os sonhos,
Serás um anjo a mitigar-me as dôres.

Oh! vem, morena, não vacilles, vem,
Quero em meus braços t'estreitar — fremente;
Serás a minha Malibran formosa,
Por quem a vida offertarei contente.

Vem... que me importa d'este mundo as falas
Se tu me adoras, se eu tambem te adoro?
Se acaso folgas, sou contente ao vêr-te,
Se tu padeces, tambem soffro — choro.

Oh! vem, morena, esqueçamos tudo,
Habitaremos da florestra em meio;
Quando dormires velarei teu somno,
De lindas flôres cobrirei teu seio.

Lá viveremos qual no céo os anjos,
Frondentes arv'res nos darão abrigo;
E quando a aurora despontar risonha
O sabiá conversará comtigo.

Oh! vem, morena, na soidão das matas
Olvidaremos d'este mundo as galas;
Existiremos um p'ra o outro — apenas
Trocando mutuas — amorosas falas.

Nada receies, vem fruir comigo,
Que te idolatro — um existir de flôres;
Longe das turbas — tudo são delicias,
Longe das turbas — não existem dôres.

Oh! vem, morena, gozaremos juntos
Este amor santo, abençoado, puro;
Serás meu anjo tutelar na vida,
Mesmo além-tumulo te amarei — eu juro.

GEMIDOS D'ALMA

Feliz eu fôra, se tivesse agora
Lyra sonora, p'ra cantar fulgôres ;
Feliz eu fôra, se minha alma louca,
Cançada e rouca, não sentisse dôres.

Feliz eu fôra, se minha'alma triste
Que tu feriste, fatal crença ingrata,
Me désses bella, desse amor ardente,
Que dôcemente nossa vida mata.

Feliz eu fôra, se em sonhar d'amores
Mimosas flôres, junto a mim tivesse ;
Então quizera que seu lindo rosto,
Ao meu desgosto, outra vida désse.

Feliz eu fôra, se meu pobre peito,
Sentisse o effeito de gentil amor ;
Então veria o meu archanjo lindo
P'ra mim sorrindo, desterrar-me a dôr.

Feliz eu fôra, se podesse agora,
Bem como outr'ora, não sentir paixão,
Por esses olhos de belleza cheios
Que a seus enleios me arrastando vão.

Feliz eu fôra, se a mente inquieta
Com voz dilecta, me dissesse... amai...
A joven bella, de teus sonhos qu'ridos,
Os teus gemidos escutando vae.

Feliz eu fôra, se o fatal destino
Me désse um hymno de gentil esp'rança,
Depois da infausta illusão perdida,
Me désse á vida o que a vida cança.

Feliz eu fôra, se gozasse tanto ;
Mas tal encanto para mim não ha ;
Cruel tristeza me escurece a alma,
Me rouba a calma que o prazer me dá.

ADELIA

(GUALBERTO PEÇANHA)

Adelia, meu anjo, escuta um segredo,
Que é isto? tens medo? Meu Deus! porque coras?
Não tenhas receio, attende, faceira,
Escuta, ligeira, que passam-se as horas.

Não fujas, Adelia, terás tanto medo
De ouvir um segredo, que tremas assim?...
Escuta, meu anjo, teus olhos tão lindos,
Dão gozos infindos — ah! volve-os p'ra mim!

Escuta, meu anjo, não tenhas receio,
Ainda este enleio?... porque, linda flôr?
Porque me fugiste, tremeste, coraste,
Jàmais escutaste — segredo de amor?

Jàmais te disseram que eras formosa
Qual rosa librada nas azas da brisa?
Ou nunca sentiste ferir teus ouvidos
Lamentos sentidos — és muda? indecisa?

Escuta o segredo — segredo innocente...
Ainda és tremente? socega... te imploro.
Assim... socegaste... me attende serena,
Galante morena : « Ha muito eu te adoro ».

Perdôa-me, Adelia, mas tu me perdeste,
Com risos soubeste minh'alma prender ;
Como ha-de o poeta, vergado á vertigem
Distante da virgem que adora, viver?

LEMBRANÇAS

Nas horas tristonhas que tudo escurece,
Que a alma apparece mostrando seu manto,
São horas que eu teço canções de amizade
De triste saudade, de dôr e de pranto.

Aqui no retiro da minha orphandade
Aonde a saudade me tem dado dôres,
Eu vi em teus olhos um fim de bonanças,
Um céo d'esperanças, um mundo de amores.

Se escuto o gemido da rola em seu ninho,
Chorando o filhinho que cedo perdeu,
Se a brisa fagueira nos bosques suspira,
Ao som d'esta lyra tambem choro eu.

Me lembro do tempo que junto passámos,
Que alegres cantamos n'um mundo de flôres,
Da linda estrellinha que então nos seguia,
Que nos presidia nas juras de amores.

Me lembro dos campos, dos cantos saudosos,
Dos sons maviosos que além eu ouvi ;
Do seio materno, do pai extremoso,
Do irmão carinhoso — me lembro de ti.

Se escuto alta noite gentil trovador
Cantando o amor com voz de alegria,
Eu tenho saudades do nosso passado,
De quando a teu lado contente eu vivia.

ELMAIA

(J. M. MACEDO)

Tu me chamaste de infiel, morena,
Porque, tyranna, me offendeste assim?
Eu já falei-te, já te fui perjuro,
Pois já tens queixas que fazer de mim?

Talvez tu sejas inconstante e vária,
E por teu genio, tu me julgues tal!
Porém eu juro que te amo e muito...
E tu, Elmaia, tens-me amor igual?

N'aquelle baile em que dançamos juntos,
Tu me provaste que eras muita má!
A sós deixavas muitas vezes, muitas,
Quem vida e alma, eterno amor te dá!

E' assim que provas que tambem me amas?
E' d'essa fórma que se póde amar?
Não, minha virgem, quem amor tem firme,
Só junto d'elle póde bem gozar ...

Porém, perdôa ; são transportes d'alma !
Estou vencido, já te beijo os pés !
E se me amas com amor bem puro,
Deixa esses modos, que me são crueis.

SAUDADES

(AUGUSTO EMILIO ZALUAR)

No cimo dos montes, ao som da corrente
Que a lua tremente prateia ao fulgir,
Que horas eu passo — scismando, scismando,
E ás sombras falando que vejo surgir!

Agora no encosto da penha escalvada
Diviso estampada de negro uma cruz;
E tu, junto d'ella, pousar vagarosa,
Oh! virgem formosa, banhada de luz!

Depois de joelhos, os labios agitas,
E tremes, palpitas, pedindo ao Senhor;
Talvez me converta da vida os espinhos
Em brandos carinhos, em sonhos d'amor!

Immovel out'ora na plaga deserta
Eu vejo-te incerta, celeste visão,
Cruzando teus braços no seio tão bello
E o negro cabello rojando no chão.

Ao brilho dos astros, da brisa ao alento,
Ao vago lamento do rio a chorar,
Eu ouço-te e vejo-te, ó candida imagem,
Do bosque a folhagem passando agitar.

De ti separado — que fundo martyrio!
Eu sinto em delirio qu'esta alma s'esvai;
E quero do exilio, na dôr que me opprime,
Um grito sublime mandar-te n'um ai!

Agora que a lua parece que a medo
A face em segredo saudosa escondeu;
Eu juro que a morte não póde apartar-nos,
E havemos amar-nos na terra e no céo!

O POBRE

(FERREIRA NEVES)

De porta em porta, sobre lentos passos,
Acompanhado dos filhinhos seus,
Eil-o que brada tendo os olhos baços :
« Esmola ! esmola ! pelo amor de Deus ! »

E como a brisa na amplidão dos ares
A voz do pobre se perdendo vai !
Ninguem responde — e com seus pezares
O pobre segue — desprendendo um — ai !

Esmola ! esmola ! n'outra porta implora ;
Por ella espera de chapéo na mão ;
Mas em resposta se lhe diz agora :
« O Deus dos céos o favoreça, irmão ! »

E o coitadinho seu caminho segue,
Envergonhado de pedir assim !...
Quasi recúa — mas os olhos ergue,
Contempla os filhos — e prosegue alfim !

O dia inteiro no pedir se passa,
E' raro aquelle que um vintem lhe dá,
Depois recolhe-se á morada escassa
Onde soccorros que esperar não ha!

E quando a estrella da festiva aurora,
Enfeita os valles c'os primores seus,
Eil-o coitado! que outra vez implora,
Esmola! esmola! pelo amor de Deus!

E como a brisa na amplidão dos ares
A voz do pobre se perdendo vai!
Ninguem responde — e com seus pezares
O pobre segue — desprendendo um — ai!

DESCRENÇA

(JOÃO DA SILVEIRA SAMPAIO JUNIOR)

O calor do fogo ou — da chamma ardente
Que alma sente incendiar-se tanto,
E' como o raio que fulmina e mata,
E o amor da ingrata se converte em pranto!

Mas, ai! de mim, se maldigo a sorte,
Se até da morte hei zombado crente!...
Qu'importa embora que humilhada viva,
Se a dôr lh'activa um viver pungente?!...

Se busco ás vezes da mulher perjura
Sonhar ventura que gozei outr'ora,
Eu sinto n'alma um desejo immenso
D'um fogo intenso abrazar-me agora!...

Assim o odio rebentando em chamma,
Que mais s'inflamma n'um voraz delirio...
Viver só quero alentando a vida,
Na fé perdida que me deu martyrio...

E porque choras? me dirás tranquilla,
Tens amor? — eu a vida, um desprezo e dó!...
Mas, ai! de ti... infernal vampiro,
Se da morte o tiro converter-te em pó!

Embora eu sinta a paixão ardente
Queimar-me a mente com mentidas juras,
Direi-te sempre que não creio n'ellas,
São todas ellas, por demais perjuras.

O VAGABUNDO

(ALVARES DE AZEVEDO)

Eu durmo e vivo ao sol como um cigano
Fumando o meu cigarro vaporoso ;
Nas noites de verão namoro estrellas,
Sou pobre, sou mendigo, e sou ditoso!

Ando roto, sem bolsos nem dinheiro ;
Mas tenho na viola uma riqueza :
Canto á lua de noite serenatas,
E quem vive de amor não tem pobreza.

Não invejo ninguem, nem ouço a raiva
Nas cavernas do peito, suffocante
Quando á noite na treva em mim se entornam
Os reflexos do baile fascinante.

Namoro e sou feliz nos meus amores,
Sou garboso e rapaz... Uma criada
Abrazada de amor por um soneto
Já um beijo me deu subindo a escada...

Oito dias lá vão que ando scismando
Na donzella que alli defronte mora,
Ella ao vêr-me sorri tão dôcemente!
Desconfio que a moça me namora!...

Tenho por meu palacio as longas ruas,
Passeio a gosto e durmo sem temores;
Quando bebo, sou rei como um poeta,
E o vinho faz sonhar com os amores.

O degrau das egrejas é meu throno,
Minha patria é o vento que respiro;
Minha mãi é a lua macillenta,
E a preguiça mulher por quem suspiro.

Escrevo na parede as minhas rimas,
De paineis a carvão adórno a rua;
Como as aves do céo e as flôres puras
Abro meu peito ao sol e durmo á lua.

Sinto-me um coração de lazzaroni;
Sou filho do calor, odeio o frio;
Não creio no diabo nem nos santos...
Rezo a Nossa Senhora, e sou vadio!

Ora, se por ahi alguma bella
Bem dourada e amante da preguiça,
Quizer a nivea mão unir á minha
Ha-de achar-me na sé, domingo, á missa.

SAUDADE

(J. BONIFACIO)

Era mentira quando o seio ardente
Inda tremente sobre o meu senti!
Oh! que loucura n'esse vão desejo,
N'aquelle beijo que ao te dar morri!

Lembra-me ainda o clarear da lua
Quando na tua minha mão tremeu;
Inda imagino teu vestido aereo
N'esse mysterio que me enlouqueceu

Humida nuvem de uma luz saudosa
A face rosa te cobriu... passou;
Como de orvalho esse véo nitente
Que o lyrio algente de pudor curvou.

Oh! que alegrias, nos jardins, nas salas,
As dôces falas de te ouvir sonhei!
Entre as roseiras, do luar queridas,
Hoje esquecidas a memoria achei.

Ficou-me apenas n'esta curta idade
Murcha saudade do sonhar fagueiro :
E' flôr que exprime, quando passas linda,
A vida finda do amor primeiro.

ENLEVO

(F. J. BETTENCOURT DA SILVA)

A' meia noite, silenciosa a terra,
Eu quero a vida reviver comtigo ;
Nova existencia de dourado enleio,
De amor ditosa, vem sonhar comigo.

Sobre o meu peito enrubecida, anciosa,
Eu quero vêr-te de meus — ais — rendida ;
De amor captiva, perfumados beijos
Minh'alma triste colherá na vida.

E tu em gozos de um sentir profundo
Caricias ternas, meu amor fruindo,
Sempre a meu lado, divinaes prazeres,
Celestes sonhos, gozarás sorrindo.

Assim da vida as esmaltadas flôres
De nossas almas nascerão formosas ;
Aereo mundo habitaremos ambos,
Amante imperio, que existir de rosas !

E então comtigo, em anhelante abraço
Vendo-te bella, a palpitar tremendo,
Sobre o teu collo de volupia cheio
Quero o meu rosto reclinar morrendo.

UM NAMORADO DA ÉPOCA

(R. F. DE ALMEIDA)

Passeia á tarde, quando o sol é posto,
P'ra vêr seu rosto, mendigar-lhe um riso ;
Porém, se avista a seu lado, o *velho,*
Fica vermelho — quasi perde o siso !

Volta a esquina, fuma seu charuto,
Qual o matuto que á cidade vem !
Ahi espera por algum escripto,
E fica afflicto se não vem ninguem.

Mira-se todo — limpa seu calçado —
Que já rasgado, tinha posto ao lado ;
Mesmo os tacões elle não dispensa...
Sómente pensa em fazer-se amado !

Expõe-se á chuva, se expõe á lama,
P'ra ter a fama de a conquistar !
Mas se reflecte, marcha direitinho,
— Mui caladinho — para o Alcazar.

10.

Ahi disfarça da paixão as magoas,
Com certas *aguas* de diversas côres ;
Bebe cognac — capilé composto —
Tudo por gosto d'esquecer amores!

E quando acaba de uma tal folia,
De *poesia* se lh'escalda a mente...
Caminha, acceso qual ardente braza,
E chega a casa por demais contente!

SEGREDO

(CLIMACO A. B. OLIVEIRA)

Quando eu ás vezes teu olhar surpr'endo
Languido e terno sobre mim pairar,
Em cada golpe d'este olhar compr'endo
O que me queres talvez perguntar.

E sempre finjo que ignoro tudo!
Que nem sei mesmo quem tu és, quem sou;
E me conservo indifferente e mudo
Como criança que a visão pasmou.

Talvez tu penses que evitar prentendo
Essas promessas de um amor por vir,
Perdôa á folha que arrebata-a o vento,
Ella não sabe aonde vai cahir.

Queres ouvir-me que a razão me ensina
A que me faça indifferente assim;
E' que não quero me curvar á sina
Má, que do berço se engraçou de mim.

Não devo rir-me quando sinto dôres
Nem illudir-me de esperanças mais ;
Minha alma esvae-se, como murcham flôres,
Gemendo agora seus doridos ais.

Perdôa, virgem, esse modo ousado,
Por que eu evito teu ingenuo amor,
Eu cumpro apenas um dever sagrado,
Fugindo aos gozos p'ra viver na dôr.

Tu és estrella, no fulgor princeza,
Que a terra inundas de tão meiga luz ;
Eu sou o cyrio que só diz tristeza
Quando alumia mortuaria cruz.

Tu és rainha, e de teu throno as galas
Eu não podera contemplar sem medo,
De longo escuto tuas meigas falas,
E se tal faço é por ser meu segredo.

Oh! se te amo! com amor tão santo,
Que não pudera-te dizer jamais!
Porém se fujo de tamanho encanto
E' que receio que o contar queiraes.

E sabe agora que esse amor de louco
Que por ti nutro n'um fatal segredo,
Eu acho ainda para ti mui pouco,
Mas não o reveles porque tenho medo.

A CAPELLA DA VIRGEM

(S. G. SOUZA)

Que é feito das flôres da branca capella
Que ornava-te, oh bella, da fronte a pureza?
Que é feito do riso com que descuidosa,
Fruias gostosa — tão meiga belleza ?

Que é feito das côres que o lyrio invejava,
Que a rosa almejava — tambem possuir?
Que é feito da paz que morava em teu peito,
Jamais contrafeito — a pensar no porvir?

Que é feito dos brincos com qu'inda innocente
Gozavas contente — dos annos a flôr?
Que é feito do fogo dos olhos galantes,
Tão negros, brilhantes, tão cheios de amor?

Que é feito da graça com que tão faceira,
Qual corça ligeira — no prado saltavas?
Que é feito dos cantos de dôce magia,
De tanta harmonia — que alegre soltavas?

Ai triste! — que é feito de todo o passado,
Tão bello, dourado — tão cheio de flôres?
Ai! triste! trocaste-o, com tua imprudencia,
Por triste existencia, tão cheia de dôres!...

A branca capella jaz murcha — esfolhada,
Por terra lançada — p'ra mais não s'erguer;
Ai, triste! sem ella que vale o ser bella?
Sem branca capella — que vale o viver?

FADA DE ENCANTOS

(ADEODATO SOCRATES DE MELLO)

Fada de encantos que eu adoro e amo,
Por quem me inflammo sem venturas ter,
Deixas que o pobre, suspirando amores,
Sinta os rigores de um cruel soffrer?

Deixas, ó virgem, que o meu negro fado,
Que me ha ligado á desventura assim,
Longe dos gozos, como a flôr pendida,
E' minha vida um suspirar sem fim?

E tu, flôr bella no tapiz dos prados,
Dôces, bordados de mimosas côres,
Não vês o pobre que por ti clamando
Vive chorando n'um viver de dôres?

Oh! se eu nunca disse, te direi agora,
Minh'alma chora por teu dôce amor;
Vem dar ao triste, que não tem abrigo,
Um peito amigo a mitigar-lhe a dôr.

Vem tu, ó virgem, dôce irmã dos risos,
Dar-me os sorrisos de uma vida pura ;
Ai! dôce anjo, minha vida abrazas,
Roça-me as azas de feliz ventura.

Não temas nunca que eu te olvide, não!
Meu coração e meu amor são teus ;
Se me desprezas vagarei perdido
Como o descrido nos desertos seus!

DESPREZA O MUNDO

(S. J. S.)

Despreza o mundo que caminha errante,
Que, ignorante, jamais crê — virtude!...
Despreza o mundo que a acção mais pura
Se lhe figura — sentimento rude!...

Despreza quem no lodaçal do mundo
Vegeta immundo, sem virtudes ter;
Despreza aquelle que o crime abraça,
Sorvendo a taça do agro soffrer!

Os que te accusam de leviandades,
São nullidades — só inspiram dó!...
Sem se lembrarem que serão um dia
P'la morte impia, reduzidos a pó.

Altiva e nobre tua fronte ergue,
E firme segue da virtude o trilho;
Ri-te d'aquelles que com falso agrado
Tem procurado te offuscar o brilho...

Coração de anjo, fórmas de mulher,
E' bem cruel quem te impõe soffrer!
Que desprezando todo teu encanto
Vertendo o pranto te fará morrer!...

Eu te admiro, e comprehendo tanto
Quanto teu pranto me traduz — delirio!...
Que com puro affecto — serena calma
Te offerto a palma do cruel martyrio!...

Despreza o mundo que caminha errante,
Que, ignorante, jamais crê — virtude!...
Despreza o mundo que a acção mais pura
Se lhe figura — sentimento rude!...

QUIQUITA

(J. M. MACEDO)

Quizera dizer-te que dura e pungente
Saudade inclemente meu peito trucida ;
Porém que minha alma de ti mesmo ausente,
Amor mais fervente te guarda, ó querida!

Quizera beijar-te com tal castidade,
Que só da saudade tirasse a tortura!
Quizera em teus braços depois, ó deidade,
Falar-te á vontade de amor e ventura!

Quizera falar-te dos nossos amores,
Dos quadros de flôres que juntos fizemos!
Lembrar-te esses tempos tão bellos, sem dôres,
E os mil amargores que em troca tivemos.

Porém de que servem lembranças, desejos,
Que valem os beijos e gozos de outr'ora,
Se o anjo das dôres, nos tristes adejos
Com feros motejos de nós zomba agora!?

Quiquita, esperemos ; um Deus ha bondoso
Que ao triste, piedoso, concede caricias!
Talvez que elle mude este fado horroroso
N'um mar venturoso de eternas delicias!

O MUNDO É VÃO

(HENRIQUE MACHADO)

O mundo é vão, se o passado, ó virgem,
Imprime n'alma do soffrer a dôr ;
O mundo é vão, se afagamos, loucos,
Lembranças loucas de mentido amor.

Ao avistar-te tão formosa e bella
Quiz meu futuro a teus pés depôr ;
Tu desdenhaste da offerenda minha,
Pois era pobre, só te dava amor!

Amei-te, virgem, dediquei-te outr'ora
Trovas sinceras de sincero ardôr ;
E tu, vaidosa, desprezaste, ingrata,
Os carmes tristes d'este teu cantor.

A primavera de ditosos gozos,
Brotou de flôres no meu peito amor ;
Mas veio o inverno de descrença agreste,
Tombou as hastes e murchou a flôr!

Nada me resta d'esse amor tão puro,
Nem do passado a lembrança agora ;
Foi breve sonho, illusão nocturna,
Que s'esvaiu ao despontar d'aurora.

O mundo é vão, se o passado, ó virgem,
Imprime n'alma de soffrer a dôr ;
O mundo é vão, se afagamos, loucos,
Lembranças loucas de mentido amor.

MINH'ALMA É TRISTE

Fragmento

(CASIMIRO DE ABREU)

Minh'alma é triste como a voz do sino
Carpindo o morto sobre a lage fria ;
E' dôce e grave qual no templo um hymno,
Ou como a prece ao desmaiar do dia.

Se passa um bote com as velas soltas
Minh'alma o segue n'amplidão dos mares,
E longas horas acompanha as voltas
Das andorinhas recortando os ares.

A's vezes, louca, n'um scismar perdida,
Minh'alma triste vae vagando á tôa,
Bem como a folha que do sul batida
Boia nas aguas de gentil lagôa !

E como a rola que em sentida queixa
O bosque acorda desde o alvor da aurora,
Minh'alma em notas de chorosa endeixa
Lamenta os sonhos que já tive outr'ora.

Dizem que ha gozos no correr dos annos!...
Só eu não sei em que o prazer consiste ;
— Pobre ludibrio de crueis enganos,
Perdi os risos — a minh'alma é triste!

Minh'alma é triste como a flôr que morre
Perdida á beira do riacho ingrato ;
Nem beijos dá-lhe a viração que corre,
Nem dôce canto o sabiá do matto!

E como a flôr que solitaria pende
Sem ter caricias no voar da briza ,
Minh'alma murcha, mas ninguem entende,
Que a pobresinha só de amor precisa!

Amei outr'ora com amor bem santo
Os negros olhos de gentil donzella,
Mas d'essa fronte de sublime encanto
Outro tirou a virginal capella.

Oh! quantas vezes a prendi nos braços!
Que a diga e fale o laranjal florido!
Se mão de ferro espedaçou dous laços,
Ambos choramos mas n'um só gemido!

Dizem que ha gozos no viver d'amores,
Só eu não sei em que o prazer consiste!
— Eu vejo o mundo na estação das flôres...
Tudo sorri — mas a minh'alma é triste!

Minh'alma é triste como o grito agudo
Das arapongas no sertão deserto ;

E' como o nauta sobre o mar sanhudo,
Longe da praia que julgou tão perto!

A mocidade no sonhar florida
Em mim foi beijo de lasciva virgem :
— Pulava o sangue e me fervia a vida,
Ardendo a fronte em bacchanal vertigem.

De tanto fogo tinha a mente cheia!...
No afan da gloria me atirei com ancia...
E, perto ou longe, quiz beijar a serêa
Que em dôce canto me attrahiu na infancia.

Ai! loucos sonhos de mancebo ardente!
Esp'ranças altas... Eil-as já tão rasas!...
— Pombo selvagem, quiz voar contente...
Feriu-me a bala no bater das azas!

Dizem que ha gozos no correr da vida...
Só eu não sei em que a prazer consiste!
— No amor, na gloria, na mundana lida,
Foram-se as flôres — a minh'alma é triste!

GEMIDOS D'ALMA

(J. PEREIRA DE ALMEIDA)

Donzella bella, que incensei e amei,
Qual ama a chamma a mariposa airosa :
Meu peito, affeito a delicioso gozo,
Foi... teu, morreu como a mimosa rosa!

Dilecto affecto te votava e dava
Minh'alma em calma, meu amor em flôr :
Desprezo acceso bem audaz, mordaz,
Me déste, encheste o trovador de dôr!

Ingrata! mata pouco a pouco o louco
Que triste viste te jurar — amar!
E, má, me dá esses desdens que tens,
Severos, feros, a me dar penar!...

Embora agora tu me estales, fales
Segredos tredos de cantor e amor :
Oh! diz, feliz : — E's venturado e amado...
Engana! sana-me o travador de dôr!

Desejo um beijo de candura pura,
De um riso e viso, de delphim, p'ra mim...
Um lasso abraço a murmurar sem par
Paixão... que então és seraphim assim...

Porém, que tem meu coração?... Em vão
Em tudo illudo! Eis-te a fugir e a rir,
Do vulto estulto que em risonho sonho,
N'um céo sem véo te viu fulgir... sorrir!

Ai hoje... foge! Oh minha endeixa... deixa
Serena arena em que crepita a dita...
Que o pranto tanto, dos meus cantos santos,
Ai são canção de uma desdita afflicta!...

Gemidos fidos da minh'alma em calma
Sedentos, lentos a viver sem qu'rer!
No mundo immúndo me esvaindo, o lindo
Amor em flôr a fenecer... morrer!...

FLÔRES DO CORAÇÃO

(C. DE ABREU)

A aurora assoma — e a terra doma
Co'a extensa coma de rubra côr ;
N'esta hora maga suspira a vaga,
E a briza afaga no ramo a flôr.

Hora de encantos que só tem cantos,
Ternos quebrantos que amor produz,
Além serpeia a argentea veia,
E a ave gorgeia saudando a luz.

Que primavera!... — ai! quem me dera
Qual dôce hera que se une á flôr,
Vêr-me em teus braços, preso em teus laços
E em teus regaços viver de — amor...

Foge a belleza, passa a nobreza,
Fica a pobreza se a parca vem!...
Mas terna chamma que amor inflamma
Vae com quem ama surgir além.

A aurora assoma e a terra doma
Co'a a extensa coma de rubra côr ;
N'esta hora maga suspira a vaga,
E a briza afaga no ramo a flôr.

Vem pois, donzella, que amor nos vela
E a briza é bella e é manso o mar,
Nosso barquinho alli sósinho...
Parece um ninho que aguarda o par.

Lá n'essas aguas dir-te-hei as fragoas,
A dôr e as magoas que sinto em mim,
E aos rumorejos dos meus arpejos
Quero em teus beijos da vida o fim.

Hora de encantos que só tem cantos,
Ternos quebrantos que amor produz,
Além serpeia a argentea veia,
E a ave gorgeia saudando a luz.

Teus olhos bellos causam anhelos,
Sim!... quero vêl-os cheios de amor,
Vibrar um raio solto a soslaio,
Terno desmaio de luz, de — amor!...

Na face pura, que formosura...
Quanta doçura tens no falar,
Que morbideza, que singeleza,
Quanta nobreza no teu amar!

Que primavera!... ai!... quem me dera
Qual dôce hera que se une á flôr,

Vêr-me em teus braços, preso em teus laços,
Em teus regaços viver de — amor.

No dôce riso mais indeciso
Que paraiso se vê brilhar!
Que moreninha!... como ella vinha...
Era a rainha do meu pensar!

Como se agita tua alma afflicta,
Porque palpita teu seio em flôr?
Tiveste medo que o segredo
Rompesse tredo do nosso amor?...

NO MAR

(GUALBERTO PEÇANHA)

Lembras-te quando te beijei o seio
N'aquelle enleio que de amor provém?
Aquellas falas que trocamos rindo,
Gozos sentindo — quem ouviu? — ninguem.

Lembras-te, virgem, quando além — no mar,
Triste, a scismar — adormeci aos cantos
Que desprendias, contemplando a lua,
Que a fórma tua desnudava encantos?

Lembras-te quando ao despertar fitei-te,
Depois beijei-te a nacarada face?
Que tu coraste? mas porque coraste?
Virgem, julgaste meu enlevo audace?

Lembras-te quando meu batel singrando
O pego brando, tu p'ra mim sorrias?
N'aquelle riso que é de amor a origem,
Me dize, virgem, o que então dirias?

Lembras-te quando se mostrou no céo
Alva sem véo — a matutina estrella,
Que tu disseste com falar de fada :
« Oh ! luz sagrada — como tu és bella ! »

Se por acaso te recordas — flôr,
Do nosso amor, d'aquella noite emfim ;
Fita os teus olhos nos meus olhos — rindo,
Um gozo infindo me faz ter n'um — sim.

PERDÃO

(F. N.)

Ousei amar-te muito, quando placido
Sonhava possuir-te inda algum dia,
Manchei nos versos meus teu nome candido,
A illusão já passou : perdão, Maria.

Pequei! Fugir não pude ao fogo vivido
De teus olhos formosos, sem rivaes ;
Perdôa-me, por Deus! meu rosto pallido
Bem te diz que soffrer não posso mais.

Fui um louco! Olvidei a negra tunica
Da pobreza em que a sorte me envolveu ;
Esqueci que do mundo as galas fulgidas
Não eram para os pobres como eu.

Tu eras meu fanal! na vida insipida
Era minha ambição o teu amor ;
Os dias de ventura foram rapidos,
A esperanças morreu, morreu em flôr.

Fui um louco em sonhar gozos purissimos,
Fui um louco porque não te evitei;
Mas quem podéra vêr teu rosto angelico
Sem deixar-se prender, qual me deixei?

Agora é tudo findo, é tudo marmore
N'este peito em que tinhas um altar :
Se a natura não fosse minha cumplice,
Eu, de certo fugira de te amar.

Sendo pobre devêra ser mais timido,
Que amar o pobre ao rico é ousadia;
Mas agora meu peito é todo gelido,
A illusão já se foi; — perdão, Maria.

PEREGRINA IMAGEM

(OCTAVIANO HUDSON)

Porque me foges, peregrina imagem?
Porque torturas a minh'alma afflicta?
Não vês que choro de soffrer teu odio
Que mais ardente meu amor incita?!

Porque desvias esses olhos languidos
Dos meus que anceiam se revêr nos teus?
Porque emmudeces quando falo e peço
Perdão, desculpa dos delirios meus?!

Porque constante teu olhar furtivo,
Surprehendo, ás vezes, a fixar-se além?
Porque reclinas pensadora a fronte?
Porque suspiras, sem amar ninguem?

Porque recusas ao piano, oh Diva,
Que volte as folhas do Nocturno ou Canto,
Dizendo altiva : — « Não lhe dê cuidado,
« Não se incommode ; não mereço tanto? »

Ou se eu insisto no almejado intento,
Mordendo os labios, a corar-te o rosto,
Porque murmuras ao voltar-me as costas ;
— « Sinto viesse a me massar disposto?! »

Depois... deitando-me um olhar d'aquelles
Que enleiam, matam um feliz mortal,
Sorrindo dizes m'estendendo a mão :
— « Não se amofine, que não fiz por mal? »

Se persistires n'esta fórma excentrica
De torturares a minh'alma ardente,
Hei-de humilhar-te, revelando a todos
Que o teu orgulho meu amor consente!

A MORENINHA

Tu pedes um verso, gentil moreninha?
Se queres meu canto tristonho te dou;
Não sintas que eu chore, que o choro é meu canto,
Morreram meus gostos, poeta não sou.

Tu pedes um verso, gentil moreninha?
Vem preste sentar-te bem junto de mim...
Escuta uma historia dos tempos passados...
Mas olha... Não chores!, não chores assim...

Escuta uma historia dos tempos passados,
Historia tão triste que eu temo contar-te:
Amei uma virgem, seu nome era Rosa,
Morena, tu coras?... Não quero enfadar-te...

Amei uma virgem, seu nome era Rosa,
Morena, tu sabes, que vida eu gozava?
Amaste algum dia, responde? ó morena,
A vida era um sonho, sonhando a passava.

Amaste algum dia? responde, ó morena,
Sentiste no peito doçuras de amor?
Trocaste algum beijo nos fervidos votos,
Cercada da briza, dos céos e da flôr?

Trocaste algum beijo nos fervidos votos,
Morena, trocaste na jura sagrada?
E' prece divina que os anjos entoam,
Se jura tão santa presiste guardada.

E' prece divina que os anjos entoam
E ella jurava — jurava constante,
Na patria querida sorrindo aos prazeres,
Com fé protestava nas juras do amante.

Na patria querida sorrindo aos prazeres
Eu tinha esperanças de um dôce porvir,
Um dia, p'ra longe dos lares paternos,
Jamais eu pensára tão cedo sahir.

Um dia p'ra longe dos lares paternos
A sorte imprevista meus passos guiou;
Morena, eu não digo... meu peito se parte,
Mas, ouve... essa virgem taes juras quebrou.

Morena, eu não digo... meu peito se parte...
Distante da patria dous annos passei,
Voltava eu contente correndo a chamal-a,
Nadava em prazeres, quando ella avistei.

Voltava eu contente correndo a chamal-a,
Mas vejo... que um outro beijava-lhe a mão...
Não sou eu teu noivo?... Risonho lhe digo:
A impia, sorrindo, responde-me: — Não!...

ESCUTA!

(GARCIA MASCARENHAS)

Escuta, donzella, a voz do cantor
Que louco de amores só chama por ti ;
Escuta, donzella, escuta, eu te peço,
Não fujas, não negues, coraste, bem vi...

Eu vi, eu bem vi, não negues, donzella,
Eu vi tuas faces cobertas de pejo ;
Ficaste tão bella qual rosa no prado,
Recebe das brizas o candido beijo.

Não fujas, donzella, do pobre cantor
Que ebrio de amores só geme e suspira ;
Não fujas, meu anjo, ao menos escuta
As pobres estrophes que solta esta lyra.

As negras madeixas de finos cabellos
Nas costas cahiam da virgem esquiva,
E ella corria sem mesmo lembrar-se
Que aqui a minh'alma ficava captiva.

Então já cançada de tanto correr,
Parou e sentou-se bem junto da fonte ;
Depois, feiticeira, sorrindo eu bem vi
Nas niveas mãosinhas pousares a fronte.

Nas niveas mãosinhas a fronte pousaste,
Nos labios um riso te veio brincar,
Arqueja-te o collo, e eu, em delirio,
Teus labios não cesso sequer de beijar.

Escuta, donzella, a voz do cantor,
Que louco de amores só chama por ti ;
Não fujas, te peço, ó virgem esquiva,
Ao furto de um beijo coraste — eu bem vi.

NAO TE LAMENTO

(HENRIQUE MACHADO)

Lamentem outros, muito embora, virgem,
Na fria campa que teu corpo encerra,
Eu não, não choro teu perdido amor,
Porque minh'alma não se prende á terra!

D'immensos gozos que na terra existem,
Soffri immensas, cruciantes dôres;
Da primavera em juventude amena
Brotaram murchas na minh'alma as flôres.

Vi uma a uma desfolhar-se todas,
Sem que da vida as befejasse o sol!
Foi manhã triste, despontou sem aura,
Tornando escuro o vivido arrebol!

Vi-te na senda de minha vida escura,
Senti o iman que me attrahia a ti;
Quiz de teus olhos receber a luz,
Tornei-me alegre de prazer — sorri.

Déste-me luz, ainda mais, amores,
Dias fagueiros de porvir ditosos ;
Porém a morte te roubou, tyranna!
Quando da vida começava os gozos.

Era forçoso, era a sorte minha,
Não gozar nunca da existencia as flôres ;
Na senda immensa de minha vida escura
Trilhar espinhos, e perder amores!

E desde então a minha alma triste,
Longe da terra, na região immensa,
Vaga sósinha, solitaria e louca,
Esquece a vida de soffrer intensa.

Lamentem outros muito embora, virgem,
Na fria campa que teu corpo encerra,
Eu não, não choro teu perdido amor,
Porque minh'alma não se prende á terra!

ATTENDE, Ó VIRGEM!

(GERMANO DA COSTA)

Attende, ó virgem, de minh'alma as falas,
Meus rudes cantos, sem expressão, sem côr ;
Elles exprimem um sentir immenso,
Soffrer intenso d'extremoso amor!

Se amor é chamma que devora e queima,
Loucos nos torna nos matando em fim,
E' pura chamma o que sinto n'alma,
Attende, ó virgem, eu te amo assim.

Se crês mentidas as palavras minhas,
S'inda tão joven tu já és descrente ;
Sou desgraçado, pois frustradas vejo
Crenças fagueiras que minh'alma sente.

Attende, virgem, meu amor é puro,
Terno, sincero, como nunca amei ;
Digas embora n'um sorrir descrente
Que amando tanto inda não jurei.

Não juro, virgem, perjurar não quero,
A santa crença que minh'alma inflamma ;
Temo que um dia ao teu rigor vencido
Venha a descrença extinguir-me a chamma.

Escuta, pois, de minha alma as falas,
Meus rudes cantos de tristeza e dôr ;
Torna meus dias de porvir ditosos,
Vem dar-me a palma de teu puro amor.

O NAVIO NEGREIRO

(CASTRO ALVES)

I

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar — dourada borboleta ;
E as vagas após elles, correm... cansam,
Como turbas de infantes inquieta

'Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas d'ouro...
O mar em troca accende as ardentias,
— Constellações do liquido thesouro...

'Stamos em pleno mar... Dous infinitos
Alli se estreitam, n'um abraço insano...
Azues, dourados, placidos, sublimes,
Qual dos dous é o céo?... Qual o oceano?

'Stamos em pleno mar... abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,

Veleiro brigue corre á flôr dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas.

Donde vem? onde vai? Das náos errantes
Quem sabe o rumo, se é tão grande o espaço?!...
Neste Sahara os corceis o pó levantam,
Galopam, vôam, mas não deixam traço.

Bem feliz quem alli póde nest'hora
Sentir deste painel a magestade!...
Em baixo o mar... em cima o firmamento...
E no mar... é no céo a immensidade.

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!
Que musica suave ao longe sôa!
Meu Deus! como é sublime um canto ardente!
Pelas vagas sem fim, boiando á tôa!

Homens do mar! O' rudes marinheiros,
Tostados pelo sol dos quatro mundos!
Crianças que a procella acalentara
No berço destes pelagos profundos!

Esperai! Esperai!... Deixai que eu beba
Esta selvagem, livre poesia;
Orchestra — é o mar que ruge pela prôa,
E o vento que nas cordas assobia!...

Porque foges assim, barco ligeiro?
Porque foges do pávido poeta?
Oh quem me dera acompanhar-te a esteira!
Que semelhas no mar — doudo cometa!

Albatroz! Albatroz! aguia do oceano,
Tu, que dormes nas nuvens entre as gazas,
Sacode as pennas, Leviathan do espaço!...
Albatroz! Albatroz! dá-me estas azas!

II

Desce do espaço immenso, ó aguia do oceano,
Desce mais...ainda mais...não póde olhar humano,
Como o teu, mergulhar no brigue voador!
Mas que vejo eu ahi?!...que quadro d'amarguras!...
Que funereo cantar!... que tétricas figuras!...
Que scena infame e vil, meu Deus meu Deus, que
[horror!

III

Era um sonho dantesco!... o tombadilho,
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar!...
Tinir de ferros, estalar do açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dansar...

Negras mulheres, suspendendo as tetas,
Magras crianças, cujas boccas pretas
Rega o sangue das mãis :
Outras, moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ancia e maguas vãs !

E ri-se a orchestra ironica e estridente...
E da ronda phantastica a serpente
Faz doudas espiraes...
Se o velho arqueja... se no chão resvala,
Ouvem-se gritos, o chicote estala...
E vôam mais e mais!...

Presa nos élos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dansa ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que de martyrios embrutece,
Cantando geme e ri!...

No entanto o capitão manda a manobra...
E após, fitando o céo, que se desdobra
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
« Vibrai rijo o açoite, marinheiros!
Fazei-os mais dansar!... »

E ri-se a orchestra ironica, estridente!
E da ronda phantastica a serpente
Faz doudas espiraes...
Qual n'um sonho dantesco, as sombras vôam!
Gritos, ais, maldições, preces resôam!
E ri-se Satanaz!

IV

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus,

Se é mentira... se é verdade
Tanto horror perante os céos?
O' mar, porque não apagas
Co'a a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?
Astros! noites! tempestades!
Rolai das immensidades!
Varrei os mares, tufão!...

Que importa do nauta o berço,
Donde é filho, qual seu lar?
Ama a cadencia do verso
Que lhe ensina o velho mar!
Cantai! que a morte é divina!
Resvala o brigue á bolina
Como golphinho veloz.
Presa ao mastro da mezena
Saudosa bandeira acena
A's vagas que deixa após!

Do hespanhol as cantilenas,
Requebradas de langor,
Lembram as moças morenas,
As andaluzas em flôr!
Da Italia o filho indolente
Canta Veneza dormente,
— Terra de amor e traição,
Ou do golpho no regaço
Relembra os versos de Tasso
Junto ás lavas do vulcão!

O inglez — marinheiro frio,
Que ao nascer no mar se achou,

(Porque a Inglaterra é um navio,
Que Deus na Mancha ancorou),
Rijo entôa patrias glorias,
Lembrado, orgulhoso, historias,
De Nelson e de Aboukir...
O francez — predestinado
Canta os louros do passado
E os loureiros do porvir!...

Os marinheiros hellenos
Que a vaga Ionia creou,
Bellos piratas morenos
Do mar que Ulysses cortou,
Homens que Phydias talhara,
Vão cantando em noite clara
Versos que Homero gemeu!
Nautas de todas as plagas
Vós sabeis achar nas vagas
As melodias do céu!...

Quem são esses desgraçados
Que não encontram em vós
Mais que o rir calmo da turba,
Que excita a furia do algoz?
Quem são? Se a estrella se cala,
Se a vaga oppressa resvala
Como um cumplice fugaz,
Perante a noite confusa
Dize-o, tu, severa Musa,
Musa liberrima — audaz!

São os filhos do deserto
Onde a terra esposa a luz,

Onde vive em campo aberto
A tribu dos homens nús;
São os guerreiros ousados
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão!
Hontem simples, fortes, bravos...
Hoje miseros escravos
Sem ar, sem luz, sem razão...

São mulheres desgraçadas,
Como Agar o foi tambem,
Que sedentas, alquebradas,
De longe... bem longe vêm!
Trazendo com tibios passos
Filhos e algemas nos braços,
N'alma — lagrimas e fel!...
Como Agar, soffrendo tanto,
Que nem o leito do pranto
Tem que dar para Ismael!

Lá nas areias infindas,
Das palmeiras no paiz,
Nasceram — creanças lindas,
Viveram — moças gentis!
Passa um dia a caravana,
Quando a virgem na cabana,
Scisma da noite nos véos!
Adeus, ó choça do monte!
Adeus, palmeiras da fonte!
Adeus, amores...! adeus!

Depois o areial extenso!
Depois... o oceano de pó!

Depois — no horizonte immenso
Desertos... desertos só!
E a fome, o cansaço, a sêde,
Ai! quanto infeliz que cede!
E cahe p'ra não mais s'erguer...!
Vaga um logar na cadeia,
Mas o chacal sobre a areia
Acha um corpo que roer!

Hontem a Serra Leôa,
A guerra, a caça ao leão
O somno dormido á tôa
Sob as tendas da amplidão!
Hoje... o porão negro, fundo,
Infecto, apertado, immundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o somno sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar!...

Hontem plena liberdade,
A vontade por poder!...
Hoje... cum'lo de maldade!
Nem são livres p'ra morrer!
Prende-os a mesma corrente
Ferrea, lugubre serpente,
Nas roscas da escravidão,
E assim zombando da morte,
Dansa a lugubre cohorte
Ao som do açoute!... Irrisão!...

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus !

Se é mentira... se é verdade
Tanto horror perante os céos?
O' mar, porque não a pagas
Com a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?
Astros! noites! tempestades!
Rolai das immensidades!
Varrei os mares, tufão!

V

Existe um povo que a bandeira empresta
Para cobrir tanta infamia e cobardia!...
E deixa-a transformar-se nesta festa
Em manto impuro de bacchante fria!...
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta
Que impudente na gávea tripudia?
Silencio, Musa... chora e chora tanto,
Que o pavilhão se lave no teu pranto!

Auri-verde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brazil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
As promessas divinas da esperança...
Tu que da liberdade após a guerra
Foste hasteado dos heróes na lança,
Antes te houvessem roto na batalha
Que services a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga,
Extingue nesta hora o brigue immundo

O trilho que Colombo abriu nas vagas
Como um iris no pélago profundo!
Mas é infamia demais!... Da etherea plaga
Levantai-vos, heróes do Novo Mundo!...
Andrada! arranca esse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!

QUE VALE A VIDA ?

(HENRIQUE MACHADO)

Que vale a vida n'um viver d'enganos,
Crenças perdidas de porvir falaz ;
Que vale o mundo, se desdita amarga,
Saudades, prantos, o prazer nos traz?

Que valem risos, animadas falas,
Que valem festas e prazer ruidosos ;
Se os tristes échos, amargor só dizem,
Se a alma esvai-se n'esses sons dorosos?

Que vale a vida se a existencia é peso,
Se as chagas d'alma só nos pungem dôres ;
Se a esp'rança ás vezes nos afaga ainda,
Que vale amar-se sem gozar amores?

Que vale ao orphão que abandonado estava,
Uma opulenta habitação aberta ;
Se o pobre albergue de seus paes, perdendo,
Tudo o que goza a caridade offerta?

Nobre soldado que defende a patria,
Porém na lucta vê a acção perdida ;
E que forçado p'ra salvar-se... foge,
Perde a nobreza — de que vale a vida?

Ao criminoso que jazendo em ferros,
Dormindo sonha liberdade infinda ;
Que vale o sonho, se ao despertar conhece
Que captiveiro continúa ainda?!

Que vale a vida n'um viver d'enganos,
Crenças perdidas de porvir falaz ;
Que vale o mundo, se desdita amarga
Saudades, prantos, o prazer nos traz?

SEMPRE ELLA

(EPIPHANIO BITTENCOURT)

Se foi no doce de um scismar saudoso
— Todo indolente — quando o sol desmaia...
E a flôr o aroma derradeiro exhala,
E a onda brinca no areial da praia ;
    E quando a musa pensativa afina
    A lyra d'alma, que só faz gemer,
    E em nosso seio sua fronte inclina
    Pallida e fria... não n'o sei dizer!

Se foi em sonhos — quando a noite linda
Suspira triste pelo àzul dos céos, —
Chorando estrellas sobre a ingrata filha
E a terra, envolta nos sombrios véos...
    E quando a musa com seus roseos dedos
    Vibra nossa harpa que só faz gemer,
    Dizendo ao bardo sonhador segredos
    Santos, queridos... não n'o sei dizer!

Mas eu bem via, como n'outros tempos,
Morbida e bella a desfolhar amores...
Eu a seguia desvairado e louco,
Ella... sorrindo, me atirava flôres!
    Me ardia em febre o coração no peito,
    Phrases de fogo disse-lhe a tremer...
    Se foi sonhando no meu pobre leito,
    Se foi scismando... não n'o sei dizer!

Nos negros olhos do setim mais puro,
Nas roxas palpebras quanta dôr eu li!
E a rosa aberta de seus rubros labios
Dizia : — eu vivo, mas pensando em ti!
    A's suas plantas me curvei de joelhos
    E eu disse — virgem, vamos nós morrer?
    Seus ternos olhos — divinaes espelhos,
    Disseram tanto... que eu nem sei dizer!

Foi um momento que resume sec'los,
Foi um instante que nos céos passei!
Ella atirou-se nos meus braços triste...
Chorava ella... e eu tambem chorei!
    Me ardia em febre o coração no peito,
    Phrases de fogo disse-lhe a tremer...
    Se foi sonhando no meu pobre leito,
    Se foi scismando... não n'o sei dizer!

NÃO SEI DIZER

(CESARIO DE AZEVEDO)

Se foi nas horas que o poente em fogo
Burila em chammas o pensar de Deus,
E a flôr se inclina desmaiada e triste,
E a estrella brilha pelo azul dos céos ;
 E quando o bronze, que o sineiro vibra,
 D'Ave-Maria faz a prece erguer,
 Se foi... recordo, que nos braços della
 Senti saudades, eu não sei dizer.

Nos seios puros de morena virgem
Co'a fronte em fogo me inclinei instantes,
Dos sonhos intimos na harmonia langue
Sahiram d'alma phrases delirantes.
 Se foram juras de um querer ethereo
 Se foram threnos de um cruel soffrer,
 Só sabe a virgem que os ouviu sorrindo,
 Só sabe o anjo, que eu não sei dizer.

No azul dos olhos lhe desmaia a vida,
Tingem-lhe as faces do pudor os véos ;

Foi n'esse instante, que julguei divino,
Que o amor em sonhos me elevou aos céos.
Tremia a virgem no agitar do gozo,
Qual d'harpa a corda que se ouviu gemer,
E o que disseram murmurando os labios
No doce enleio, não o sei dizer.

Do céo as luzes já ardiam tremulas,
Lençol de prata se estendia a lua,
Quando eu lhe disse, dispertando : eu te amo!
E ella fugindo, murmurou : sou tua!
Foi esta a jura de um querer ethereo,
Que inda hoje escuto, que me faz soffrer,
Doce harmonia que em minh'alma outr'ora
Vasou delicias, que eu não sei dizer.

Hoje nas horas em que o sol se inclina,
Curvando a fronte do infinito aos pés,
E a flôr desmaia, e se perfuma a briza,
E a estrella brilha mais uma outra vez ;
E o sino acorda as orações da tarde,
Tão doce e triste que nos faz gemer,
Tua imagem linda retratada em tudo
Me traz saudades, que eu não sei dizer.

SEGUNDA PARTE

DIALOGOS E MONOLOGOS

DIALOGO

(DOMINGOS GOULART DA SILVEIRA)

— Vem comigo, minha amante,
Nossos amores gozar,
Quem como tu delirante
Sósinha não deve andar;
Sósinha não deve andar?
Deste meu sincero amor :

« Eu agradeço a ternura
Que quereis dar-me, senhor »

— Terás, eu juro! Um amante,
Como poucos deve haver;
Terei um amor constante
E muito te hei de querer;
Anda gozar a ventura
Deste meu sincero amor :

« Tambem aqui na esplanura
Eu tenho amantes, senhor. »

— Não me despreses, vaidosa,
Não te mostres tão ingrata,
Se és sensivel como a rosa
Porque razão tu me matas?
Anda gozar a ventura
Deste meu sincero amor :

« Deixo p'ra outra a ternura
Que possa dar-me, senhor. »

— Vem, bella, dar-me a bonança,
Trazer paz ao coração,
Não sejas assim, creança,
Não me mates de paixão ;
Anda gozar a ventura
Deste meu sincero amor :

« Da bonança tal doçura
Em mim não terás, senhor. »

— Em troca dos teus amores,
Dar-te-hei mui ricas prendas,
Vestidos bellos, primores,
Todos cobertos de rendas ;
Anda gozar a ventura
Deste meu sincero amor :

« As prendas já não procura
Quem é pobre, meu senhor. »

Te deixo como lembrança
Deste infeliz que te amou,

O meu annel! Que em creança
Minha mãi me offertou;
Já que não dás a ventura
A este louco de amor:

« Engano! A minha ternura,
Em troca le dou, senhor. »

TREZE ANNOS

MONOLOGO

Treze annos são passados
Que deixei o patrio lar,
Treze annos que contados
São por seculos a scismar!...
Treze annos sem que a sorte,
N'um propicio vento norte,
Leve a salvo o meu batel;
Treze annos entre escolhos,
Vendo a morte entre os abrolhos
Como o nauta ante o parcel.

Treze annos... que lembrança!...
Bem menino era eu então,
No futuro tinha esp'rança,
Tinha a paz no coração.
Tinha mãe e tinha amigos,
Era estranho a tantos p'rigos
Que da vida já provei!...
Bello tempo!... mas agora...
Oh! maldita seja a hora
Que a familia abandonei!

Foi n'um dia bem tristonho...
De manhã quasi ao nascer...
Era o mar forte e medonho
Qual jamais o hei de vêr.
Quatrocentos desterrados,
Como eu, desventurados,
Vinham todos a chorar ;
E as pobre mães, na praia
Após uma outra desmaia,
Porque a barca ia largar.

Minha mãe tambem se achava
Entre tantas que lá vi...
Qualquer filho desesp'rava,
Se soffresse o que eu soffri,
A' voz — larga ! — mil gemidos
Echoaram-me aos ouvidos,
E chorei... gemi tambem...
N'estes antros de agonia,
Uma voz que mais se ouvia
Era a voz da minha mãe.

Coitadinha, mal me vira
Soluçando no convez,
Nova dôr ella sentira,
E bradava inda uma vez :

— « Vai com a Virgem, vai oh ! filho,
— « Não te esqueça o sacro trilho,
— « Não te esqueça nunca os teus !
— « Aqui deixas desolada,

— « Tua mãe desventurada...
— « Vai, meu filho, vai,... adeus!...

E o vento zunia...
E o pégo bramia...
E a barca fendia,
O extenso do mar...
E a pobre criança
Sem luz de bonança,
Não tinha esp'rança,
De á patria voltar.

N'essas noites de agonia
Em qu'eu triste, só me via,
Da mãe terna á qu'rida imagem,
Sem ninguem p'ra me animar
Alentava-me a coragem
Para com os p'rigos lutar.

Amor de mãe... é doce orvalho
Que dá vida á linda flôr!
Alva estrella em noite escura
Que illumina o viajor:
E' crepusculo matutino
Pelas mãos do redemptor...
E' de todos o mais puro,
Da mãe terna o santo amor.

E' o santelmo das bonanças,
Arco-iris em largo mar,
Para o nauta que perdido,
A tormenta vê findar.

Poça d'agua no deserto
Ao pobrinho a mendigar,
Que de sêde, ao sol ardente,
Não tem forças para andar.

E' o remedio mais suave
Para dôr de coração :
Um beijo dado por ella,
E' de Deus, a sacra-uncção!
Ella, sim, que nos consola
No pungir de uma afflicção,
E traz sempre n'um sorriso
Junto a nós consolação.

Se prostrado sobre um leito,
Em profundo padecer,
Mil suspiros exhalamos,
Quem nos ha de compr'nhender?
Quem constante a nosso lado,
Consolação vem trazer?
Nossa mãe que nos deu vida
E por nós só quer morrer!

E depois da nossa morte,
Quem por nós ha de chorar?
Quem na louza do finado
Um gemido irá soltar?
Uma cruz singela e triste,
Quem nos ha de levantar?
Quem de goivos e cyprestes
Um jardim ha de plantar?

Ella, sim, que nos consola
No pungir de uma afflicção,
Té na campa ha de levar-nos
Tristes ais do coração!

Em um osculo derradeiro
Nos eleva a salvação!
Pois um beijo da mãe terna
E' de Deus a sacra-uncção!...

Qual amor que se compara
Ao amor que ella nos tem?
Oh! de certo que no mundo
Não amou assim ninguem!

Se choramos... ella chora...
Se nos rimos... ri tambem...
Ai que amor, que amor tão puro
E' o amor da nossa mãe?!...

Mas a minha,
Coitadinha,
Não me ouve a soluçar;
Tão distante,
N'esse instante
Não me póde consolar.

Se ella ouvisse,
Se sentisse,
Que seu filho chora aqui:
Se soubesse,
Se pudesse,
Voaria para mim.

Mas coitado,
Exilado,
Não me ouve aqui ninguem ;
E sósinho,
Sem carinho,
Ai! choro por minha mãe.

Tão menino,
Pequenino,
O que vim aqui fazer?
Sem amigos,
Sem abrigos,
Desventuras mil soffrer.

Nos meus lares,
Sem pezares,
Eu não era tão feliz?
Sem grandeza,
Na pobreza,
Mas gozava o meu paiz.

E agora,
Quem minora,
D'este peito a amarga dôr?
Quem me ha de,
Da saudade
Adoçar tão acre horror?

Ouvi Deus,
Os rogos meus,
Dai-me, oh! dai-me o que perdi :
Cura a f'rida,
Desta vida,
Dai-me a terra em que eu nasci.

O LANSQUENET

(DOMICIANO LEITE RIBEIRO)

Dum tapete verde em torno,
Já sentados, já de pé,
Na refrega encarniçados,
Varios parceiros grupados
Rendem culto ao *lansquenet.*

Reina em volta ar empestado
De cem cigarros ardidos ;
Pelo chão copos em caco,
Cuspo, lenços e tabaco,
Aqui, ali desparzidos.

Das faces esverdinhadas
Lhes corre em baga o suor :
E do ganho a sêde ardente
Aos olhos dá dessa gente
Não sei que estranho fulgor !

Marca o demonio do jogo
Certos rostos descorados

Com estigma da maldição...
Vendo a sinistra expressão,
Dirás que são condemnados!

— Espere! — brada um dos socios,
Sou mais sota!... sou mais sota!...
— Leve o diabo! 'inda azar!
— Meu senhor, tanto ganhar...
Com a bréca, isto é patota!

— Alto lá! mais de vagar!
Você é que é patoteiro!
Que traz as cartas marcadas,
Que com ellas empalmadas
Faz das suas, sorrateiro.

— Ordem! — diz um dos ganhões :
— Haja paz! — um bom parceiro...
— Tá, tá! quem manda correr?
— Eu!... — Pois sim! mas não sem vêr
Qual a côr do seu dinheiro.

— Senhor, a minha palavra...
— Oh! bem sei, vale o que pesa!
Mas aquella antiga conta...
Já nem lembra a quanto monta?
Chelpa á vista é o que a lei reza.

— Corra, corra! diz quem póde :
Mas, homem, haja limpeza!
Quero a manga arregaçada,
Quero a *saia* respeitada,
Quero, emfim, cartas na mesa.

Acolá dous vão-se ás cristas,
E a pendencia cheira a esturro;
— Deve cem! — Não devo tal!
— Que velhaco! — Que animal!
E p'r'um triz não chove murro.

Logo ao lado um, que é finorio,
Os emprestimos temendo,
A' sorrelfa fixas, notas,
Vae tafulhando nas botas,
E clama que está perdendo.

Aquelle outro aduba o ganho
Com mil dichotes useiros;
Este, a perda lastimando,
A' tabua vae mandando
Sapos, cartas e parceiros.

E em dorido tom repete
O que cem vezes jurára:
De em cartas não mais pegar;
E se alguem o vir jogar,
Que lhe dê *tapas* na cara!

Um, que finge dormitar,
Arranja, cabeça baixa,
O macinho, que estrompada,
Deixa toda a parceirada,
Quebrando bojuda caixa.

Mas quem são? — Já vol-o digo:
Aqui temos dous doutores;
Um deixa á morte o doente,

Outro ás moscas o cliente,
Mas, que quer? São jogadores!

No commercio este descamba
Para completa fallencia;
Deixa a casa aos *roedores*,
E vae pedindo aos credores
Que tenham santa paciencia!

Vês aquelle reverendo?
Dia e noite aqui se assenta;
Ao demo manda o rosario,
E prefere ao breviario
O livrinho dos quarenta.

Eis um *mitra*... que bargante!
— Gatuno por brincadeira,
Onde ha jogo, elle ahi mora,
Nas horas vagas namora,
E assim passa a vida inteira!

Aquelle lapuz birrento
De rude trato, grosseiro,
Ninguem sabe o que é que tem,
Onde vae, nem de onde vem...
Mas, adeus! sempre é parceiro!

Dizem más linguas, não eu,
Que o honradissimo varão,
Vendo a pobreza do erario,
P'ra supprir o numerario,
Faz por sua conta *emissão*.

E faz bem, qu'inda hemos vêl-o
A roda c'os figurões,
Trajando fardão bordado,
E em caleche recostado,
Enlamando a nós villões!

Fecha a roda imberbe joven,
Sahido ha pouco da escola,
Deixou-lhe fortuna o pae,
Mas pelo teor em que vae
Dá com tudo em breve á sola!

Entre si diversificam
Quanto ao genio e educação,
Quanto á idade e cabedaes,
Mas o vicio os faz eguaes,
Que os liga a mesma paixão.

O jogo confraternisa
Stambul e a santa Roma,
Mouros, christãos e judeus,
Ricos, nobres e plebeus,
O proprio Papa e Mafoma.

Igualdade... que utopia!
Não a dá nem lei, nem sorte,
Esse mytho ou divindade
Só vê-se em realidade
Junto da banca ou da morte.

Iguaes trocando *finezas*,
Igualmente divertidos,
A curta vida estragando,

A saude arruinando,
Acabando embrutecidos.

E viva a banca! Que importa
Se este perde honra e dinheiro,
Se deixa aquelle afazeres,
Outro pretere deveres,
E acaba por caloteiro?

Folga o marido; que importa
Se em sua ausencia algum pinga
Consola a esposa ultrajada,
E se a pobre abandonada
Esquece a jura e se *vinga?*

Folga o pae; da filha o dote
Que importa, se tem jogado?
E se á mesquinha sem pão
Miseria e prostituição
Só lhe deixa por legado?...

E a mim que importa que joguem?
Se algum patáo vae ao fundo,
Sem trabalho e sem herança
O *vivorio* acha abastança.
— São cousas cá deste mundo!

DUETO COMICO

DA REVISTA « AQUIDABAN »

MANOEL.

Cachopa, a sova é de espabento,
E volta á gente o pensamento.

ELLA.

Cachopa eu sou de espavento,
E dou-lhe volta ao pensamento!

MANOEL.

A Conceição p'ra mim é morta
E que se arrange, que me importa!

ELLA.

A Conceição p'ra si é morta
E que se arrange pouco importa!

MANOEL.

Ai filha, acradita
Que amor bae por cá.

ELLA.

Olá!

MANOEL.

Cachopa, minh'alma palpita,
Ai, meu coração!

ELLA.

Então...

MANOEL.

Ai, ai, ai, menina,
Eu bejo que és má!

ELLA.

Olá!

MANOEL.

Cura-me esta dôr,
Rapariga, que eu morro de amor!
Ui! que feitiço!

ELLA.

E' pois gozar!

MANOEL.

Ai, que derriço!

ELLA.

E' derriçar!

MANOEL.

Sabe isto a mel!

ELLA.

Manoel! Manoel!

MANOEL.

Ai!

ELLA.

Ai!

MANOEL.

Ai, que vida! vida!
Nós cá vamos passar!
Aperta assim, querida,
Amemos, sim, é amar!
Que nunca mais se acabe
O nosso doce amor!
Ai! como isto me sabe!
E' tão bom, minha flôr!
Amemos a vida inteira
Esta rica brazileira!

O CABELLINHO DA VENTA

MONOLOGO COMICO-HUMORISTICO

(PINTO DE ABREU)

As moças não se arreliem,
Vou contar-lhes uma historia
Pela qual a propria autora
Merecia palmatoria!
Historia, de um genio *onça*,
Que em senhoras não assenta,
De um nariz arrebitado
Com cabellinho na venta!

Todos têm isto ou aquillo,
Muitos, mesmo, têm mazella,
Espinhas, sardas, calombos,
Quebram outros a *espinhela!*
Mas coitados, esses todos
Por caridade se aguenta,
Mas é custoso aturar-se
Quem tem cabello na venta!

Póde soffrer-se uma moça
Que tenha genio de cobra,
Com certo geito e algum tempo
A linguasinha se dobra!
Outras tantas, muito feias,
Mesmo com dentes postiços,
Todas feitas de *azedumes,*
Recheiadas de *derriços...*

De chinó ou com *anquinhas,*
Beiço torto, empertigadas,
Embora falando grosso,
De beiço liso ou barbadas!
Todas essas póde um homem
Aturar até... oitenta ;
Mas é cacête uma moça
Com cabellinho na venta!

Eu conheci certa moça,
Dona Mindóca Figueira,
Que apezar de ser zangada
Era elegante e faceira.
Mas se o nariz lhe fitassem
Com a vista bem attenta,
Veriam n'elle uma sombra
De um cabellinho na venta!

Eu n'um baile fui pedil-a
Para comigo valsar,
Medio-me dos pés á cara,
Poz-se logo a *mastigar* :

— Não me lembro se já tenho
Um pedido p'ra tres valsas...
E olhou-me, torcendo os beiços,
Para as bainhas das calças!

Conheci que a tal mocinha
Quiz fazer debique fino,
Embirrou co'as minhas calças
Por terem bocas de sino!
Não gostei muito da graça,
Quasi o meu genio se esquenta;
Disse logo: — Esta pequena
Tem cabellinho na venta!

Fiz-me de tolo; o piano
Uma valsa fez soar,
Procurei Doña Mindóca,
Dei-lhe o braço e fui valsar.
Dei tres voltas, na terceira
Sentiu ella um empurrão
De um brutamontes, dos taes,
Cujos pés arrobas são!

A moça ficou raivosa,
Olhou p'ra mim com furor,
Fui falar-lhe, não deu tempo,
Correu logo ao corredor!
De jantar foi para a sala,
Encostou-se a uma janella,
Vereis agora o meu *typo*
N'uma infernal *tagarella*:

— Que typão tão estouvado,
Pisou-me um dedo do pé;
Essa casaca comprida
Parecendo-me um *Kélé!*
Nem desculpas quero mesmo
De figura tão nojenta,
Não sou de *graças,* aviso,
Tenho cabello na venta!

Ouvindo falar em ventas
Fungou logo o meu nariz;
Fui correndo á tal Mindóca.
Quasi cahi, por um *triz!*
— V. Exª enganou-se,
Não fui eu que lhe pisei...
— Vá-se embora, *seu gamenho,*
Passe bem, já sei, já sei!

A moça mexeu-se toda
Deu-me as costas, um muchôcho,
Cuspinhou-me nas desculpas,
Deixou-me o discurso chôcho!
Mas tambem olhei-a, rubro,
Com *ardores de pimenta,*
Jurei, á força, cortar-lhe
O tal cabello da venta!

Mas não pude, fiquei tonto,
Quasi o juizo me estoura,
Não achei um só cortante,
Nem uma velha tesoura!
E o cabello não podia
Por mais tempo alli ficar,

Por que então todos teriam
De um máo genio supportar!

Isto assim não póde ser,
Resmunguei aos meus botões,
Todos os velhos affirmam
Que os cabellos são grilhões;
Quanto mais o cabellinho
De uma moça rabujenta...
Vamos, animo, arranquemos
O tal cabello da venta!

Estiquei-me, olhei p'ra todos,
Vi n'um canto a tal mocinha
Contando as taboas do tecto
Parecendo uma santinha!
Eu tremia mais que um *Franco*
Na batalha de *Magenta*,
Mas... não era qualquer coisa
Puxar fios de uma venta!

Fui me chegando... chegando,
Eu nem sei como foi isso,
Minhas pernas mais tremiam
Que ao vento-sul um caniço!
Aos meus botões só dizia:
« Se a pequena mais se esquenta,
Eu me *espicho* aqui na sala
Por um cabello da venta! »

Cheguei bem perto da moça
Fingi querer permissão,

Para mostrar-lhe no rosto
Um pequenino arranhão.
D. Mindóca, nervosa,
Já ia a licença dar,
Porém eu, sem mais aquella,
Mostrei-lhe logo o lugar!

Ao nariz cheguei-lhe os dedos,
N'um relance, n'um minuto,
Ouviu-se um ai, uma praga :
« O' Senhor! E' muito bruto! »
— Com *B* grande, minha bella,
Pois ganhei uma epopeia,
Arranquei-lhe este cabello,
Do nariz esta teteia!

No meio mesmo da sala,
A fingir de heróe guerreiro,
Mostrei-lhe o trophéo, o fio
Do cabello barulheiro!
E o tal cabello tremia
Na minha mão valentona,
Mais medroso, do que quando
Nas ventas da propria dona!

Até um par de velhotes
Que n'um canto se babava,
Teve de rir-se, por força,
Mas coitadinho, suava!
Por que a velha disse ao velho :
Só isto o diabo inventa,
Elle é capaz de arrancar-te
Todo esse *matto* da venta!

A moça quiz enfadar-se,
Quiz me dizer o diabo,
Mas diversas gargalhadas
D'esse intento deram cabo.
Tambem rio-se do *heroismo,*
De gosto quasi arrebenta,
Por se vêr livre do peso
Do cabellinho da venta!

Dansando nós uma polka
Me agradeceu quatro vezes,
Promettendo recordar-se
Do meu *typo,* muitos mezes.
E até jurou-me, se acaso
Attingisse aos seus oitenta,
Eu havia de puxar-lhe
Todo o cabello da venta!

Já viram, minhas senhoras,
Que fui homem serviçal,
Quasi sempre n'estes casos
Ficam todos muito mal;
Mas eu não, ganhei applausos,
Comi *bólos da mãe-benta,*
E tudo por ter mexido
N'um cabellinho da venta!

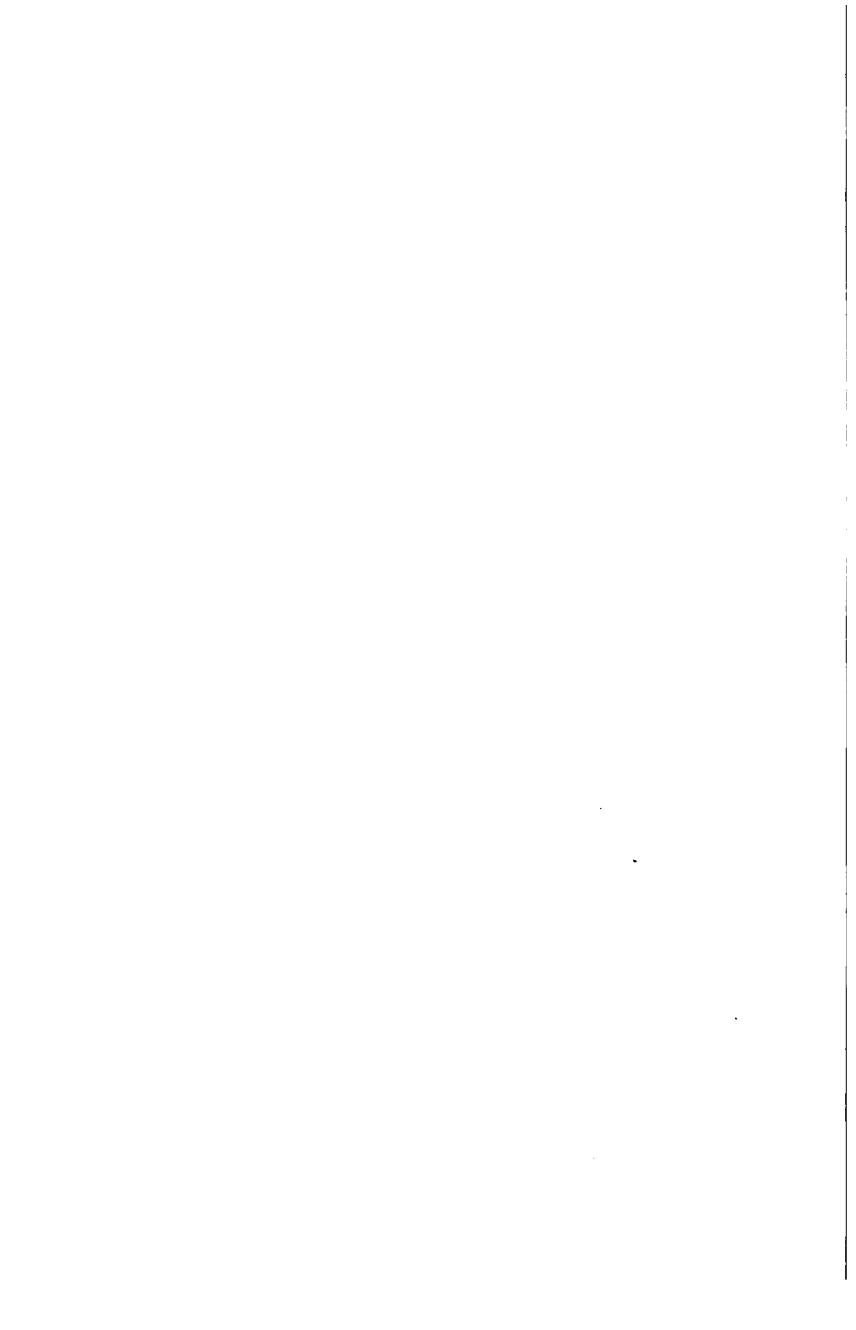
Se acaso, aqui, qualquer moça
Não gostou d'esta extracção,
Desde já eu lhe affianço
De todo o meu coração :

Tem *cabellinho* por força,
Tem nariz de barulhenta ;
Por Deus, lhe peço, não bula
No seu cabello da venta!

Deixe-o crescer á vontade,
Não quero mais zangas, não,
Pois quando brigo com moças
Passo mal do coração!
Eu d'ellas só quero agora
Do meu sacrificio, em troca,
Sorrisos, p'ra o cabellinho
Que tinha Dona Mindóca!

Não fiquem julgando, mesmo,
Que eu fiz isto por officio,
Eu poupei muitas resingas,
Pratiquei um beneficio.
E acredito que esta historia
Das moças não me afugenta,
E' só pedirem... lhes tiro
Qualquer *cabello da venta!!*

TERCEIRA PARTE

CANÇONETAS

PARA A CÈRA DO SANTISSIMO

CANÇONETA COMICA DE ARTHUR AZEVEDO

Em nome da Irmandade
Eu ando sem cessar,
Por toda esta cidade
Esmolas a tirar.
E profissão tão nobre,
Não deixo nem a páo,
Pois rende muito cobre
O velho balandráo.

Este emprego de sacola,
Sim, senhor, é rendosissimo!
Esmola
Para a cêra do Santissimo...

Em certos corredores
De alcouces e bordeis,
Penetram andadores
Por causa de dez réis.

Porque graças ao nosso
Systema de trajar,
Desassombrado posso
Em toda a parte entrar!

Se alguem me vê de sacola,
Digo com ar humillissimo :
Esmola
Para a cêra do Santissimo...

Por Brigida Menezes
Apaixonado estou,
E não têm conta as vezes
Em que d'aqui
(*Aponta para a sacola*) :
lhe dou.
De todo o rendimento
Procedo á divisão :
Não vê o Sacramento
Um nikel de tostão!

Este emprego de sacola,
Sim, senhor, é rendosissimo!
Esmola
Para a cêra do Santissimo...

Eu vi certa creada
Em casa de um doutor,
E... não lhes digo nada...
Entrei no corredor.
Repleto de coragem,
Subi... subi... subi!

No meio da viagem :
— Que quer você aqui?! —

Apontando p'ra sacola,
Disse todo devotissimo :
Esmola
Para a cêra do Santissimo...

A MINHA FAMILIA

CANÇONETA COMICA DE BAPTISTA MACHADO

Meus senhores, minha familia
Neste mundo não se iguala,
E se não lhes dou quizilia
Eu aqui vou retratal-a :

Quem mais geito aos olhos dá,
E' papá!
Quem de todos é mais sã,
E' mamã!
Quem é mais parlapatão,
Meu irmão!
Quem tem cara mais magana,
Minha mana!

Seraphim da Cruz Mimoso,
Tenho pae e mãe bonita;
Um irmão muito nervoso,
Uma irmã muito catita.

Seraphim Mimoso Sá,
E' papá!
D. Brites de Sá Forment,
E' mamã!
Cypriano Sá Beirão,
Meu irmão!
Rosalina Lauriana,
Minha mana!

O Mimoso só sou eu,
E o papá tambem o tem:
Usa do nome que é meu,
Por lhe par'cer ficar bem.

Quem do nome se não dá,
E' papá!
Quem não deixa o seu Forment,
E' mamã!
Quem tem grande embirração,
Meu irmão!
Afinal quem mais se damna,
Minha mana!

Toda a familia tem telha,
Mas sem causar prejuizo,
Eu sou eu... e a gata velha
Lá em casa com juizo.

Quem de doido provas dá,
E' papá!
Mais cabeça d'avelã,
E' mamã!

Mais maduro que um melão,
Meu irmão!
E quem é mais leviana,
Minha mana!

Quando aperta o bom calor,
Quando aqui nos abrazamos,
Por conselhos do doutor
Todos nós nos medicamos.

Quem de tilias toma chá,
E' papá!
P'ra lombrigas, hortelã,
E' mamã!
Quem dá mais fomentação,
Meu irmão!
E quem toma mais tisana,
Minha mana!

No vestir temos o tic!
Todos nós somos janotas,
Todos nós temos seu chic,
Desde as luvas té as botas!

Quem na moda sempre está
E' papá!
Quem não quer facto de lã,
E' mamã!
Quem nas luvas é pimpão,
Meu irmão!
Quem adora a tarlatana,
Minha mana!

Se se trata de eleições,
Cada um tem seu partido,
Em varias opiniões
Anda tudo dividido.

Quem no jornal semple está,
        E' papá!
Na gazeta da manhã,
        E' mamã!
Quem pelo « Diario » tem paixão,
        Meu irmão!
E quem é republicana,
        Minha mana!

Quando sentados á mesa,
Estamos nós em companhia,
Por causa da sobre-mesa
Ha sempre grande arrelia!

Quem prefere o maracujá,
        E' papá!
Quem se engasga com a maçã,
        E' mamã!
Quem se atira ao bom melão,
        Meu irmão!
Quem por fructas é tyranna,
        Minha mana!

E se acaso em horas loucas
Nós bebemos por demais,
Apanhamos varias toucas,
Porém sempre desiguaes.

Quem na rua bordos dá,
E' papá!
Quem se mostra mais louçã,
E' mamã!
Quem apanha o seu pifão,
Meu irmão!
Quem agarra a carraspana,
Minha mana!

E' uma santa familia
Todos se dão muito bem!
E não ha a menor quizilia
Com o pae e a mãe tambem.

Quem limpa o lixo á pá,
E' papá!
Quem do colchão lava a lã,
E' mamã!
A chaminé do fogão,
Meu irmão!
E quem mais o lume abana,
Minha mana!

Brincam todos quantos'stão,
Todos brincam com afan,
Brinca a mana e meu irmão,
Brinca o papá e a mamã.

Quem brinca depois do chá,
E' papá!
Quem não brinca de manhã,
E' mamã!

Quem brinca após o serão,
Meu irmão!
Quem brinca toda a semana,
Minha mana!

Quando vamos de viagem,
P'ra ninguem nos perceber,
Usamos nova linguagem
Que tivemos de aprender.

Bangalé paxim gará
E' papá!
Bambolim de ratamplan
E' mamã!
Trincolé de latagão,
Meu irmão!
Chifarote da Pavana,
Minha mana!

E então nos espectaculos,
Meus senhores, não lhes minto;
Apparecem obstaculos
Pelo escolha do recinto.

No Recreio quem mais'stá
E' papá!
Quem p'ro circo tem afan
E' mamã!
Quem pelo lyrico tem paixão,
Meu irmão!
Quem mais gosta do Sant'Anna,
Minha mana!

Quando vamos ás corridas,
Nós brigamos quasi a murro,
São apostas divididas,
Cada qual joga em seu burro.

Quem prefere o Curubayá,
E' papá!
Quem mais gosta da Satan,
E' mamã!
Quem só joga no Plutão,
Meu irmão!
Quem se atira á Peruana,
Minha mana!

E agora eu me retiro,
Vou p'ra casa do papá;
Mas por palmas eu suspiro,
Pois cousa melhor não ha.

Venham palmas, venham já
P'ro papá!
Venham palmas com afan
P'ra mamã!
Não se esqueçam por favor
Do autor!
Que lhes fica obrigado,
Seu creado.

MAMÃI ME ENGANOU

CANÇONETA COMICA DE ERNESTO MATTOSO

Desde a infancia, desde a escola,
Em casamento ouvi falar,
E a mamãi virou-me a bola
Para que eu quizesse casar.

Eu lutei, pois tinha medo
De alguma desillusão,
Não conhecia o segredo
Dessa especie de união.

E logo ao sahir da egreja,
Rubra como a cereja,
Suspirei! ai! ai! ai!
Ai! ai! ai!

Oh! quem me mandou?
Oh! quem me mandou?
Suspirei! ai! ai! ai!
Ai! mamãi m'enganou!

Não é tudo, eu fui p'ra casa
Querendo riso mostrar,
Mas não pude, o peito em braza
Não quiz o pranto abafar.

Me dizia toda a gente,
Em côro no mesmo tom,
Amanhã estarás contente,
O casar é muito bom.

Meu Senhor Deus, me proteja...
Rubra como a cereja,
Suspirei! ai! ai! ai!

POBRE HUMANIDADE

LAMENTAÇÃO

'Stou furioso, 'stou damnado,
Porque minha mulher fugiu,
Sahiu de casa o mez passado
E nem de mim se despediu.

Quando eu vejo qualquer homem
Casar-se com toda a vontade,
Digo : la vai mais um pateta,
Ah ! Ah !
Pobre humanidade.

Não ha coisa tão mal pensada
Que o casamento a valer,
Se o homem dá uma cabeçada
Todos tem delle que dizer.

Mas ao contrario, se acontece
Um desastre á cara metade,
Dizem : é pena que o marido...

Ah! Ah!
Pobre humanidade.

A mulher nunca está contente
Com o que o marido lhe dá,
A's vezes torna-se exigente
E diz que maltratada está.

E se um dia acontecer
Que lhe falte a lealdade,
Ainda leva uns petelecos,
Ah! Ah!
Pobre humanidade.

Sempre a mulher quer qualquer cousa,
Vestido novo ou um chapéu,
E o marido negar não ousa,
Por ter medo do escarceu.

E' aguentar com o repuxo
Soffrer tudo com humildade,
Sustentar capricho, luxo...
Ah! Ah!
Pobre humanidade.

A mulher quer ter dinheiro
Não faz questão p'ra dispender,
E o homem leva o dia inteiro
A trabalhar p'ra poder ter.

A quantia nunca é bastante
P'ra tanta prodigalidade,

São contas que causam medo,
Ah! Ah!
Pobre humanidade.

Lá vem um dia em que a senhora
'Stá doente, não come nada,
O marido vai sem demora
Dar-lhe um pouco de limonada.

Diz ella então : meu Antonico,
Terás comigo a bondade
De segurar esta tigella.
Ah! Ah!
Pobre humanidade.

O AUGMENTO DAS PASSAGENS

CANÇONETA

Foi um Passos na Estrada de Ferro,
Não sei se erro por idéas minhas,
Quem inventou estes soberbos planos
Dos suburbanos comerem dobradinhas.

Se já viviamos todos na *opulencia*,
Temos agora mais esta vantagem :
De esperar no ponto da paciencia,
Ou pagar os tresentos da passagem.

ESTRIBILHO.

Ah! ah! ah! ah!
A portinhola do bilhete sempre aberta!
Ah! ah! ah! ah!
Em todo caso é o pobre quem se aperta.

Dusentos reis nos custa uma passagem!
Dusentos reis nos custa uma passagem!
De segunda! de segunda! de segunda!
Felizes somos não irmos na bagagem.

Assim, viva quem póde...
Quem póde olé, olé!
Quem não póde vai mesmo a pé!
Pé, pé, pé, pé!
A pé a pé!
Quem não póde vai mesmo a pé!
A pé a pé!

Certas familias que habitam Engenho Novo
Dizem que a cousa amarga como fél;
Que é muito castigar assim o povo,
Preferem bond de Villa Izabel.

Desde então o gerente d'esta linha
Vai depressa, contente, sem receio,
Felicitar o Passos da Estrada
Por seus bonds andarem sempre cheios.

ESTRIBILHO.

Ah! ah! ah! ah!
A portinhola do bilhete sempre aberta! etc.

Tem muita graça um tal abatimento
De cinco por cento para o nosso futuro,
Nos taes passes de primeira ou de segunda,
Quer a gente embarque ou não, lá vai o furo!

Esta moda de andar furando os passes
Eu não creio que sejam bagatelas;
Se a gente um dia não embarca, fica em casa,
No outro dia leva duas furadelas.

ESTRIBILHO.

Ah! ah! ah! ah!
A portinhola do bilhete sempre aberta! etc.

Certos rapazes que andavam de primeira,
A namorar na alegria a mais profunda,
Hoje os vejo de cabeça abaixadinha
Atraz da porta n'um cantinho da segunda.

Na Central elles fazem uma tramoia :
Passam depressa para o carro de primeira ;
Desembarcam fumando um bom charuto
Com o passe da segunda na algibeira.

ESTRIBILHO.

Ah! ah! ah! ah!
A portinhola do bilhete sempre aberta! etc.

As operarias da Imprensa Nacional
Que por seu mal habitarem no suburbio,
Vão para seus affazeres satisfeitas,
Sem receiarem no trem qualquer disturbio.

Mas se o itinerante é cabra engrossador,
E um namoro quer já ferrar com ellas,
Se dão corda, passam logo de carona,
Se não dão, tem de levar as furadelas

ESTRIBILHO.

Ah! ah! ah! ah!
A portinhola do bilhete sempre aberta! etc.

Em certo dia embarcou na Piedade
Um gordo abbade que a meu lado se assentou,
Mas de comprar esquecendo o seu bilhete
Não quiz a multa pagar e protestou.

Eis o tal facto alarmando os passageiros,
Pois que ninguem esperava por aquella,
O doutor Passos foi logo excommungado
E o reverendo gemeu na furadela.

ESTRIBILHO.

Ah! ah! ah! ah!
A portinhola do bilhete sempre aberta! etc.

AMOR DE ARTISTA

CANÇONETA DE ALUIZIO AZEVEDO

Dois amantes tenho, olé!
Um é rico e o outro não é!...

Um é lindo, louro e nobre,
Veste á moda e gasta cobre
Com certo chique idéal,
        Muito idéal!
O outro é feio no entretanto;
Seu nariz tem outro tanto
        Do nariz,
Do nariz do seu rival.

Dois amantes tenho pois,
Qual escolherei dos dois?...

Sobre ser o mais formoso,
O primeiro é carinhoso,
E' pacato e é bom rapaz...
        Bem bom rapaz!

O segundo... virgem santa!
Pinta o sete! pinta a manta!
Faz de mim...
Faz de mim... o que lhe apraz!

Dois amantes tenho pois,
Qual escolherei dos dois?...

O primeiro é todo serio,
Fala pouco e com criterio,
Tem ares de confessor!
Que confessor!
Já do outro direi contra :
Nunca vi maior bilontra!
Que bilontra!
Que bilontra, meu senhor!

Dois amantes tenho pois,
Qual escolherei dos dois?...

O primeiro dá-me tudo,
E' ouro, é seda, é velludo,
E o mais que me appetecer,
Se appetecer!
O segundo não escorrega!
A não ser com alguma esfrega,
Dessas taes,
Dessas taes de embambecer!

Dois amantes tenho pois,
Qual escolherei dos dois?...

O primeiro, francamente,
O que tem gasta com a gente,
E não é pouco o que tem!
    Olá se tem!
E todavia o segundo
Não passa de um vagabundo,
    Que anda sempre,
Que anda sempre sem vintem!

Dois amantes tenho pois,
Qual escolherei dos dois?...

O primeiro, nos seus dias,
Nunca vem com as mãos vasias,
Traz presentes e bem bons!
    Oh! se são bons!
O outro o que traz é fome,
E tudo o que pilha — come.
    Sem me dar,
Sem me dar... satisfações!

Dois amantes tenho pois,
Qual escolheirei dos dois?...

O primeiro, que prudencia!
Nunca teve uma exigencia,
Nem comigo se agastou!
    Qual agastou!
O segundo — que contraste!
Quanto mais dou, mais o traste
    Quer que lhe dê!
Quer que lhe dê, e eu lhe dou!

Dois amantes tenho pois,
Qual escolherei dos dois?...

Mas é tão tolo o primeiro;
E o segundo é tão bregeiro,
Tem tanta graça o ladrão!
Ai! que ladrão!
Que, apezar de esbodegado,
Desordeiro e malcriado,
Quero este,
Quero este, e o outro não!

Dois amantes tenho pois,
Prefiro o peior dos dois!

O MEU AMIGO BANANA

CANÇONETA COMICA DE EDUARDO GARRIDO

Ninguem poupa da Parca implacavel
A implacavel tesoura inhumana...
Perdi hontem um amigo estimavel;
Wenceslão Polycarpo Banana...

Inda o vejo a dizer-me : — « Anacleto,
Morro... Acceita o meu velho relogio,
Vou pagar-lhe tal prova de affecto
Publicando o seu necrologio.

Já maduro, já cá dos vet'ranos,
Sessent'annos contava — sessenta —
Se consegue viver mais dez annos...
Só morria depois dos setenta.

Stava longe de ser homem bello,
Porém tinha bom ar o bom modo...
E alisava sem custo o cabello
Se não fosse careca de todo.

Como o pobre, infeliz Belizario,
Mendigou muita vez... um vintem ;
Mas apenas se vio millionario,
Nunca mais pediu nada a ninguem

Talvez peta o seguinte pareça,
Mas é coisa que passa por certa ;
Nunca punha o chapéo na cabeça
Sem ficar com a cabeça coberta.

Sem ser sabio, sem mesmo ter cursos,
Deputado se fez eleger ; —
E se em côrtes fizesse discursos,
Era muito capaz de os fazer.

Leu ainda quando era estudante
Até meio a Sagrada Escriptura ;
Se tem lido a metade restante,
Com certeza acabava a leitura.

De bom vinho amador — diz a fama —
Esgotava ao jantar... um almude ;
E em cahindo doente na cama,
Não gosava perfeita saude.

Era eximio no jogo da bola,
E um portento atirando o pião,
Só não dava no alvo á pistola
Em não tendo a pistola na mão.

Projectando talvez ser eterno,
Tinha em si um cuidado exemplar :

Nunca esperava os regelos do inverno
P'ra tomar os seus banhos de mar.

Se á vivenda do campo attrahido,
Ia uns mezes passar em Foscôa,
Era sempre trabalho perdido
Procural-o na casa em Lisboa.

Nunça o viram na rua estender-se
Que não fosse por dar trambolhão ;
Mas tambem... se podia suster-se,
Nunca dava co'as as ventas no chão.

Outra cousa vos digo, e com ella
Vou de certo causar-vos surpreza ;
Quando a gente o bispava á janella,
'Stava em casa com toda a certeza.

Jornadeava de v'rão n'uma egua
Com que o pae o brindara em criança ;
E em se achando em Lamego ou na Regua,
Nunca estava no Crato ou na Chança.

Tinha pilhas de graça, e depois
Patetices... pilherias... inventos...
Lá p'ra elle um quartinho e mais dois
Eram sempre tres mil e seiscentos.

Os continuos desgostos mundanos
Recebia-os com riso sarcastico ;
E em sahindo com botas de canos,
Não sahia com botas d'elastico.

Outra coisa, — mas isto baixinho,
P'ra que os máos o não vão diffamar ;
Em tomando o café no Martinho,
Não tomava café no Marrar.

A correr igualava uma corça,
E só tinha um defeito infeliz :
Não podia assoar-se com força
Sem tirar algum som ao nariz.

Das familias com quem convivia
Convidado p'ra ceia ou jantar,
Se antes d'elle ninguem appar'cia...
Era sempre o primeiro a chegar.

E em dançando nas casas alheias
P'ra melhor dar á perna nas valsas,
Punha as botas por fóra das meias
E as ceroulas por dentro das calças.

Consta agora, segundo me diz
Quem viu cartas do illustre finado,
Que escrevia Cartaxo com — x —
E chouriço com — ç — cedilhado.

E alguem hontem me disse em segredo,
Com saudade e com ar compassivo,
Que se a morte o não rouba tão cedo,
Inda hoje de certo era vivo.

Da Turquia sultão ser quizera
Para ter na Turquia um harem ;

Porque então, a meu gosto, eu pudera
Ter de cada feitio... umas cem!

Rosas, Ritas, Constancias, Fabricias,
Tudo, tudo me serve e me agrada,
Seja meiga, com doces caricias,
Ou tão má que me dê bordoada!

Amo todas — dos polos aos tropicos,
Brazileira, hespanhola ou franceza,
Desde a China — onde ha pés microcopicos,
A' Inglaterra — onde ha pés de toeza!

Tortas, coxas, marrecas, manetas,
Amo a todas — mulher's todas são!
Sejam brancas, mulatas ou pretas
Lá da côr eu não faço questão!

ATRAZ DA BANDA MILITAR

CANÇONETA

Um batalhão, musica á frente,
A passeiar garboso vinha,
Acompanhava-o alegremente
Uma gentil costureirinha.
Ouvindo a banda executar
Trechos de muita sensação,
Puz-me á bella a acompanhar
Acompanhando o batalhão.
        Caixa rufando,
        Clarins soando,
Atraz da banda militar.
        Ella marchava,
        P'ra mim olhava
De um modo particular.
        Caixa rufando,
        Clarins soando,
Atraz da banda militar.
        La, zim, la, zim,
        la, la, zim, } *bis*
E a marchar fazia assim.

FOI UM SONHO

BARCAROLA DE ERNESTO DE SOUZA

Fugiu-me toda a esperança
De vel-a ainda uma vez,
Tão bella e gentil criança
Que um'outra igual Deus não fez.

Olá! olá!
O tempo bello e risonho,
Olá! olá!
Passou, vôou, foi um sonho!

O sol a medo se erguia,
Mostrava-se envergonhado;
Talvez porque já se ouvia
Nos bosques quente trinado.

Olá! olá!
O tempo bello e risonho, etc.

Singrava o mar o barquinho,
Ella chorava no mar,

E o seu bordado lencinho
Eu vi lá fóra voar...

Olá! olá!
O tempo bello e risonho, etc.

O vento a vela entumece,
A vela leva a canôa,
Meu anjo desaparece ;
Eu fico chorando a tôa.

Olá! olá!
O tempo bello e risonho, etc.

Mal digo os remos e o vento,
A barquinha e os remadores,
A vela que n'um momento
Levou-os com meus amores.

Olá! olá!
O tempo bello e risonho, etc.

Embora fugisse a vela,
Levando-a na embarcação,
Eu tenho o retrato d'ella
Guardado no coração.

Olá! olá!
O tempo bello e risonho, etc.

DIOGENES

DA REVISTA « MULHER HOMEM »

Sou Diogenes! O cynico,
O philosopho immortal ;
D'almas sou um grande clinico,
Dou remedio a todo o mal.

A muitò percorro lepido,
Todo este mundo sem fim,
E cada vez mais intrepido
O mundo me encontra a mim.

Séca e Méca percorrendo,
Sempre um homem procurando,
Assim como me estaes vendo
Fui pouco a pouco ficando :

Hypocondriaco,
Monomaniaco,
Pouco elegiaco
Mais nada orgiaco.

Cá o rapaz,
Cá o rapaz,
Além de tudo, além de tudo,
Ficou mais :

Terrestre e nautico,
Quasi magnetico,
Circunscisflautico
Peripathetico ;

Archi-socratico,
Sempre synthetico,
Mais sempre pratico,
Nada apoplectico.

Melancolico,
Analytico,
Nada alcoolico
E nem mythico.

E até mesmo
(não é fabula)
Rabula
Solido
Cabula
Stolido.

Humido,
Calido,
Tumido,
Pallido...

Rethorico,
Pathetico,
Platonico,
Phonetico;

Pyrronico,
Sympathico,
Plutonico,
Lunatico...

Pilherico,
Bucolico,
Féerico,
Mongolico...

Ventriloquo,
Nevrotico,
Grandiloquo,
Despotico.

Satyrico,
Titanico,
Não lyrico,
Satanico :

Hellenico,
Rachitico,
Hygienico,
Sumitico.

Atlantico,
Sulphurico,

Romantico,
Mellurico,
Lucifero,
Mamifero.

Accusam-me de mystico
Mais eu sou cabalistico,
Querem que eu participe
Do oraculo symbolico;
Mais eu sou parabolico,
Sou parallelepipedo.

TRIO DOS TABELLIAES

DA MAGICA « BICO DO PAPAGAIO »

Tabelliães de grave aspecto,
'Staes vendo nestes figurões!
Gente ha que diz — tambaliões,
Mas não é lá muito correcto;
    Porém, se temos cara séria,
    E' só pilheria!...
    E' p'ra brincar!
    P'ra deixar ver que alegres somos,
    Até nos pomos
    A dansar!

Quem falar sabe e que é esperto,
Deve dizer — tabelliães, —
Pois há quem diga : — opiniães
E opiniões é que é mais certo.
    Porém, se temos cara séria,
    E' só pilheria!...
    E' p'ra brincar!
    P'ra deixar ver que alegres somos,
    Até nos pomos
    A dansar!

SERENATA

DA MAGICA O « GATO PRETO »

ELLES.

O' vós que estaes n'essa prisão,
Gemendo e chorando, infelizes,
Se apanhar qu'reis um alegrão,
E' por á janella os narizes!

O deus Cupido, que é maráo,
Transmuda os tolos em ladinos!..
Sob estes velhos peregrinos,
Jasmin vereis o Nicoláo!
Eh, oh!
Eh, oh!

Vinde ao balcão,
Se apanhar qu'reis um alegrão,
La, la! la, la!

Captivas rolas, infelizes,
De fóra ponde esses narizes,
Que os vossos noivos aqui'stão!

La, la! la, la!
Os vossos noivos aqui'stão!
Vinde ao balcão!

ELLAS.

Nós que vivemos na prisão,
Gemendo e chorando, infelizes,
Para apanhar um alegrão,
De fóra pomos os narizes!

O deus Cupido, que é maráo,
Os mais simplorios faz ladinos!. .
E, n'esses feios peregrinos,
Jasmin nos traz o Nicaláo!
Eh, oh!
Eh, oh!

São elles, são!
Ai, que folia! ai que alegrão!
La, la! la, la!

Captivas rolas, infelizes,
De fóra pomos os narizes!
Que os nossos noivos aqui'stão!

La, la! la, la!
Os nossos noivos aqui'stão!
Viemos ao balcão!

AS ALFACINHAS

CANÇONETA

(ARTHUR AZEVEDO)

I

As fluminenses, não nego,
São bellas a mais não ser;
Só não as adora um cégo,
Sem olhos que as possam vêr.
Seriam delicias minhas,
Se acaso eu fosse rapaz,
Os quindins das sinhásinhas
E os medeixes das yayás; } *bis.*

Mas as alfacinhas
Não ficam atraz...

Eu cá, por ventura minha,
Sou alfacinha!

II

Senhores, fazer agora
Comparações eu não vim;
Pod'ria alguma senhora
Ficar com raiva de mim;
Mas digo: se as fluminenses
São mestras na seducção,
E têm todos os pertences
Com que se abate um leão, } *bis.*

Nós as alfacinhas...
(*Pausa.*) Não! não digo, não!

Eu cá, por ventura minha,
Sou alfacinha.

III

A fluminense é mimosa
Florinha meiga e gentil,
A alfacinha é impetuosa,
No proprio amor varonil;
Morre aquella apaixonada
Se um homem lhe causa mal;
Esta no gajo, irritada,
Cravaria um bom punhal! } *bis.*

E' da pá virada!
Não ha outra igual!

Eu cá, por ventura minha,
Sou alfacinha!

IV

Mas quem nos levar com geito,
Quem nos souber captivar,
Pulsando no nosso peito
Um coração ha de achar
Quando as tratam nas palminhas
Entre suspiros e ais, } *bis.*
Quando lhe fazem festinhas }
E outras coisinhas que taes,

São as alfacinhas...
(*Pausa.*) Não! não digo mais!

Eu cá, por ventura minha,
Sou alfacinha!

OS SUSPIROS

CANÇONETA

O suspiro é transmissor
Bem vulgar e encantador
Dos maiores desalentos ;
Dos suaves sentimentos
Com bem sentido suspiro
Quantas falas evitaes!
Aos discursos eu prefiro
Os simples ais!

(*Declama.*) E' o que vemos a miudo, quando a qualquer pessoa falta a palavra e sobeja o sentir.

Vemos que essa pessoa...

(*Canta.*) Delirando,
Suspirando
Vai!
Delira,
Suspira...
Ai!...

A creada, de manhã,
Gathofeira e bem louçã,
Dá á lingua com o leiteiro,
Tagarella co' o padeiro,
Qualquer dos dois lhe concede
O mais terno e meigo olhar,
Sempre o freguez se despede
A suspirar!

(*Declama.*) Sim, o suspiro acorda cedo e deita-se tarde. E quantas vezes cada um de nós durante toda a noite...

(*Canta.*) Delirando, etc., etc.

Menina que ao seu donzel
Confidencias a granel
Quer fazer com ligeireza,
Sentir póde a lingua presa ;
Mas evita simplesmente
Doces palavras d'amor
Com o suspiro eloquente
E tentador!

(*Declama.*) Pois emquanto o vento leva as palavras, fica o suspiro gravado no coração. E' por isso que toda a gente sempre...

(*Canta.*) Delirando, etc., etc.

Vi n'uma sala a valsar
Galante, formoso par,

Com desvairados desejos
De trocar ardentes beijos;
Vendo porém, o marido...
Ao valsista ella, a tremer,
Solta um suspiro sentido,
Triste a valer!

(*Declama.*) Nestes casos o marido é uma barreira que só o suspiro póde transpor. O mais humilde ou o mais opulento... livremente... a toda hora...

(*Canta.*) Delirando, etc., etc.

Suspira por muito amar
A donzella a namorar;
Ha suspiros d'alegria,
Ha suspiros d'arrelia,
Os velhos pelo passado
Muito suspiram tambem...
Os noivos pelo noivado
Suspiram bem!

(*Declama.*) O suspiro é o pão nosso de cada dia. Calem o suspiro e verão o tombo que a humanidade leva. Mas, como é livre o genero humano por emquanto...

(*Canta.*) Delirando, etc., etc.

Que o suspiro digo emfim
Não ha melhor cá p'ra mim;

Um suspiro nunca falha,
Não ha nada que lhe valha...
Por palmas suspiro agora
De vós que hoje me escutaes ;
Attendam — que vou-me embora —
Meus simples ais !

(*Declama.*) De certo cada um dos que me ouviram, ao retirar para casa...

(*Canta.*) Delirando, etc., etc.

O COCHEIRO DE BOND

CANÇONETA

(ARTHUR AZEVEDO)

Meu nome é Chico Zé Marcondes,
Sou portuguez, nascido em Fão ;
Como cocheiro, entrei p'r'os bonds —
Nove ou dez annos já la vão.
Que rache o frio ou chova sangue,
A's tres e pico estou em pé,
No kiosque « Nova Flôr do Mangue »
Tomando o bello do café.

Acabo de tomar o café... Tiro-me para a estação... vira... accende!... Olha essa parelha! — Lá vem o bond por ahi abaixo!

ESTRIBILHO

Olá cocheiro!
Vem passageiro,
Pára ligeiro...
Travou!
Parou!

Destrava o carro agora!
Fustiga os animaes!
Multado és sem demora
Se rapido não vaes.

B r r r r r
Ah! ah!
Prompto,
Eis-me no ponto!
Travou!
Parou!

Tenho attestados mil que provam
Que eu cá não sou nenhum novel;
Ha tempos fui de S. Christovam,
Mas hoje sou Villa Isabel.
Nunca terei um desafogo
Quero dizer assim mais tal...
Se nunca fôr de Botafogo
Se nunca fôr Botanical.

Tim! Um passageiro! Quem é? E' o Sr Visconde de Paraty-merim? Tim! uma passageira! Quem é? A Sra Baroneza de Cajapió... Não é como na linha do Engenho Novo... Tim! Quem é? E' o Sr. Almeida da Rua do Rozario! Tim! E' o seu aquelle, empregado na Pagadoria das tropas... ah! (*Com um suspiro.*)

ESTRIBILHO

Olá, cocheiro, etc.

E' bolear minha cachaça,
Vaidoso sou como um pavão ;
Não ha dinheiro que me faça,
Servir n'um bond de tostão.
Eu hei de dar muito cavaco
Se o meu destino inda quizer,
Que eu léve um dia um bond ao Sacco
Ou mesmo o traga ao Carceller.

Por um tostão, Senhores, por um miseravel tostão, que de massadas! E depois que ruas! De vez em quando uma carroça... Fica-se duas horas parado... « descarregue isso, alma do diabo! » Espere, se quizer! Eu conheci um doutor que quando não tinha pressa, e queria fazer horas, tomava um bond de tostão! — Como vai o pobre carro aos boléos por alli fóra! A todo o momento, apito! Olha o andai-me á direita! Que inferno!

ESTRIBILHO

Olá, cocheiro, etc.

Se um feliz carro de praça
Vejo passar ao lado meu,
Nem mesmo um ar da minha graça,
Nem um olhar lhe atiro eu...
No meu viver só me consterna,
Bem francamente o dizer vou,
Que, sem querer, mais de uma perna
Meu pobre bond já quebrou.

No dia seguinte a chapa nos jornaes! « O

cocheiro conseguio evadir-se ». Podera! Se tem a gente de comparecer ao tribunal!... (*Interrompendo-se e coçando a cabeça.*) Um... Um tribunal é isto... (*Aponta para a platéa.*) Não consegui evadir-me... serei absolvido? Ora! Ha-de ser o que Deus quizer!

ESTRIBILHO

Olá, cocheiro, etc.

AS LARANJAS DA SABINA

CANÇONETA

(ARTHUR AZEVEDO)

Sou a Sabina,
Sou encontrada
Todos os *dia*
Lá na *carçada*
D'Academia
De Medicina.

Um senhor subdelegado,
Home muito resingueiro,
Me mandou por dois *sordado*
Retirá meu taboleiro.
Ai!

Sem banana macaco se arranja,
E bem passa monarcha sem canja;
Mas estudante de medicina
Nunca póde
Passar sem laranja da Sabina.

Os rapazes arranjaram
Uma grande passeata.
E deste modo mostraram
Como o ridiculo mata.
Ai!

Sem banana macaco se arranja,
etc., etc.

TANGO DO LOURENÇO

(ARTHUR AZEVEDO)

Ai! que geito pr'o theatro
Que vocação!
Eu fazia o diabo a quatro!
N'um dramalhão!
Mas ás redeas e ao chicote
Jungido 'stou!
Sou cocheiro de cocote
Nada mais sou!

Cumprir o nosso destino
Nem eu quiz nem você quiz!
Fui actor desde menino
E você foi sempre actriz!
Quando eu era mais mocinho
Posso affiançar,
Fiz furor n'um theatrinho
Particular!

Talvez outro João Caetano
        Se achasse em mim!
Mas o fado deshumano
        Não quiz assim!

Cumprir o nosso destino! etc.

MANOEL CORISCO

CANÇONETA

Eu sou o *Manel* Corisco,
Grumete dos mais pimpões :
Quando metto a mão e *risco*
Faço andar tudo aos baldões.
Sou valente e sou fadista,
Quer em terra quer no mar,
Não tenho quem me resista,
Só me rende um terno olhar.

COPLAS

I

Eu commando uma linda fragata,
Que navega nas aguas d'amor,
Quando vai de *bolina* ou á *gata*,
Ai! Jesus!... é do mar o primor!...

São *cachorros de prôa* seus olhos,
Que despedem *balazios* de truz...
Quando o Norte o velame lh'enfuna,
Só lhes digo : — Ai, Jesus!... ai, Jesus!

Eu sou o *Mánel* Corisco, etc.

(*Dança no fim de todos os estribilhos*).

II

Nas *enxarcias* dos negros cabellos,
Sem *governo* me fui enroscar;
Detei fóra de prompto — *cutellos,*
Fui á *orça,* não pude arribar...
Braceei por *bombordo*... mas qual!
Prisioneiro de guerra fiquei!...
Mas, apoz de combate tão doce,
Da fragata o commando tomei.

Eu sou o *Manel* Corisco, etc.

III

Quando tópo um *chavéco* pirata,
Bordejando com ar de pimpão;
Qu'rer dar caça minha fragata :
— *Ala!* e *larga escôtas,*
Prompto logo p'ra viva *abordagem,*
Abalrôo c'o o pirata liró...

E depois é — *zabumba* e mais *bumba*,
Té da *quilha* fazer *portaló*.

Eu sou o *Manel* Corisco, etc.

IV

Hontem mesmo, no fim do Aterro,
Dou de prôa c'um *cutter* inglez...
Atravessa o chibante... o tal perro...
Mas quebrei-lhe c'um socco o *gurupés*.
Berra o homem : — *Goddem!* — e carrega
Mas passando-lhe o pé... tal e qual...
Vai de ventas ao chão o britannico...
E triumpha a marinha real!...

Eu sou o *Manel* Corisco, etc.

V

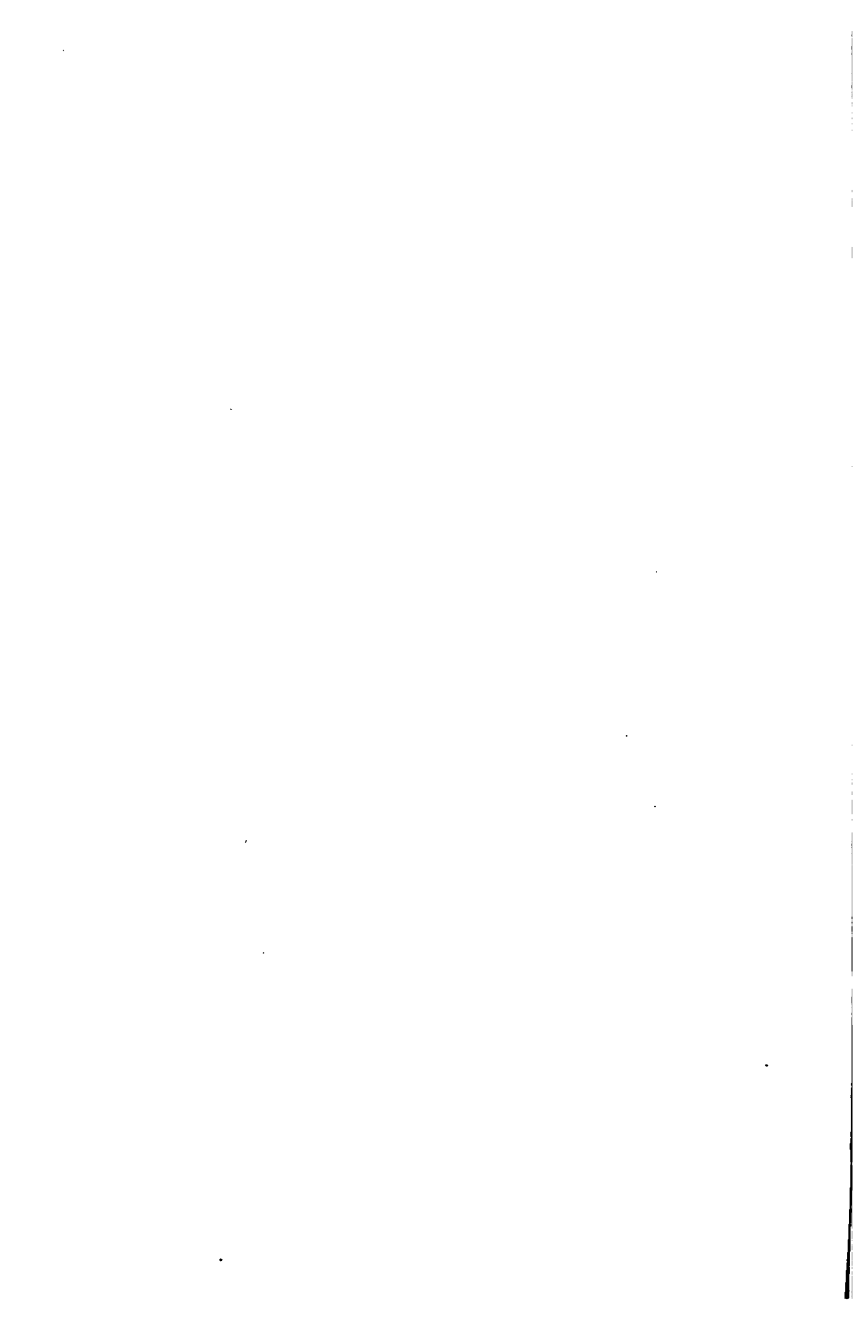
Uma vez (ai, senhores, que chalaça!...)
Arma em guerra um patacho maráo...
« Era um ginja... um vegête carcassa,
Mais chuchado que um vil carapáo...
Larguei pannos... corri-lhe na *alkêta*,
E sem mesmo querer atracar...
Foi a pique na lama, o coitado,
Sem d'alli se poder mais safar!...

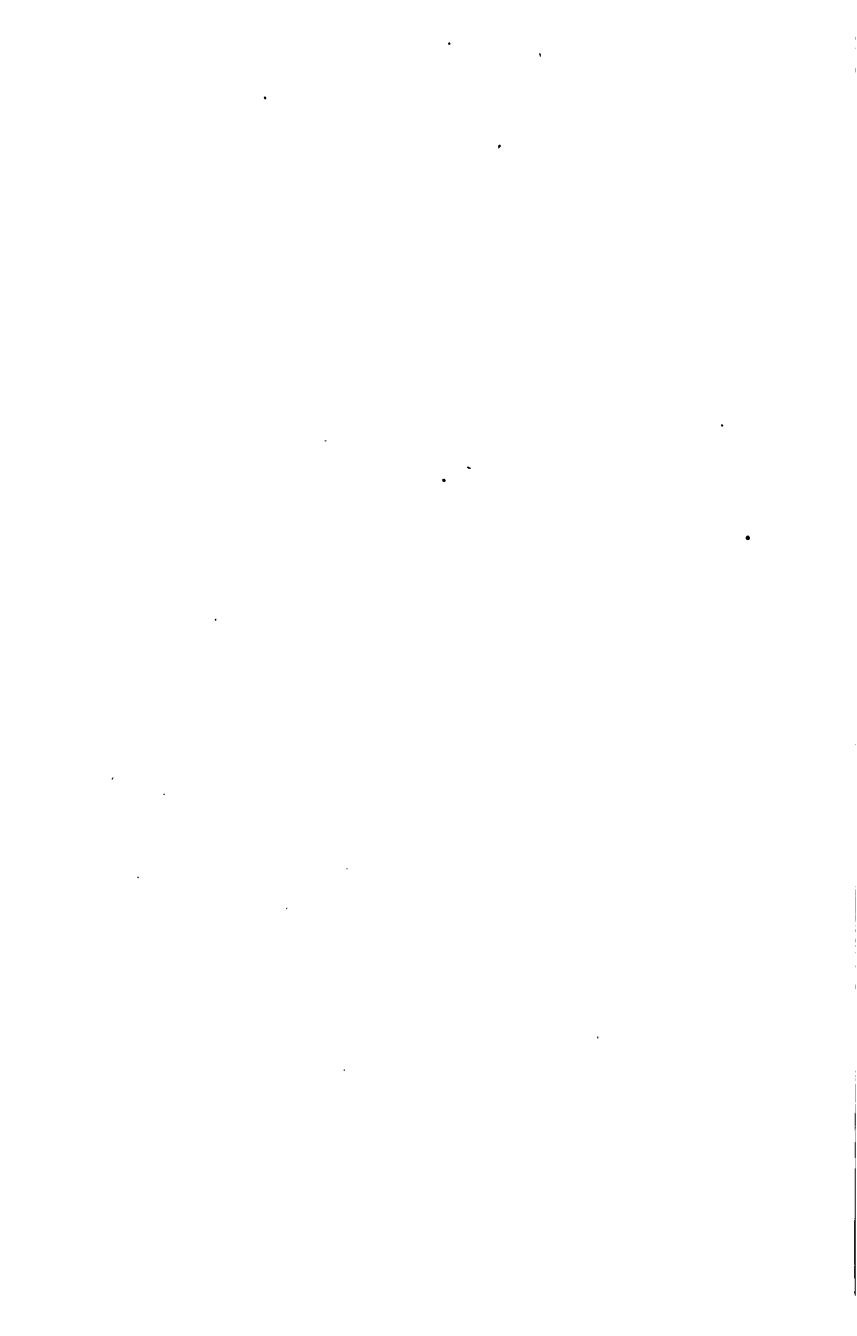
Eu sou o *Manel* Corisco, etc.

VI

Quem a minha fragata requesta,
Antes d'isso ha de vêr como o faz;
Quando não, sem mais *tirte*, com esta,
No bandulho lhe faço... zas traz!...
Que o meu barco é um barco leal,
Tem constancia no seu pavilhão,
E' o enlevo de toda a marinha...
E' o encanto do meu coração!

Qu'eu sou o *Manel* Corisco,
Grumete dos mais pimpões,
Quando metto a mão e *risco*,
Faço andar tudo aos baldões!
Sou valente e sou fadista
Quer em terra quer no mar,
Sou valente e sou fadista,
Só me rende um meigo olhar.

(*Dansa até cahir o panno*).

QUARTA PARTE

SCENAS DRAMATICAS

A CARIDADE E A JUSTIÇA

SCENA DRAMATICA DE GUERRA JUNQUEIRO

No topo do calvario erguia-se uma cruz,
E pregado sobre ella o corpo de Jesus.
Noite sinistra e má. Nuvens esverdeadas
Corriam pelo ar como grandes manadas
De bufalos. A lua ensanguentada e fria,
Triste como um soluço immenso de Maria,
Lançava sobre a paz das coisas naturaes
A merencoria luz feita de brancos ais.
As arvores, que outr'ora, em dias de calor
Abrigaram Jesus, cheias de magua e dôr,
Sonhavam, na mudez herculea dos heróes.
Deixavam de cantar todos os rouxinoes.
Um silencio pesado amortalhava o mundo.
Unicamente, ao longe, o velho mar profundo
Descantava, chorando, os psalmos da agonia.
Jesus, quasi a expirar, cheio de dôr, sorria.
Os abutres crueis pairavam lentamente
A farejar-lhe o corpo; ás vezes, de repente,
Uma nuvem toldava a face do luar,

E um clarão de gangrena, estranho, singular,
Lançava sob a cruz uns tons esverdeados.
Crucitavam ao longe os corvos esfaimados;
Mas passando um instante a lua branca e pura,
Irrompia outra vez da grande nevoa escura,
E inundavam-se então as chagas de Jesus
Nas pulverisações balsamicas da luz.
No momento em que havia a grande escuridão,
Christo sentiu alguem aproximar-se, e então
Olhou e viu surgir no horror das trévas mudas
O covarde perfil sacrilego de Judas.
O traidor contemplando o olhar do Nazareno,
Tão cheio de desdem, tão nobre, tão sereno,
Convulso de terror fugiu. Mas nesse instante
Surgiu-lhe frente a frente um vulto de gigante
Que bradou:
— « E' chegado, emfim, o teu castigo! »
O traidor teve medo e balbuciou:
— « Amigo —
Que pretendes de mim? dize, por quem esperas?
Quem és tu? »
— « O Remorso, um caçador de féras,
Disse o gigante. Eu ando ha mais de seis mil annos
A caçar pelo mundo as almas dos tyrannos,
Do traidor, do ladrão, do vil, do scelerado;
E depois de as prender tenho-as encarcerado
Na enormissima jaula atróz da expiação.
E quando eu entro alli na immensa confusão
De tigres, de leões, d'abutres, de chacaes,
De rugidos febris e de gritos bestiaes,
Fica tudo a tremer, quieto de horror e espanto.
Caim baixa a pupila e vai deitar-se a um canto;

E quando, em summa, algum dos monstros quer
Azorrago-o co'a luz febril do meu olhar, [lutar
Dando-lhe um pontapé como n'um cão mendigo.
Já sabes quem eu sou, Judas, anda comigo!
Como um preso que quer comprar o carcereiro,
Judas tirou do manto a bolsa do dinheiro.
Dizendo-lhe :
— « Aqui tens, e deixa-me partir... »
O gigante fitou-o e começou a rir.
Houve grande silencio. O infame Iskariote
Como um negro que vê a ponta do chicote,
Tremia. Finalmente o vulto respondeu :

— « Judas, pódes guardar esse dinheiro, é teu ;
O ouro da traição pertence ao vil traidor,
Como o riso á innocencia, e como o aroma á flôr.
Esse ouro é para ti, o eterno pesadello
Oh! guarda-o, guarda-o bem, que eu quero derre-
E lançar-t'o depois caustico, vivo, ardente, [tel-o,
E lançar t'o gotta a gotta, inexoravelmente
Em cima da consciencia, a putrida, a execravel!
Com elle hei de fundir a algema inquebrantavel,
A grilheta que a tua esqualida memoria
Trará, arrastará pelas galés da Historia,
Durante a eternidade illimitada e calma.
Essa bolsa que ahi tens é o cancro de tua alma :
Já se agarrou a ti, ligou-se ao criminoso,
Como a lépra nojenta ao peito do leproso,
Como o iman ao ferro e o verme á podridão.
Não poderás jámais largal-a de tua mão!
E's traidor, assassino, hypocrita, perjuro;
A tua alma lançada em cima d'um monturo

Faria nodoa. E's tudo o que ha de mais vil,
Desde o ventre do sapo, á baba do reptil.
Sahe da existencia! dize á sombra que te açoite.
Monstro, procura a paz! verme, procura a noite!
Que o sol não veja mais um unico momento
O teu olhar obliquo e o teu perfil nojento.
Esse crime, bandido, é um crime que profana
Todas as grandes leis da consciencia humana,
Todas as grandes leis da vida universal.
Esconde-te na morte, assim como um chacal
No seu covil. Adeus, causas-me nojo e asco.
Deixo dentro de ti, Judas, o teu carrasco!
E's livre; adeus. Já brilha o astro matutino,
E eu caçador feroz, cumprindo o meu destino,
Continuarei caçando os javalis nos mattos. »

E dito isto partiu a procurar Pilatos.

Vinha rompendo ao longe a fresca madrugada.
Judas, ficando só, metteu-se pela estrada
Caminhando ligeiro, impavido, terrivel,
Como um homem que leva um fim imprescreptivel
Uma idéa qualquer, heroica e sobranceira;
De repente estacou. Havia uma figueira
Projectando na estrada a larga sombra escura;
Judas, desenrolando a corda da cintura,
Subiu acima, atou-a a um ramo vigoroso,
Dando um laço á garganta. O seu olhar odioso
Tinha nesse momento um brilho diamantino,
Recto como um juiz, forte como um destino.
Nisto echou atravéz do negro céo profundo
A vóz celestial de Jesus moribundo,

Que lhe disse :
— « Traidor, concedo-te o perdão ;
Além de meu carrasco és inda meu irmão.
Pregaste-me na cruz ; é o mesmo, fica em paz
Eu costumo esquecer o mal que alguem me faz.
Eu tenho até prazer, bem vês, no sacrificio !
Não te cause remorso o meu atróz supplicio,
Estes golpes crueis, estas horriveis dôres.
As chagas para mim são outras tantas flôres ! »
Judas fitou ao longe os cerros do Calvario,
E erguendo-se viril, soberbo, extraordinario,
Exclamou :
— « Não acceito a tua compaixão,
A Justiça dos bons consiste no perdão.
Um justo não perdôa. A Justiça é implacavel.
A minha acção é infame, hedionda, miseravel ;
Preguei-te n'essa cruz, vendi-te aos phariseus,
Pois bem, sendo eu um monstro e sendo tu um Deus,
Vais vêr como esse monstro, ó pobre Christo nú,
E' maior do que Deus, mais justo do que tú,
A' tua caridade humanitaria e doce,
Eu prefiro o dever terrivel ! »
E enforcou-se.

A GRATIDAO DE FLORINDA

(DAMASCENO VIEIRA)

LUCIA.

Não molhes os pés, Florinda ;
Vae direita pela estrada,
Vê que a relva está molhada
Pelo orvalho da manhã.

FLORINDA.

Mas os sapatos são grossos
E forrados de pellucia.
Além disso, amiga Lucia,
Estas meias são de lã.

LUCIA.

Que fresca manhã ! Que bella !...
Olha : escuta os passarinhos !
Como cantam junto aos ninhos,
De um galho a outro a saltar !
Vês alli dois tico-ticos,
Pousados naquelle ramo ?

FLORINDA.

Vejo sim! E um gaturamo
Lá vae voando a cantar!...

LUCIA.

Não sentes mais dôr alguma?

FLORINDA.

Não ; agora estou bem forte,
Já não penso mais na morte!...
E tu foste o meu doutor!
E' tão triste estar doente,
Sempre na cama deitada,
Não falar, não comer nada,
Sentindo só muita dôr...

LUCIA.

E te lembravas da Lucia?

FLORINDA, *affirmando.*

Eu quiz mandar-te um recado ;
Mas temi dar-te cuidado,
Fazer-te tambem soffrer.

LUCIA, *abraçando-a.*

Queridinha!... Como és bôa!...

FLORINDA.

Eu tinha ás vezes desejo
De chamar-te e... dar-te um beijo...

LUCIA, *offerecendo a face.*

Dá bastantes!
(*Florinda dá-lhe alguns beijos, que Lucia retribue com outros.*)
Que Prazer!
Tu gostas destes passeios?

FLORINDA.

Gósto, sim, porém comtigo,
Porque sósinha, eu te digo,
Em nada encontro prazer.

LUCIA.

Deixemos as nossas filhas
Descançar de seus trabalhos.
(*Collocam duas bonecas em cima de um banco.*)
Vamos vêr se nestes galhos
Ha fructa de appetecer.

FLORINDA, *dirigindo-se a uma boneca.*

Fica aqui muito quietinha;
Não chores na minha ausencia!
Preciso tanta paciencia
Com esta filha, meu Deus!...
(*Fingindo a boneca.*)
« Eu vou tambem, mamãesinha! »
(*Com força.*)
Não vae, não quero! Já disse!
(*Fingindo a boneca a chorar.*)

« Vou chorar! »
(*Chora.*)

Que rabugice!
Tu és os peccados meus!...
(*Chora mais alto.*)

LUCIA.

Faz calar essa criança!

FLORINDA, *para a boneca.*

Rapariga, olha a chinella!
Levas uma escovadella
De cipó, mesmo a valer!
(*Dirigindo-se a Lucia.*)
E a tua menina, Lucia,
E' dessas que fazem manha?

LUCIA.

E' chorona; mas apanha
De guasca; não tem que vêr!
(*Finge a boneca a chorar.*)
« Mamãe disse que eu apanho!... »
(*Com força.*)

Apanha quando é preciso:
E' para tomar juizo,
Não ser manhosa tambem!
Esta filha me põe velha!
(*Chora sentida. Muda para um tom meigo e acaricia a boneca, fingindo enxugar-lhe o pranto.*)

Não chores mais, meu anjinho!
Fica quieta um bocadinho!
(*Segredando no ouvido da boneca.*)
Eu logo dou-te um vintem!

FLORINDA.

Quando a minha baptisar-se,
Tu serás, Lucia, a madrinha.

LUCIA.

Tu tambem serás da minha.
Faremos um bom jantar!
O papae nos dará doces!

FLORINDA, *sacudindo os braços de contentamento.*

Rapaduras, bolos, queijo!...
Que linda festa já vejo!

LUCIA.

Depois havemos dansar!
(*Dansam uma polka, cantando.*)

FLORINDA, *desprendendo-se de Lucia.*

Ai! querida, já não posso!
(*Sentam-se no banco e abanam-se.*)
Ha muito tempo não danso,
Me atrapalho e logo canço.

LUCIA.

Pois, descancemos aqui.
(*Pausa.*)

Depois, iremos ás fructas.
Treparemos no ingaseiro.

FLORINDA.

Mas tu subirás primeiro.

LUCIA.

Em cima espero por ti.
(*Pausa.*)
Mas não percamos mais tempo.
Procuramos alguns fructos.
Os ramos estão enxutos ;
Podemos nelles subir.
(*Começa a subir em um tronco.*)
Vou apanhar bem depressa
Alguns ingás bem maduros.

FLORINDA.

Vê se os ramos são seguros.
Cuidado! Pódes cahir!...

LUCIA, *adiantando-se.*

Vem seguindo o meu caminho.

FLORINDA.

Não quero ; tenho receio.

LUCIA.

A Genoveva hontem veiu,
Colheu ingás por aqui.

FLORINDA.

Porém ella é gorda e forte;
Sabe andar com segurança.

LUCIA.

E's inda muito creança!
Que medrosa!... Eu nunca vi!...
Se aqui comigo estivesses
E se olhasses para baixo,
Verias lindo o riacho
Tão mansamente correr!...
As aguas que estão passando
Vão fazendo murmurinho
No que encontram no caminho!...
Como isto é bello! Vem vêr!

FLORINDA.

Não vou, não vou. Tenho medo!

LUCIA.

Pois, eu vou mais longe ainda!
(Ouve-se estalar um ramo.)
Eu caio! Meu Deus! Florinda!
(Cahe; em voz abafada.)
Eu morro!...

FLORINDA.

Meu Deus! Cahiu!
(Chorando.)
A minha querida Lucia
Está morrendo afogada!

Como salvar a coitada?!
Como tiral-a do rio?!
(*Serve de um ramo solto e adianta-se por uma aberta.*)

Segura aqui neste ramo!...
Segurou-se! O' Deus clemente!...
Aperta bem fortemente!
Faz firmeza, sóbe, assim!
Põe os pés sobre o barranco!...
Sóbe mais! O ramo é forte!...
(*Lucia apparece.*)

Meu Deus! Salvei-a da morte!
Tiveste pena de mim!

LUCIA, *toda molhada.*

Ah! Florinda! anjo adorado!
E' a ti que eu devo a vida!...

FLORINDA, *abraçando a amiga.*

Nada me deves, querida!
Devedora só eu sou!
Tu fizeste que eu sarasse,
E a Providencia Divina
Quiz que eu, pobre pequenina,
Salvasse a quem me salvou!
(*Beijam-se; cahe o panno.*)

CERRAÇAO NO MAR

(SCENA DRAMATICA DE DIAS GUIMARÃES)

Noite!... Cerração fechada
Pela prôa me apanhou!
Co'a bitacola apagada
Nunca... ninguem navegou;
Leme, casco, vergas, mastros,
Tudo — *sem luz* — vai de rastros
Dar em terra, como eu dou!

Sou cego! N'um temporal
A luz dos olhos perdi!
Ao rugir do vendaval
Seguiu-se o raio e cahi...
Cahi sem luz n'estes olhos!
Cego... mettido entre escolhos
Porque foi que eu não morri?

Que faço eu n'este mundo
Sem bussola p'ra navegar?
Sempre em risco d'ir ao fundo,

Quer em terra quer no mar!
Meu Deus! arrancai-me a vida,
Se d'esta noite comprida
Não devo mais despertar!

Onde está a tua bondade
Se me deixaste viver?
Nas furias da tempestade
Não me quizeste abater,
Mas em negra escuridão,
Seria bemdita a mão
Que me fizesse morrer?

Ai!... luz do sol tão brilhante,
Que nunca mais te verei!...
Nem do luar o semblante
Outra vez enxergarei!
Ai!... mastro grande querido
Que teu gageiro atrevido
Já nunca mais eu serei!

Ai!... vida alegre d'outr'ora,
Quem te podera viver!
Já nem o romper da aurora,
Nem o sol a s'esconder,
Nem na terra apetecida
O sorrir da esposa qu'rida
Meus olhos poderão ver!

Sei que é dia... e nada vejo!
Sei que é noite... e noite escura!
Nem de luz um só lampejo,

D'estas trevas na espessura!
Eu não creio que haja Deus,
Pois se m'ouvisse dos céos
Não me dava esta tortura!

Ruge... ruge, tempestade,
Que um homem do mar não treme,
Se és a voz da magestade
Homem do mar não a teme,
Que o baixel desnorteado,
Zombando do mar irado
Tambem navega sem leme.

Ruge... que me vês sorrir
A' rouca voz do trovão!...
Ruge... que o teu bramir
Empedrou-me o coração!...
Ruge... que ne'sta cegueira
Foi-se a crença derradeira
No autor da creação!!...

Ruge... que apezar de cego,
Não me vês voltar o rosto!...
P'ra affrontar irado pégo
Inda me sinto disposto!
Ruge... que eu estou affeito
A affrontal-o peito a peito
Sempre firme no meu posto!

Silencio, homens do mar,
Já não vem longe o pampeiro!
Cada qual ao seu logar!...

Arriba... arriba... gagerio!
Caça de prôa o joanete...
Ferra a gavea e o traquete...
Lestro... vivo... ligeiro!

Coragem! Quem é que treme
Ante o bramir do trovão?!...
Coragem homem do leme,
Que lá vem o furação!
Ala o velacho a bombordo...
Arria a lancha a'stibordo...
Qu'está n'ella a salvação!...

Coragem! Qu'importa o perigo,
Qu'importa a furia dos ventos?!...
Com mar e céo por abrigo,
Quem treme n'estes momentos?!
Coragem!... que é nosso brio
Arrostar com sangue frio
A lucta dos elementos!...

Coragem, homens do mar!...
Onde está vossa bravura?
Quem não se atreve a affrontar
Os golpes da desventura?
A mim... a mim companheiros,
Que este mar p'ra marinheiros
E' honrosa sepultura!!!

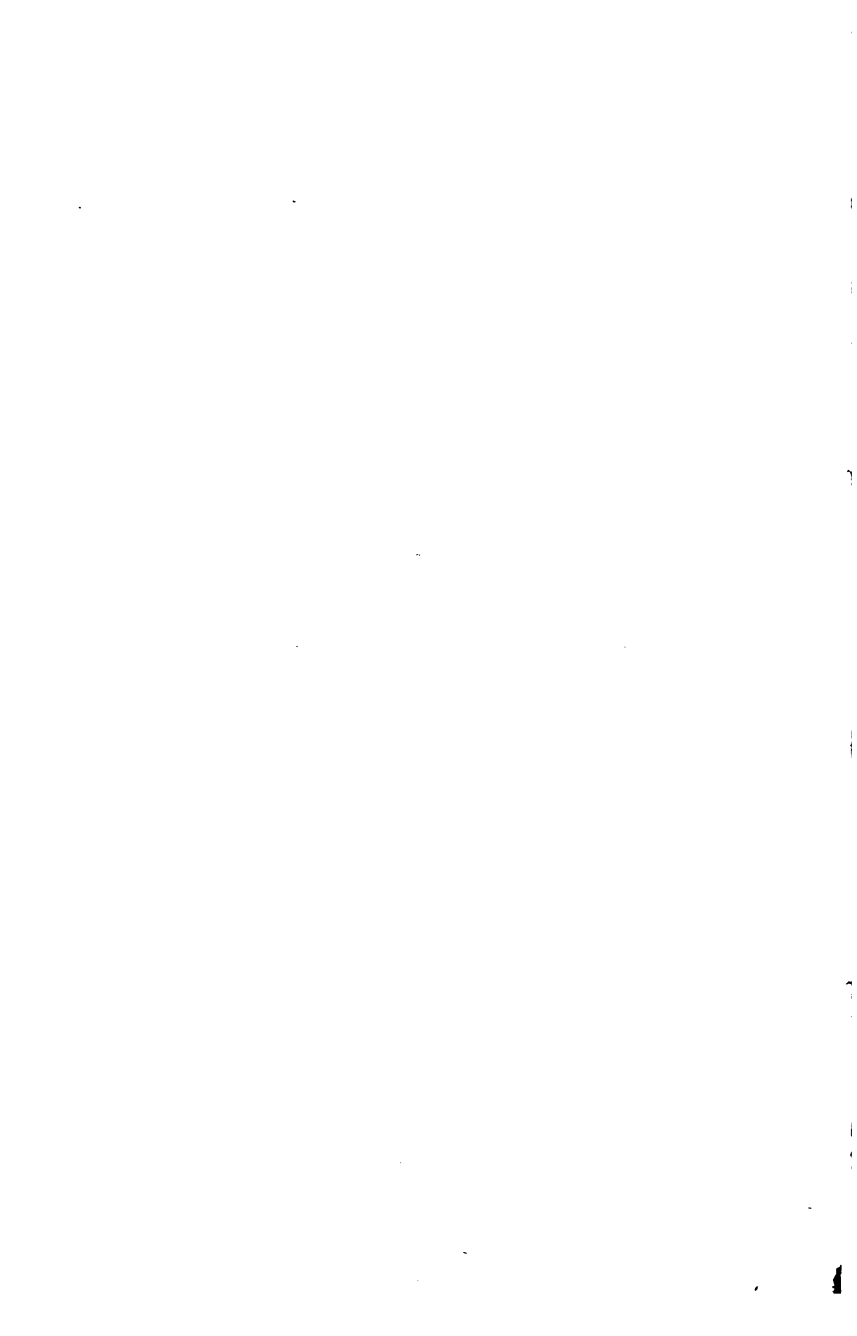
Cego... cego! sem vista...
N'esta hora d'anciedade!
Não creio que Deus exista! ...

Mente a voz da magestade!
Vinde furias da tormenta...
Que a vossa raiva cruenta
Faz-me rir da divindade!...

Mentira!... Deus não existe! ...
Tal não posso acreditar;
O raio que me feriu
Nas procelas do alto mar,
Não podia ser vibrado
Por quem na cruz foi pregado
E morreu p'ra nos salvar.

Perdão!... perdão, Deus do céo!...
Creio em vossa Divindade!...
Embora este espesso véu
Me esconda a luz da verdade!
Creio na voz do trovão,
Que me diz ao coração
Que existe um Deus de bondade!!!

QUINTA PARTE

SCENAS COMICAS

VARIAÇÕES DE FLAUTA

SCENA COMICA

(FRANCISCO CORRÊA VASQUES)

Ao levantar o panno o actor entra pelo fundo, com sua flauta, a orchestra executa a introducção de uma fantasia e quando o actor quer começar o sólo, parte-se a flauta e elle diz :

Esta agora é que é bonita,
Porém não tem cabimento,
A flauta está desgrudada,
Fez-se em dois o instrumento.

Que fazer agora então
Como sahir deste aperto?
A flauta pregou-me *peça*,
Na *peça* do meu concerto.

Mas emfim tenho recursos,
Sou artista de criterio,

Não ha de agora esta flauta
Fazer-me sahir do sério.

Era um concerto de flauta
Q'eu tinha para vos dar,
S'tou portanto no programma,
Vou a flauta concertar.

Tem paciencia, maestro,
Soffre comigo a desdita,
O concerto vai sem musica,
Larga a batuta, Mesquita.

O meu trabalho e o teu
Na linda composição,
Deu em agua de barrela
Foi grande flauteação!

Mas emfim, presentemente
Não é cousa muito alheia
Encontrar-se destas peças;
Tudo no mundo flauteia.

Flauteia o velho, o menino,
O rico flauteia o pobre,
E até sem grande custo
O plebeu flauteia o nobre.

Doutores e magistrados,
Deputados, senadores,
Paisanos e militares
Que grandes flauteadores!

Para um doente salvar
Gasta um doutor sua veia,
Mas por fim morre o enfermo,
Até a morte flauteia.

O Lopez do Paraguay,
P'ra ter um povo valente,
Tinha por norma a mentira,
Fez da flauta expediente.

(Quem por mim morre na guerra
« Terá vida n'Assumpção! »)
Elles morriam, coitados,
Que grande flauteação!

As emprezas de theatros
Em programma d'espantar,
Quasi sempre ao pobre povo
Elles querem flautear.

Por isso ás vezes o povo
Já temendo a mangação,
Deixa o theatro vasio,
Que grande flauteação!

Ou então vem um menino
Com as mãos que mettem nojo
Agarral-o só dizendo :
« Deixa ver o seu relojo. »

E quando ás vezes na casa
Ha um moleque estimado,

Cuja prosa deixa o moço
Para sempre flauteado...

Diz o moleque, « eu conheço
Esse moço, é seu Hilario,
Namora sinhá Candinha,
A mulher do boticario ».

A flauta pois, meus senhores,
E' cousa tão elevada,
Que até ás vezes na campa
E' a morte flauteada.

Tudo alli é pó, é cinza,
Finda-se a dôr e o tormento,
As mortalhas são geladas
Pelo frio esquecimento!

Mas ás vezes dessas covas
Onde a carne se consome,
Resurge maior ainda
Do finado o grande nome.

Por exemplo : não se explica,
Ninguem decifra o arcano,
Ser maior depois de morto
O nome de João Caetano!

CANTA.

E com esta vou-me embora,
Estou livre do aperto;

Vou procurar quem me diga
Se esta flauta tem concerto?!

Se bem que neste auditorio,
Onde eu vejo boas almas,
Ella póde concertar-se
Se me derem muitas palmas.

Mas se em vez de muitas palmas
Tiver chuva de tacão,
Direi olhando p'ra flauta :
Que grande flauteação!

Porque emfim, os amigos
Não podem ficar zangados,
Em cumprir o meu programma
Foram todos flauteados!

Vê-se uma moça á janella
Oh! belleza deslumbrante!
Pelas côres, pelas fórmas,
Um homem se torna amante.

Mas depois do casamento
Vai-se a côr, a fórma é nada,
E a parte masculina
Vê que foi bem flauteada.

As côres eram da loja,
E as fórmas de algodão;
O noivo fica abysmado...
Que grande flauteação!

Tambem, ás vezes, a moça
Toda innocencia e bondade,
Acredita n'um tratante
Todo miseria e maldade.

Come-lhe o dote e fugindo
Deixa-lhe um filho a criar,
Essa flauta é bem terrivel,
E' flauta que faz chorar.

Tudo no mundo flauteia
Quer seja homem ou bicho,
Até fomos flauteados
Na grande questão do lixo!

Os perfumes desse facto
Que para mim foi caso novo,
Flauta foi por muito tempo
No nariz do pobre povo.

Ha dias tambem se deu
Um facto de grande monta,
Fosse flautim, fosse flauta,
Pôz a gente muito tonta.

O xadrez é um jogo nobre;
Nesse campo de combate
Cavallo, torres e *bispos*
Ao seu rei dão cheque-mate!

Jogavam pois dois parceiros
Mas ao rei tão devotados,

Que peões, torres e *bispos*
Foram todos flauteados.

Flauta, flauta, sempre flauta
Todos respeitam seu sceptro,
Mede as grammas na taverna
E' das fazendas o metro.

Um mancebo s'tá n'um baile
(Estuda para medicina)
Suppondo passar a noite
Junto da sua Adelina.

Mas coitados, certa velha
Toda noite, em vez da bella
O flauteia perguntando
« O que é bom para erysipela! »

O QUINQUIM E SINHA ROSA

SCENA COMICA

(BARTHOLOMEU MAGALHÃES)

Eis-me aqui de ponto em branco
Em face desta janella,
São horas de conversar
Com Rosinha, a minha bella!

Ninguem a vê, que não diga : —
Que fazendão!... que moçoila!...
Que mulher bella e bem feita!...
Que perfeição!... que papoila!

A minha amada é um peixe!...
Rainha das cosinheiras,
Que me dá bem bons petiscos,
Saborosas petisqueiras!

Maganão, dá-lhe signal,
Vamos, Quincas, vamos lá,
Que teu coração já bate
Tife!... téfe... tafe... tá!...

Meu bem, meu feitiço,
Minh'alma e encanto,
Aos braços vem já
De quem te quer tanto!

Vem pois corre... corre!...
Rosinha brejeira!...
Pimenta dest'alma,
Minha pimenteira!
(*Rosinha apparece.*)

Aqui estou, meu bem, comtigo,
Aqui 'stou, meu caro Quincas!...
Quincazinho, tu me queres?
Quincazinho, tu não brincas?

QUINQUIM.

Se tu julgas que te minto,
Como tinta eu fique tinto!

ROSINHA.

Eu não sei, os homens são
No amor tão trapalhões,
Que sempre nos atrapalham.
Tornando-se ingratatões!...

QUINQUIM.

Dos homens não digas mal,
Rosinha, não digas, não...
Não existe um só no mundo
Com ingrato coração!...

ROSINHA, *declamando.*

Assim será, mas eu creio
Falsidade em quem traz calças!...

QUINQUIM.

As saias, minha Rosinha,
Essas, sim, é que são falsas!

ROSINHA.

Os homens sim, é que são
Em amor uns mentirosos!

QUINQUIM.

Não fales assim, meu bem...

ROSINHA.

Digo mais, uns enganosos!

QUINQUIM, *canta.*

Neste caso tu me julgas
Um falso... ingratatão...
O contrario vou provar-te
A teus pés... aqui no chão!...
(*Ajoelha.*)

Eu sinto por ti
Tamanha affeição,
Que como por quatro
Farinha e feijão!

Não durmo de dia,
Sómente de noite,

Se nisto te minto...
Oh! da-me um açoite!

E' tal a paixão,
Que tenho no peito,
Que bebo cachaça
Sem termos nem geito.
Rosinha, acredita,
Se não me casar,
N'um fio de linha
Me vou enforcar!

ROSINHA, *dando-lhe a mão, como querendo-o levantar e cantando.*

Isso não... matar-te!... nunca!
Viverás sempre a meu lado!...

QUINQUIM, *beijando-lhe a mão com soffreguidão.*

Oh! que beijos, como sabem!...
São mais doces que melado!

ROSINHA.

Beija, beija, meu bemsinho!
Beija, beija, meu Quinquim!
Beija, beija, meu yoyô
Beija, beija... assim! assim!...

QUINQUIM.

Nesse caso, como estamos
P'ra casar de pedra e cal,

Dancemos um lunduzinho,
Um lundú, nunca fez mal!
(*Ambos cantam e dançam um lundú bem choradinho.*)

ROSINHA.

Não ha nada que mais saiba,
Que deixar de ser solteira,
Um marido convém muito,
Antes casada, que freira!

QUINQUIM.

Requebra, Rosinha,
Requebra, meu bem!

ROSINHA.

Ai! Quincas! amor!
Requebra tambem!
Já não temo o tempo frio,
Porque vou emfim casar...
Isto só me faz doudinha
Uma fieira puchar!

QUINQUIM.

Requebra, Rosinha,
Requebra, meu bem!

ROSINHA.

Ai! Quincas! amor!...
Requebra tambem!

Eu dou pulos de contente,
Porque tenho um maridinho!

Assim Rosa, quebra o corpo,
Quebra bem o teu corpinho!...

QUINQUIM.

Requebra, Rosinha,
Requebra, meu bem!

ROSINHA.

Ai! Quincas! amor!...
Requebra tambem!
(Cantam e dançam, cahe o panno.)

O CHICO FRESCATA

MARINHEIRO DO BRIGUE « AMIZADE »

(BARTHOLOMEU MAGALHÃES)

A vida de um marinheiro,
(*Canta fóra.*)
E' vida de mil diabos,
Em terra não larga a banza
E no mar o leme, os cabos.

Torradinhas com manteiga
Por cima café, mais nata,
Sem briól e sem pequenas
Não passa o Chico Frescata.
(*Entra.*)
Olha lá!... gente na prôa!...
(*Ao publico.*)
Cuidado, sentido, alérta!...
O leme mette de contro,
Pula, salta da coberta! ..

Arriba, gentes, arriba,
Qu'atracação temos certa!

Iça bandeira n'adrissa,
A ré, no lais da mezena,
Faz signal e chega á fala,
Navega sem dú, nem pena,
Que o navio é bom de véla
Indas não virou de crêna!

Olha lá!... é certo, é certo...
Temos gente pela prôa,
Muito bem amantilhada
Com velame e coisa boa!...
Olha lá! e com amarra...
E' gente, mas não á tôa! ...

Attenção... prompto a virar,
Ala braços a stibordo,
Chega á fala, meu Frescata,
O leme todo a bombordo!...
Chega á fala... ala!... larga!...
Larga á ré... vira de bordo!...

Larga por mão, larga, larga!
Volta aos cabos, toca em vento,
Que tens gente pela amura
No lado de barlavento...
Gente, sim, que te conhece
Com grande conhecimento!

Arreia a giba, o estae,
Bujarrona e joanête...

Ferra bolachos e gáveas,
A mezena e o traquête ;
Agora larga o chicote
Com volta no molinete!...

Assim... assim... ferro ao fundo...
Ao fundo de uma vez só!...
Old reyth!... ora aqui tem
O neto de minha avó,
O bom do Chico Frescata
Encostado ao portaló!...
(*Debruça-se sobre a cadeira.*)

Ah! que tempos não nos vêmos...
Vocês todos como vão?...
Houve calma na saude?
Abarrotou-se o porão?
E de bilhestres no golpe
Houve vento de feição?

Durante a minha viage
Algum de vocês casou,
E pescou alguma chélpa
Ao sogro que lhe custou
A largar, mas que no bolso
De algum de vós fundeou?

Vocês não ouvem, 'stão surdos,
Não me dizem nada, nada?
Vocês não falam, 'stão mudos
D'escotilha tão tapada?
Que diacho disto é aquillo?
Não gósto de tal massada!

Vocês não querem falar
Comigo por ser marujo,
Por ter callos d'alar cabos,
Cheirar a breu, andar sujo?
Indas não falam? mau... mau...
Raios partam!... não entrujo!

Vocês por terem patacas
Não me querem por amigo?
Patacas tamem avézo,
Eis a prova do que digo!...
(*Mostra dinheiro.*)
E a respeito de franqueza
Ninguem prolonga comigo!

Eu cá por mim m'estifaz
Um bom copazio de breu,
E atraz d'um vão uns poucos
P'ra beber o Senhor eu!...
Mas espera, eu vou contar-vos
Canto enfim me assucedeu :

Ha um anno, pouco mais,
Que larguei d'aqui p'ra França
N'um patacho de patente,
Chamado — *Feliz Esperança* —
Por signal que estava um dia
Mar de rosas e bonança.

O taes barquinho de véla
Era mesmo um catanão!...
Dava riscos pela prôa
A caesquér embarcação...

Um vapor não se lh'oppunha...
Nenhum lhe dava... pois não!

Ao cabo de vinte dias
Embrulhou-se a coisa tanto,
De taes sorte e de maneiras,
Tão contráira e tão d'espanto,
Qu'então disse : — eh c'os diachos
Valha-me aqui um bom santo!

Que marzinho, meus amigos,
Eram as vagas tamanhas,
Que faziam o patacho
Andar em papos d'aranhas,
Lá por riba das alturas,
D'aquellas grandes montanhas.

Eh! c'um raio de diabos!...
Vocês não fazem ideia...
As nuves deitavam agua...
Nunca vi cousa tão feia!...
O vento bufava bravo,
Que par'cia uma baleia!

Vae senão cando um tufão,
Que vinha d'erguido rabo,
Nos levou um joanete
La p'ra caza do diabo...
Pondo em tiras á mezena,
D'um mastaréo dando cabo.

Se vissem quando o taes mastro
Do traquete arrebentou,

Cando tudo lá de riba
Sobre o convez desabou!...
Até um moço da cambra
Por peccados esticou!...

O capitão e piloto
Bramavam a bom bramar: —
Corta!... safa!... safa!... corta!...
Caes safa, nem caes cortar...
Deu-nos um mar pela pôpa
Que a quasi nos fez sobrar.

Estando já o patacho
Sem leme p'ra governar,
Não tivemos mais aquella,
Deitamos a lancha ao mar,
Mal nos safamos de bordo
Vimos o casco afundar.

Que me parta aqui um raio
Se vi barco tão valente!...
Agantou-se em canto pode
Era um faisca incellente;
Ou n'um largo, ou á bolina,
Nenhum se punha na frente.

Nem que viva oitenta annos
Verei um mar como então
Tão levado da carépa,
Tanto aquelle e tão dargão!...
Eu nunca me vi tão perto
Dos queixos d'um tubarão.

Até que despois d'andarmos
Pelo mar remando á tôa,
Sem trincar uma bolacha
Demos com terra na prôa,
A terra sem mais, nem menos
Era o porto de Lisboa.

Foi antão que fui pr'o brigue
Que tem por nome — *Amizade*
Que navega cá p'r'ó Porto
Para tão nobre cidade,
Onde estou agora ás ordes
Da melhor, boa vontade.

Mas vocês indas não sabem
O que cá me assuccedeu,
A pequena que eu riscava
E que tanto amava eu,
Botou-me dentro do peito
Uma caldeira de breu.

Vocês conhecem-na todos,
Se conhecem... sim senhor...
E' uma gorduchasita
D'olhos gazios, linda côr...
Vocês conhecem-na todos,
E' a Jabel Leionor!...

De deitar ferro na igreja
Já lhe tinha promettido,
Mas o demoino de saias
Quiz fazer-se adivertido,

Tomando p'ra seu piloto
Outro gajo sacodido.

Eu quiz dar-lhe já um bordo
E fazer dos meus sarilhos,
A prôa desarvorar-lhe
Sem mais partes, nem tomilhos,
E rasgar-lhe todo o panno,
Rebentar-lhe os amantilhos.

Dar-lhe um rombo no costado
De ser mister dar á bomba,
Ou deitar-lhe abaixo o beque
C'um bilhete dos de arromba,
Para andar por tres semanas
No convéz buscando a tromba.

A mulher, segundo creio
No meu fraco e mau pensar,
E' como a roda do leme
Que caesquer faz revirar,
Mas que não sabe, nem póde
Como aqueila governar.

Desde já juro e rejuro
Amar assim, nunca mais!...

UMA VOZ.

Oh! Frescata, vens p'ra bordo?
O bote já está no caes!...

FRESCATA.

Ah! já está?... então, adeus!...
Salta arriba!... talha ao laes!

COUPLET FINAL.

Me desculpem, meus senhores,
Perdoem ao marinheiro,
Ao bom do Chico Frescata
Seu falar rude e grosseiro
(*Prevenção.*)

Torradinhas com manteiga
Torradas com caridade,
E' já tarde, vou p'ra bórdo
Do lindo brigue — *Amizade.*

Torradinhas com manteiga
Torradas com bom café,
Se vocês me não dão palmas
A cousa não tem lólé...
(*Execução.*)

FUI VER « O PROCESSO DO RASGA »

SCENA COMICA

(CARLOS DE ALMEIDA)

Ao levantar o pano, Zé Jaquim, entrando, dirige-se á plateia :

Olá, gentes!... *Antão* logo á sahida do *quimboio* venho encontral-os todos aqui *arreunidos!* Já sei ; é obsequio que me querem fazer, vindome esperar á chegada p'ra saber novidades? Pois *antão* sempre aqui aproveito a *incasião* de *les* dizer o que lá vi por esse Porto além. Aquillo é *qué!* Desde pela *minhan* até á noite são *advertimentos* a dar com pau. E os *triatos!...* Estou a modo desconfiado que lá por essas *Eropias* do estrangeiro não ha coisa melhor *có* Porto. Eu logo que lá *xiguei* fiquei *munto* sympathisado. Ora imaginem vossemecês todos *cantos* aqui estão *cum home* entra *pró quimboio,* e *xigando* a *Campinham* do Porto, tem logo corro *prá staláge* por dois patacos ; e até carroças *estranpórtes prá bagage!* Aquillo é *qué* terra! Estou a bem dizer que cá por estas *arredondezas num*

ha *home* que tanto tenha *bistro cuma* mim. Mas *boltando* á *bacca* fria, a mim o que mais me fez *abismação* foi o *triato do Princepes Rial!!!...* Uma coisa assim, nunca em dias da *bossa bida bós habeis de bêr*. Eu nunca tinha *bisto* o *caquillo* era, *más antão* fiquei bem *ajuizado*. Conforme eu li n'um *cartapaz*, assim elles *fijeram*. Chamava-se o « Processo do Rasga, » e era assim. Uma *reçuésta tocaba bariadas* peças *guidas* por um *home* que tinha um pausinho na mão e que *estaba rente* ás luzes. *O' despois lebantaba* uma cortina pintada *de brumêlho* e apparecia *munta* gente *bestidos* á moda da *intruidada* a *berragar* uns *bérços ;* e *cando acabado arretirabo-se pró* lado e *binha um home bestido de brumêlho, cacho quéra* o criado e dizia assim : A *cêra Porca Garóta*. E *entrabo* duas mulheres *cacho quéro homes munto* bem *bestidos* e *xigabo-se* ambos *pró* pé do tal *home* que tinha o pausinho nas mãos e *quéra* de *guiala recuésta;* e *uma* das taes mulheres muito alta, com *caige bara* e *meia* de comprido e de pernas tortas começava assim (Canta) :

Eu sou a *porca* janota,
Dos elegantes tão qu'rida,
Que de todas as mais dansas
Por elles sou preferida.

Eu não sei que em mim *incontram*
De raro e particular,
Que tudo desprezam e deixam
P'lo *gustinho de purcar*.

As minhas miradas,
As minhas caricias,
Fazem as delicias
Das rapaziadas.

Sempre n'esta lida,
Assim *bultiando*,
Bubendo e *fulgando*.
Vou passando a *bida*.

As minhas miradas,
As minhas caricias, etc.

A companheira d'esta que *cantaba, e que tinha as ureilhas cumidas* pelos ratos e a barriga *inxada*, só fazia os *acumpanhamientos*. Os *oitros é* que se *estafabo a berragar*. Logo que estas duas *que eu ind'ágora alumiei acababo de fazela çua* parte, *binha* o *mêmo home de brumêlho e* dizia : O *Sêr Malhão* e Caninha *Bierde*. *Intrabo antão dois ;* um gordo como um *barrote*, e *oitro* com *a bista rebirada cantabo* assim (*Prumeiro canta o da bista rebirada, despois é qué oitro que bem fazer de molher*) (Canta) :

Eu sou Malhão, } (*bis*)
Triste Malhão, }
Eu seu Malhão } (*bis*)
Sem ter *ribal;* }
Sou esposo } (*bis*)
Da *Bierde* Cana }
E do Porto natural. (*bis*)

Agora o côro *arrepete a mêma coisa, e despois*

começa a cantar por estes modos assim, a tal Caninha *Bierde* (Canta) :

> Eu sou a Caninha *Bierde*, } (*bis*)
> Eu sou a *Bierde* Caninha, }
> *Sarpicadinha* d'amores
> E faz pouco casadinha.
> A, i, ó, ai,
> E faz pouco casadinha.
>
> Sou da terra do *vom binho* } (*bis*)
> Que ao *progresso* se applica, }
> Quem ó pão *xama meléte*
> E á alfarroba *faba* rica.
> A, i, ó, ai,
> E á alfarroba *faba* rica,
> Quem ó pão *xama meléte*
> E á alfarroba *faba* rica.

Arredaba-se cada um *pró* seu lado e os oitros *xamados côro* arrepetio o que elles diziam e *mesmamente* dansavam. *Cando çoçegabo binha oitra bez o tal de brumêlho e dizia :* O Sêr Mirandella... Entrava *antão um* gallego *munto vexiguiero* e *depois* de fazer *muntas felustrias* com os pés *cantaba d'esta feita* (Canta) :

> Mirundella, ó ai, ó ai,
> Mirundella caçai, caçai ;
> Mirundella, ó ai, ó ai,
> Mirundella caçai com ella.
> *Xoram* os *vois* pelas vaccas,
> *Xoram* as vaccas *pelus becerros*,
> Muitos dão lo *cabaquinho*
> *Pulas* dansas dos gallegos.

Ora vossemecês já devem estar estafados de tanta *cantadoria* que eu *práqui teinho* prégado, mas já *qu'adreguei* de começar, estou que vossemecês sempre quererão que eu *les* diga até ao fim esta *farça*. E *antão* lá *bai*.

Agora *eintra* um estrangeiro d'um inglez com um nariz de papagaio, e de *oclos* d'um *bidro só, e qu'até* por signal se *xamaba* Lord *Ximprótes*. Depois de *cumberçar* com um sujeito *xamado* o *Cão-Cão, cantaba açim* (Canta) :

Very good of Lisbon,
Very good Portugal,
Tem barate Port-wine,
In England care e mal.
 Oh! my dear love!
 No son patarates;
 Só in Portugal
 Ha *pôas* patates.
 No mais no speak,
 No mais be quite?
 Muito pick-pocket,
 Mas emfim all right.

Como vossemecês já *debem improbisar*, os *oitros* faziam a repetição do que elle cantava, e *dançabo ao mêmo tiempo ;* e *cando fazio a determinação, entrabo oitros chamados Bolieiro e Cigarrilha ;* que juntos ao *Mirandella principiabo* cada um por sua feita a cantar. Ora oiçam como *cantaba a Cigarrilha* (Canta) :

Diós echó en un puchero,
Segun se cuenta, (*bis*)

Mucha flôr de romero,
Sal y pimienta, (*bis*)
Despues guindilla,
I salió d'aquel pisto
La seguidilla, (*bis*)
I salió d'aquel pisto
La seguidilla. (*tris*)

Cantaba agora o *Bolieiro* casado com a tal *Cigarrilha,* mas elle estaba tão *encabacado* e *fallaba* tão *vaixo,* que eu *num* pude fazer *maginação* do que ella dizia, mas *oubi* bem á minha *sestifação* que na *mêma* musica da *Cigarrilha cantaba* assim : (Canta)

Deus botou n'uma panella,
Mui bien tapada, (*bis*)
Muito feijon e murcella,
Gron e dobrada, (*bis*)
E com socego
Fez de toda esta massa
Um bom gallego, (*bis*)
Fez de toda esta massa
Um bom gallego. (*tris*)

De repente outros que *estaba* a admirar o canto, *arremedaro-se* todos *pró* lado por causa d'um typo que de faixa á cinta e *biola* na mão, *atiçaba* em todos ; e só socegou despois do *Cão-Cão le* perguntar quem era. Ella *antão* por musica dizia-*le* quem era d'esta maneira : (Canta)

Eu sou o amante fado, } (*bis*)
Eu sou o fado tão qu'rido, }

Eu sou o fado das salas, } (*bis*)
Eu sou o fado corrido.

Eu sou o fado bréjeiro,
Eu sou o fado moral,
Sou o fado galhofeiro,
Sou o fado sentimental;

E eu sou hymno do povo } (*bis*)
Que ama o fado em geral.

Mal este tinha acabado de dizer por musica ao *Cão-Cão* quem era, *oubia-se* um *restolhaço munto graunde ; antão* os comediantes *io* todos lá *pró* fundo da sala *bêr* o que *habia*, e *antão entraba* o criado *munto affleigido e dezia assim :*

Senhor, duas *daunsas* desconhecidas querem *antrar*, mas coma *num bein* munidas de *vilhetes mandei-les* tirar o *caballo da xuiba.* O *Cão-Cão dezia :* Quem são?

E ella respondia : *quero* o Fandango e o Rasga. *Antão o Cão-Cão mandaba* entrar o primeiro, e prender o segundo. O Fandango entrando *cantaba* assim : (Canta)

Visto que os senhores pedem } (*bis*)
Não me quero fazer rogado;
Não quero que *vuncês digom :* } (*bis*)
Tem acções de mal-criado.
Afina a guitarra, } (*bis*)
Toca a musica, toca,
Viva o seu *Cão-Cão*,
Viva a rapioca.

Acababa esta farça com a *antrada* do preto Rasga, mas elle *fallaba* tanto *barzileiro* e dava assim tanto ás costas (imita o Rasga), que eu de tanto que me ri nem *tumei sentido ; e bisto* que me *num alembra, bou cantare então* uns *oitros bérsicos* p'ra me despedir.

E então até *oitra incasião,* se Deus *quijer* (Canta ou recita) :

Eu contei conforme soube
Minhas gratas *empressões*,
Perdoai-me se disse asneira
N'estas brutas expressões.

Eu nunca andei nos estudos,
Cada qual diz como *save ;*
Dou as mãos á *parmatoria*
Pela parte que me cabe.

Podem dar-me pateada
Por ter sido massador,
Mas ao menos batam palmas
Se o author chamado fôr.

EFFEITOS DA QUEBRADINHA

SCENA COMICA

Ora, isto já é mais do que manha, já passa de rheumatismo gottoso, mais do que um ataque geral dos nervos... é maluquice! *(A musica toca mais forte a polka.)* Oh! meu Deus! que sina! que sorte! dançar sempre sem poder parar! (*Segura em uma cadeira e dança.*) Oh! como é bello! Mas, não póde ser! se isto dura muito, fico com as juntas reduzidas a bife! com certeza, as tripas fogem-me pelas ventas! (*Pausa.*) Para que vim eu cahir aqui? (*Para o Regente.)* Senhor, por favor faça calar essa rabeca, eu morro, arrebento! (*A musica deixa de tocar.)* Ah!... (*Deixa a cadeira e dirige-se ao ponto.*) Pois você estava mettido n'essa casca, seu lesma, e não vinha em meu soccorro?! (*Olhando para a platéa.)* Olé! pois tinha tanta gente aqui olhando para este meu typo estapafurdico e eu a dar-me ao desfructe qual boneco de realejo?... E tambem o bello

sexo? Oh! muito sou apaixonado pelas bellezas feminis! (*Comprimenta comicamente.*) Minhas senhoras. (*O rabecão dá duas notas.*) Ai! (*Pula querendo dansar.*) Desculpem, minhas senhoras, pensei ser a polka tentadora! Eu não sou culpado! sou um verdadeiro martyr d'esta polka! (*Canta.*)

Veja lá, Senhor regente,
Se tambem quer me quebrar,
Por um ponto... tive mêdo...
N'este ponto me abysmar!

Além d'isso n'um sarilho
Tenho as tripas e a moella...
Ai, ai, ai, que já não posso!
Já me arde esta canella!

Nos cafés, nos bilhares, theatros, praças publicas e até mesmo nas barcas da Praia Grande, eu ouço sempre esta maldicta polka! (*Toca-se a quebradinha.*) Obrigado senhor rabequista, eu mesmo assobio. E' isto, sempre isto, escutaram? (*A platéa.*) Para assegurar a VV. SS. que não exagero, vou contar-lhes algumas scenas em que me vi atrapalhado : — Na semana passada tencionei ir a Nictheroy visitar um amigo velho. Metto-me em uma das barcas Ferry e recostado a uma janella ia apreciando o mar que se tornava crêspo... mas oh! fatalidade! eu é que fiquei crêspo! Imaginem VV. SS. que tendo-me remechido um pouco por sentir uma trovoada ao longe na barriga, talvez pelo con-

tacto do nariz com o cheiro da marizia; eis que uns carcamanos de harpa e rabeca, da musica verdadeiros réos... e que estavam á ré, começaram a tocar a polka... (*A musica toca.*) Eu ja sei que o senhor tem rabeca! não precisa. (*A musica cessa.*) Sem me poder conter no banco, tive de dançar, dei-me ao espectaculo á vista de tantos passageiros! Dirigi-me aos engraxadores de cordas, com vontade de lhes quebrar os dedos... mas... como pensam VV. SS. que eu fui?... no passo da polka, quebrando-me e torcendo-me todo! A quebradinha fazia-me quebrar e a barriga torcer-me! Saltando em terra, desejei antes ficar boiando n'agoa, disse-me um moleque; (*Imita.*) *A ôla sum Tonico nó tá ahi nô, tá pegaro n'esse casa... pore i massi táre*, e sauda-me logo com um assobio: (*Assobia a polka.*) Dansei, tive de dansar mesmo na frente do moleque! Quebrei, mas tive vontade de quebrar as ventas do bruto!

Fui á casa citada por elle e ahi a infelicidade sympathisou comigo. Eu bem digo, esta quebradrinha jurou a minha perda!

Mal tinha eu subido quatro degráos da escada, ouço immediatamente os sons de um piano... mas... o que tocava elle? advinhem o que tocava o excommungado?... A quebradinha! Tive de dansar outra vez contra a vontade! Façam idéa VV. SS. em que lugar melindroso dansei eu? n'uma escada, em cima de almofadas de páo! porém não só dansei como cahi! Depois de ter chegado á baixo de Plano

inclinado é que comprehendi o quanto é caro se descer por manivellas! Não é preciso dizer a VV. SS. com que dó gemeram os nós da minha espinha ao compasso dos dós sustenidos do piano. *(Canta.)*

Depois de dar-me ao desfructe
Entre a cruz e a caldeirinha,
Inda mais por meus peccados...
Torço o *fim* da minha espinha!

Abrenuncio! vade retro!
D'esta vez, fico quebrado,
Assim velho, só dansando...
Sou bem cedo sepultado!

Não ha duvida, fico sem pernas! Até os trovadores de esquina mettem-se na dansa!

Outro dia fui victima de um d'esses typos que possuem uma garganta que nem a páo se engasga com espinhas de tainha! Ia pela práia de Santa Luzia e ouvi ao longe uma serenata; como sou apaixonado pelo violão, approximei-me, mas conjurei essa lembrança excommungada, porque... vejam VV. SS. (*Senta-se e imita.*) cantava assim o typo:

« Nas margens de uma ribeira
Um pescador passeava,
Como do rochedo as ondas...
(*Canta logo a quebradinha.*)

Tive vontade de transformar as primas do

violão, em quartas! Ah! malvado! quasi mando para a praia o tal tocador da dita! (*Pausa.*)

Eu não tenho máo genio, não, senhores, mas esta polka foi inventada para encerrar-me no palacete da Praia Vermelha!

Eis aqui outra esparrella em que me fez cahir esta endemoninhada polka :

Não sei se sabem que sou apaixonado pelas conferencias ; pois sou, sim, senhor. Resolvi em um domingo *fazer uma* na Gloria, não pensem que foi no pico do morro, não, na escola dita. Fação idéa os effeitos que produziria a minha prelecção, se outros effeitos não causasse a tal polkinha! Vejam e pasmem ; a idéa era grandiosa! era tudo por meio de um canúdo. Que assumpto! Era o meio de não haver tamina no Rio de Janeiro, no tempo de calor! Que base? (*Recita.*)

« Era um assumpto propicio,
Pois bem forte tinhà a base!
Dava as guellas beneficio
Mudando tudo de phase! »

« E depois... custava nada...
Eu não sou nemhum *rombudo*!
Não custava uma pitada...
Era sómente um canudo! »

(*Segura n'uma cadeira e faz de tribuna.*)

Principiava assim o meu discurso. « Srs *Cavalleiros* e Sras. *Cavalleiras*, o terreno alaga-

dissimo em que tenciono *aprofundar-me*, obriga-me a falar-vos da *seccadura* que nos *torra!* Estamos pulando aos *pinotes* para a secca do *Ceará*, e ninguem mais *ceará* por não ter agua para o *chá!* A minha idéa, pois, é um *canudo*, só um *canudo* que fará *tudo* gozar de um *entrudo!* »

— Mas oh! desgraça! malditas estas palavras, uma *maldita* sociedade de musica que passava na rua, tocou a quebradinha (*Toca a musica.*) peguei na tribuna-cadeira e cahi na brincadeira. (*Faz o que diz, dansando.*) Como vêem, não poude acabar, e acabar como? Se as risadas se confundiam, se o auditorio berrava qual boi da estrada de ferro : Fóra, fóra o tolo! Quasi fiquei sem miolo! Sahi espremido, sem poder exprimir mais uma palavra ; mas... sahi... e... tomei respiração!... passa!! Porém esta ainda foi melhor. (*Recitando.*)

Procurava comprar agua
E encontrei um negro mina,
Que massou-se e gritou logo :

(*Imita.*). *Quinhento rè, qui te tamina.*

Está bom, disse eu ao bruto
Queira-me em casa botar...
Mas o negro estende os beiços,
E começa a assobiar!

Mas tocava a quebradinha
Essa negra creatura!

Que me fez guindar-lhe logo
Pelo meio da cintura!

E dansei com o *negro pár*,
Que fazendo-me *arreganho*,
O barril largou-me em cima...
Sem querer tomei um banho!

Até aqui estou com mêdo que qualquer dos senhores queira tambem assobiar a quebradinha, e, por essa razão raspo-me, foi bom lembrar-me em tempo (*Para a orchestra.*) senhor regente, acompanhe-me uns versos de despedida... (*Toca a musica a quebradinha.*) Não é isso senhor! (*Furioso.*) com os diabos! então como entrei em passo de dansa é de lei que saia dansando? (*Dansando.*) Já sei, os senhores não sabem outra musica, pois vá lá essa mesmo com todas as rabecas! façam o seu gosto que aqui não me pilham mais! (*Canta.*)

Meus senhores e senhoras,
Já não posso, passa fóra!
N'esta côrte mais não fico...
Eu p'ra a roça vou-me embora!

Lá, ao menos não me amolam,
Não me dão cabo da espinha!
Lá se dansa só o fado...
Não se toca a quebradinha!

Para não ir mais choroso
Com as pernas tão doridas...

Tendes vós um bom remedio...
Vossas palmas tão queridas !...

(*Polka forte.*)

Ai, ai, ai, que forte sina !
D'esta vez eu não engrósso,
Passem bem minhas senhoras...
Adeusinho... eu já não posso !

(*Sahe, dansando sempre.*)

O SR. ANSELMO

APAIXONADO PELO ALCAZAR

(FRANCISCO CORRÊA VASQUES)

O SR. ANSELMO, *entra pelo fundo com alguma cautela.*

Meus senhores, silencio... não digam que estou aqui... senão vai tudo razo!... (*Vai a uma porta e espia.*) Dorme! Oh! que Deus lhe prolongue aquelle somno... ella o merece... minha mulher quando dorme é a creatura mais socegada e amavel que eu conheço! Ha mulheres que deviam nascer... para dormirem até morrer! Mas isto agora não vem ao caso : aposto que os senhores não são capazes de adivinharem d'onde eu venho neste momento. (*Tirando o relogio.*) Falta um quarto para as onze horas... vá lá, adivinhem?! Não são capazes... Talvez algum dos senhores, por este meu todo, de charuto ao

lado, esteja persuadido que eu venho do hotel D. Pedro, ou de dansar alguma quadrilha nos *vastos salões do Oriente?!* Nada, não senhor, não venho ; não vou a esses bailes, porque dizem que ha por lá dansantes, que movidos por uma musica de *pancadaria*, julgam-se no direito de fazerem *traverser* de *pontapés* e *chaine anglaise de bofetões!* Nada, cá o Sr. Anselmo tem muito amor ao seu corpinho para se expôr assim ao furor daquelles *bailarinos*! Querem saber d'onde eu venho?!... (*Com segredo.*) Da rua da Valla!!... Mas não se persuadam que venho de comer iscas de figado frito e sardinhas assadas com pimentões... Nada, não senhor, tambem ás vezes faço a minha perna nessas maroteiras, mas hoje não se trata disso... eu venho do meu idolo, do palacio dos meus encantos, do templo das minhas phantasias... do Alcazar!!... Pelo amor de Deus, não digam isto a ninguem, minha mulher prohibiu-me de lá ir, dizendo que aquillo era um fóco de desmoralisação?!... (*Zangado.*) Oh! mulheres! mulheres...! *podesse uma só não contêl-as todas e o piloto fosse eu...* que iamos todos parar dentro do Alcazar! O meu Alcazar! Desde que o frequento estou livre de quanto carôlo nos querem pregar por ahi! Estou livre de ir ao Passeio Publico ouvir tocar alguma banda de musica hespanhola, e vir de lá com a cara á banda! Estou livre de ver em qualquer theatro, algum espectaculo que me faça arregalar o olho! Theatros!... Theatros!... Não os prefiro ao meu Alcazar! Quero viver e quero

morrer com o meu Alcazar! Oh! Alcazar! Alcazar! (*Canta.*)

Alcazar, tu me derramas
Neste peito um vivo ardor,
Ao Vallote e ao Halbleid
Eu consagro um forte amor.

Não ha nada como aquillo! Ha pessoas que gastam contos e contos de réis para ir a Paris, estão lá dous ou tres mezes, e ao saltar aqui, na praia dos Mineiros, esquecem-se logo de sua terra, e perguntam : — *o senhorrr faz favorrr de me dizerrr onde fica o larrrgo do Rrrocio?!* Entretanto, que eu vou a Paris todas as noites por mil réis, e volto de lá sem me esquecer da minha lingua! O Alcazar é o meu Paris! Os senhores talvez não se tenham dado ao incommodo de lá ir... pois não sabem o que perdem... Vai a gente pela rua da Valla, e lá em certa altura vê uma taboleta illuminada, que diz o seguinte — *Bureau* — isto quer dizer — aqui se vendem bilhetes. — Oh! a lingua franceza é um foguete ; emquanto nós dizemos : — Aqui se vendem bilhetes — dizem elles : — *Bureau.* — Isto é claro, e viva a França! Depois compra a gente o seu bilhete, entra, arranja sua *chaise* e assenta-se ao pé de *sa table!* E agora o verás, é *musiú* d'aqui, *vú lê vú quelque chose* dali, *pardom musiú* d'acolá, *garçon donnê muá une botelhe de biérre*. Oh! como isto é bom! como isto é agradavel! Ali tudo é francez, a mu-

sica toca em francez, a gente fala em francez, ouve francez, fuma francez, bebe francez! tudo francez! Os senhores nunca foram ao Alcazar? Pois hei de obrigal-os a ir por força! Tenham a bondade de esperar um pouco... vou ver se minha mulher está dormindo. (*Vai ver e volta.*) Dorme profundamente! Está deitada sobre o ouvido esquerdo, e ella é surda do direito, podemos portanto fazer o barulho que nos aprouver, que ella não acorda assim com duas razões! Transformamos esta sala em Alcazar, os senhores são os espectadores, a rapaziada cá da orchestra me ajuda e eu vou mostrando as habilidades daquelles patuscos, á excepção de um que eu não poderei imitar, porque o diabo do caturra representa, dansa, canta, faz mimicas, toca rabeca, dorme com os olhos fechados, abre a boca para falar, come quando tem fome, e bebe agua quando tem sede : só os senhores vendo é que podem acreditar! Quanto aos outros, eu vou ver se arranjo alguma cousa : pois desejo do fundo d'alma que os senhores sejam frequentadores do Alcazar. Vamos começar... Façam de conta que o panno está em baixo e os senhores bebendo cerveja ; cá os meus amigos executem qualquer rabecada, para fingir o intervallo, até que eu toque lá dentro a campainha, signal de começarmos com o espectaculo Vá!... (*Retira-se levando uma campainha que está em cima de uma mesa, a orchestra toca até ouvir o primeiro toque de campainha : depois do segundo toque a orchestra executa o* BARBEIRO, *Anselmo*

sahe com grande rompante, canta alguma cousa, interrompendo-se de vez em quando para dizer : Silancio!...) Este que acabo de apresentar aos senhores é um bello moço, é verdade que é por culpa delle... e de toda aquella tropa é o melhor freguez de luvas de pellica! Gosta muito de conversar com o Halbleid sobre a companhia de distillação e refinação de assucar, o que faz com que este, apezar de ter um genio pachorrento, exclame ás vezes desesperado : — *Ah! mon Diê, que drôle de conversación!* Então, vão gostando ou não vão?! Pois isto ainda não é nada, agora vamos ao meu casal das sympathias, vamos ao meu Vallote! Ah! Vallote! Vallote! *(Imita-o em uma das scenas representadas no Alcazar.)* Ah! como são engraçadas aquellas luvas chronicas que elle costuma a trazer! Como são engraçadas! *(Ri, imitando-o.)* Agora vou fazer uma imitação de um angú musical que eu ouvi elle fazer no *cantor de ruas.* Oh! como é bello! Como provoca o riso! *(Ri, imitando-o.)*

Sentado á margem do rio
Chorando a minha miseria,
Veio uma onda e me disse :
Destas quatro, seu bemzinho, que ficáram?
Foram duas á funcção;
Deu-lhe o *tangro-ro-mangro* nellas,
Acabou-se a geração.

Sentei praça na Bahia,
Desembarquei no Pará,

P'ra commandar as fileiras
Da minha amante yáyá.

(*Trovador*)
(*Riquiqui do Alcazar*)
(*Mascate Italiano*)

Carolina que as horas contava
Meia noite, murmura e estremece,
Lança os olhos além da janella
Branca lua no céo apparece.
Minha pobre, não me embaça,
Póde muito bem servir,
Inda é moça e reforçada
Deixe a vida de pedir;
Deixe a vida...
Amas tu, Marco formosa,
Em um salão deslumbrante
A symphonia ruidosa
Que pular faz os dansantes,
Não, não.
Marco, que amas então?

Pancada, bofetada e canellão,
Tudo isso não é nada
Para um homem de feição,
Alto frente!

(*Marco Viscontti*).

Quero fugir-te, mas não posso, virgem,
Pois sou captivo d'um poder sublime;
Quero fugir-te, mas fatal vertigem
Me dobra o corpo como a brisa o vime

Viva Garibaldi,
Compadre *compadrone*;

Victor Emmanuel,
Que *manja macarroni*.

Agora só falta dar aos senhores a sobremesa; sim, senhor, a sobremesa!... Esta minha scena foi um lauto jantar, que eu dei aos senhores, e vejam como o meu talento culinario estabeleceu as iguarias; os senhores comeram sopa de *Fiorelli*, miudos de carneiro com salada *Blanche* Vallote de cabidella!

Agora vou fazer uma surpreza,
Para dar-vos tambem a sobremesa!

Vou ver se arranjo lá dentro umas coisas para que os senhores vejam que a sobremesa é digna de tal jantar! (*Para a orchestra.*) Os senhores façam o intervallo.

(*A orchestra toca até ouvir a campainha — Anselmo sahe vestido de mulher, canta e dansa o Chicô.*)

Chicô, chicoquendô,
Batifole, rupimpô;
Chicô, chicoquendô,
Batifole, rupimpô. (*bis*)

Je suis connue, partout cité
Pour ma gaité et ma franchise,
Batifoler est ma devise,
C'est pourqoui l'on m'a surnommé.

Chicô, etc., etc.

(*Dansa. No meio do seu enthusiasmo a mulher acorda e grita.*)

MULHER, *dentro*. — Que barulho é esse ahi na sala!

ANSELMO, *desapontado*. — Oh! Diabo! tinha-me esquecido que era casado! Vou metter-me em baixo do fogão.

INDICE

PRIMEIRA PARTE

RECITATIVOS

SEGUNDA PARTE

DIALOGOS E MONOLOGOS

TERCEIRA PARTE

CANÇONETAS

QUARTA PARTE

SCENAS DRAMATICAS

QUINTA PARTE

SCENAS COMICAS

PARIS. — TIP. H. GARNIER, 6, RUE DES SAINTS-PÈRES. 363.8.1901.